



EM 2025

# Casos de incêndio em vegetação têm queda de 22% na Paraíba

Mais da metade dos registros feitos pelo Corpo de Bombeiros ocorreu no Sertão do estado. **Página 7**

Foto: Evandro Pereira



## Exposição ao sol exige atenção redobrada de trabalhadores

Alta incidência de radiação ultravioleta durante o verão pede cuidados adicionais a pessoas que ganham o sustento com atividades ao ar livre. Além do uso de protetor solar e de roupas adequadas — que previnem contra os raios ultravioletas —, a ingestão de líquidos é essencial para evitar episódios de desidratação.

**Página 5**

## TRE-PB prepara-se para a agenda de prazos das Eleições 2026

Calendário, ações da Justiça Eleitoral e movimentação partidária antecipam a disputa deste ano, que levará mais de 3,2 milhões de eleitores paraibanos às urnas em outubro.

**Página 13**

## Lindolfo Pires destaca 2025 como ano histórico para o esporte no estado

Secretário de Juventude, Esporte e Lazer aponta recorde de medalhas nos Jogos Escolares, consolidação do Paraíba World Beach Games e ampliação de ações de inclusão social.

**Página 21**

## Gérard de Cortanze detalha seu novo livro sobre Frida Kahlo

Escritor francês é um dos maiores especialistas na vida e na obra da pintora mexicana e conversou com **A União** sobre o lançamento de “Viva Frida”, que chegou recentemente ao mercado editorial brasileiro.

**Página 9**

■ “Foi ali, naquele largo tantas vezes deformado, que aprendi a gostar da cidade. E a valorizar dons e comportamentos que vão do espírito dos seus filhos ao ouro dos seus paus-d’arco”.

Gonzaga Rodrigues

**Página 2**



Imagem: Divulgação/Planeta

Foto: Carlos Rodrigo



## Fragmentos que contam a história do artesanato paraibano

Mosaicos ganham protagonismo no 41º Salão do Artesanato, que reúne tradição, arte e identidade popular.

**Página 8**



# Editorial

## No tempo de Sivuca

A música diz muito da vida de seu autor ou autora, mas não diz tudo. Aliás, a arte, de qualquer natureza, não tem compromisso exclusivo com biografias nem com a realidade social concreta. A liberdade poética, no caso da música, por exemplo, pode confrontar a sintaxe e o plausível com o intuito de transmitir a quem a ouve efeitos sonoro-semânticos oriundos de sonhos, pesadelos ou reflexões metafísicas de quem a compôs.

A entrevista exclusiva ou coletiva, concedida por artistas da música a jornalistas, escritores, professores, estudantes ou pesquisadores também conta muito da vida de quem está respondendo às perguntas, mas não está, necessariamente, atrelada por completo à verdade ou conforma uma espécie de dicionário biográfico de um cantor, compositor ou intérprete, cujos verbetes dariam conta de um cosmo existencial.

Já os discos (tantos os objetos em si quanto seus conteúdos sonoros e narrativos), os livros, os instrumentos musicais, as fotografias, os documentos pessoais — ou seja, o acervo material e simbólico deixado por um determinado cantor, compositor e instrumentista — podem compor um retrato o mais fiel possível de um artista quando morto. Um conjunto de bens, portanto, com o poder de fazer renascer pela memória.

O introito em três parágrafos tem a intenção de chamar atenção para a importância do convênio, no valor de R\$ 1,2 milhão, assinado pelo governador João Azevêdo e pela reitora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Terezinha Domiciano. Com esses recursos, a UFPB reformará e adequará o prédio que abrigará, neste ano, o Memorial Sivuca, localizado na Av. Presidente Getúlio Vargas, 125, Centro, em João Pessoa.

Sede da antiga Fundação José Américo, quase em frente ao Liceu Paraibano, o memorial colocará à disposição de quem quiser conhecer melhor a vida e a obra de Sivuca um acervo composto por cerca de 10 mil peças, doado pela viúva do artista, Glória Gadelha. São instrumentos musicais, partituras, objetos pessoais, fotos e documentos do autor de grandes sucessos, como “João e Maria” e “Feira de Mangaio”.

Severino Dias de Oliveira, celebrado pelo cognome “Sivuca”, nasceu na cidade paraibana de Itabaiana, no dia 26 de maio de 1930, e faleceu em João Pessoa no dia 14 de dezembro de 2006. Era considerado pela crítica “um músico completo”, por ser multi-instrumentista, maestro, arranjador, compositor, orquestrador e cantor. Imortalizou-se no panteão da fama por suas canções, alinhadas com o cancioneiro popular e erudito.

# Artigo

Rui Leitão  
iurleitao@hotmail.com

## O governo neoliberal de FHC

O sociólogo Fernando Henrique Cardoso, eleito pelo PSDB — Partido da Social Democracia Brasileira —, deixou explícito, ainda antes de sua posse, em janeiro de 1995, que seu governo se orientaria por um projeto político de matriz neoliberal. Inaugurava-se, assim, o período do chamado “reformismo neoliberal”, marcado pela redução sistemática da intervenção estatal, em detrimento de políticas estruturantes de desenvolvimento social.

A eleição de FHC foi apresentada como o coroamento da transição político-institucional para a democracia. Contudo, mais do que representar um avanço democrático substantivo, sua ascensão ao poder refletiu a consolidação de um pacto entre as elites políticas e econômicas, interessado em assegurar a continuidade do programa de estabilização econômica nos marcos do capitalismo globalizado. O próprio discurso do presidente indicava a intenção de romper com os arranjos históricos entre Estado, sociedade e economia, herdados da Era Vargas, substituindo-os por um modelo de governança subordinado às lógicas do mercado. Nesse contexto, sua candidatura foi gestada para viabilizar um governo comprometido com a agenda liberal dominante, em oposição ao projeto apresentado por seu principal adversário, Luiz Inácio Lula da Silva, que defendia a ampliação do mercado interno, a inclusão social das camadas historicamente marginalizadas e a manutenção do Estado como indutor do desenvolvimento nacional.

A Constituição Federal de 1988 representava um obstáculo significativo à implementação desse projeto. Elaborada sob a égide da redemocratização, a Carta Magna consagrava princípios do Estado de bem-estar social e atribuía ao Estado um papel central na promoção do desenvolvimento e na garantia de direitos sociais. Para viabilizar sua agenda, o governo Fernando Henrique Cardoso promoveu um intenso processo de revisão constitucional, por meio da aprovação de emendas que fragilizaram os fundamentos sociais da Constituição, adequando-a às exigências do liberalismo econômico.

O eixo central do reformismo neoliberal foi um amplo programa de desesta-

tização, que promoveu a privatização de empresas estratégicas e, em muitos casos, altamente lucrativas, como a Companhia Vale do Rio Doce e o sistema Telebras. O processo de privatização implicou a transferência de ativos públicos para o controle do capital privado, frequentemente estrangeiro, com questionamentos quanto à transparência, aos valores envolvidos e aos reais benefícios para a sociedade brasileira.

No campo do trabalho, os efeitos do receituário neoliberal foram particularmente severos. A flexibilização das relações trabalhistas, a ampliação da terceirização e a precarização do emprego resultaram no aumento do desemprego estrutural e da informalidade, ao mesmo tempo que enfraqueceram a capacidade de organização e resistência do movimento sindical. O chamado “príncipe dos sociólogos”, ao aplicar políticas alinhadas ao Consenso de Washington, promoveu a liberalização comercial e financeira e reduziu drasticamente o papel do Estado na economia. Embora tenha alcançado a estabilidade da moeda, seu governo deixou como legado o aprofundamento das desigualdades sociais, a elevação da dívida pública e a fragilização de instrumentos históricos de proteção social.

“

Mais do que representar um avanço democrático substantivo, sua ascensão ao poder refletiu a consolidação de um pacto entre as elites políticas e econômicas

# Opinião

## Foto Legenda



À espera das cores

# Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

## O aviso dourado

Não vi ou foi muito escasso o aviso dourado dos paus-d’arco neste Natal. Também não tenho saído ou não tenha o que ver nos lugares que me confundiam com eles. E os lugares não valem apenas por si ou pelo postal que, antes da *internet*, serviam ao turismo. Valem, isto sim, pelo que estão impregnados de nós, pelas afinidades com as nossas vidas. O Ponto de Cem Réis, morada espiritual de sucessivas gerações, continua frequentado, mas quem vou encontrar? Todos se foram. E era nele, ouvindo companheiros que encarnavam o espírito de minha geração, onde me sentia animado a exercitar meu arremedo de crônica. Até então era ela incerta em meu ânimo fixado no batente de A União e de O Norte. Minha ambição era a de repórter e redator com aquele automatismo redacional do grande Dulcído Moreira, correspondente de O Estado de S. Paulo, o texto escrito em qualquer lugar, na redação ou na mesa do Café Alvear, e quase simultâneo com o fato. Crispim e Nonato chegaram a isso. Eu tinha que me esconder no Aurélio à procura da palavra própria.

Foi ali, naquele largo tantas vezes deformado, que aprendi a gostar da cidade. E a valorizar dons e comportamentos que vão do espírito dos seus filhos ao ouro dos seus paus-d’arco. Normalmente, quando o ano vem bom de inverno, aberto com todas as flores e frutas do verão, o pau-d’arco solta o aviso dourado a começar da Lagoa. A manchete mais à vista abre-se logo à frente do Liceu. Nenhum olhar fica indiferente ao chamado desse arauto das entranhas da terra e dos mistérios das nuvens. Quando ele aparece, perpassa em nosso íntimo um cheiro de roupa nova que parece depender desse toque externo para acordar e ressurgir. Pena que demore pouco.

Que foi que houve este ano? Não consta que o PIB aumentou? Que o desemprego arrefeceu? Que o combate à fome retomou sua prioridade?

A natureza é superior e sempre estará a resistir às agressões dos que tentam mudar o seu ciclo ou as suas leis.

Fui vizinho, aqui no Expedicionários, do dr. Gabriel Farias, um dos que elevaram o

“

A natureza é superior e sempre estará a resistir às agressões dos que tentam mudar o seu ciclo ou as suas leis

nome da Paraíba agrícola numa fase boa de governo. Sua granja, um meio hectare na avenida que dá nome ao bairro, era um mostruário das possibilidades do nosso clima no trato da fruticultura. Cultivava de laranja-pera a jabuticaba, pinha, estas duas próprias do semiárido. A laranja-pera ou pera do Rio, de suco delicioso, era succulenta, a casca fina. Tivemos campos de fruticultura em Espírito Santo e laranjais na vizinha Santa Rita, que, juntos à Fazenda São Rafael, hoje *campus* da universidade, abasteciam o nosso Mercado Central. É possível que os avisos florais do Natal pouco tenham a ver com isso, mas duvido que se encontre em nossa Ceasa de hoje uma laranja-pera que o bagaço não usurpe toda a metade. É a fruta fora do seu ciclo natural, forçada quimicamente a cobrir todos os meses do ano.

A manga está entre as frutas mais saborosas da nossa região, rica e frondosa, sem escolher terreno rural ou urbano, a espada, a manga-rosa e a rosari as mais deliciosas. Com o sabor natural, a safra ainda está para vir. A floração que veio a partir de outubro foi radicalmente levada por uma chuva quente que, em seu lugar, deixou-nos a gripe. Acontece, mas não é anos seguidos como vem ocorrendo. Fabricam-se frutas em vez de agricultá-las.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL  
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



**William Costa**  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

**Naná Garcez de Castro Dória**  
DIRETORA PRESIDENTE

**Amanda Mendes Lacerda**  
DIRETORA ADMINISTRATIVA,  
FINANCEIRA E DE PESSOAS

**Rui Leitão**  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

**Gisa Velga**  
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

**Renata Ferreira**  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500  
E-mail: [circulacao@epc.pb.gov.br](mailto:circulacao@epc.pb.gov.br) (Assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: Anual ..... R\$404,25 / Semestral ..... R\$202,12 / Número Atrasado ..... R\$4,00

CONTATO: [redacao@epc.pb.gov.br](mailto:redacao@epc.pb.gov.br) / [ouvidoria@epc.pb.gov.br](mailto:ouvidoria@epc.pb.gov.br)

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



FINANCIAMENTO

# BNB ajuda agricultores a diversificar produção

*Banco oferece linhas de crédito para a agricultura familiar, com juros reduzidos*

Pedro Alves  
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Muitos trabalhadores do campo estão tendo suas atuações desenvolvidas e transformadas na Paraíba. É o caso de Wamilton Oliveira dos Santos, indígena da cidade de Marcação, no Litoral Norte da Paraíba. O agricultor indígena desenvolve há anos atividades no campo, ao lado da família, em uma extensa área de terras tradicionais. A relação com a agricultura começou ainda na infância, quando acompanhava os pais no manejo da lavoura e aprendia, na prática, a importância da terra para a subsistência, para a cultura e para a economia da comunidade.

Hoje, a produção transforma-se em um modelo que combina tradição e inovação. Embora a plantação da cana-de-açúcar continue sendo uma de suas principais fontes de renda, o produtor largou mão da monocultura. Foi a partir desse pensamento que o agricultor procurou a agência do Banco do Nordeste (BNB) em João Pessoa e conseguiu financiamento para diversificar a sua produção.

“Ajudou bastante esse crédito que o BNB concedeu. Com ele, investi em terra, sementes de melhor qualidade e financiei um carro para facilitar no transporte das mercadorias do campo para casa e para o comércio”, explica Wamilton.

Com essa visão, passou a investir em outras culturas, implantando lavouras que ajudam a equilibrar a produção, ampliar as possibilidades de comercialização e reduzir os riscos típicos de quem depende de um único cultivo. Agora, além da cana-de-açúcar, ele planta abacaxi, milho, melancia, mandioca, coco e feijão-verde, diversificando substancialmente a sua produção.

Atento às transformações do campo, o agricultor também incorporou novas formas de aprendizado à sua rotina. Sem abandonar os ensinamentos transmitidos pela família, busca constantemente informações e técnicas modernas,



Foto: Divulgação

*Agora, os trabalhadores também investem em outras culturas, como milho, melancia e inhame*

acompanhando tendências, estudando práticas de manejo mais eficientes e observando experiências de outros produtores.

Essa combinação entre conhecimento tradicional e atualização tecnológica tem garantido melhores resultados e ampliado a qualidade de sua produção.

A estratégia de diversificar culturas não beneficia apenas sua propriedade e o consumo da família. Ela contribui para fortalecer a segurança alimentar de mais pessoas da região e gera mais alternativas de comercialização.

“Eu vendo cana-de-açúcar para as usinas. Inhame, batata, milho, melancia e feijão, eu vendo para pessoas venderem em outras cidades ou para o Po-

der Público. E outra parte eu também vendo na minha cidade, para as pessoas próximas, na porta das pessoas”, explicou o produtor.

### Prêmio

Em novembro deste ano, alguns produtores foram premiados por conta de suas atividades, em virtude de iniciativas inovadoras, de sustentabilidade, de agricultura familiar ou de protagonismo familiar.

Em comum? As oportunidades de créditos oferecidas pelo Banco do Nordeste (BNB), que também concedeu esse reconhecimento aos paraibanos e paraibanas do campo que transformam a realidade não só de suas famílias, mas do seu entorno. Superintendente do BNB, Rodrigo Araújo

destaca que o banco tem o compromisso de transformar o campo e gerar desenvolvimento nos estados em que atua.

“O Banco do Nordeste é uma excelente escolha para os pequenos produtores porque oferece linhas de crédito específicas para a agricultura familiar, com condições diferenciadas, juros reduzidos e prazos adequados à realidade do semiárido nordestino. Outro diferencial é o compromisso do BNB com o desenvolvimento sustentável e regional. O banco não apenas concede crédito, mas também promove assistência técnica e articulação entre produtores, fortalecendo cadeias produtivas e incentivando práticas inovadoras”, garante o Rodrigo.

## Na PB, até novembro, banco investiu R\$ 950 mi

O BNB destaca-se como uma instituição financeira que auxilia pequenos e médios produtores rurais. A atuação do banco abarca toda a Região Nordeste e ainda o Espírito Santo e o norte de Minas Gerais. Um dos serviços mais importantes é o Agroamigo. O Programa de Microfinança Rural do Banco do Nordeste busca melhorar o perfil social e econômico das famílias do campo.

Por meio de seus agentes de microcrédito, atende a milhares de agricultores e agricultoras familiares enquadrados no Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Den-

tro do Agromigo, há possibilidades de crédito com foco em melhorar a infraestrutura hídrica dos empreendimentos, apoios para atividades realizadas por mulheres em áreas rurais e até uma para geração de energia solar no meio rural.

Na Paraíba, até novembro, o banco investiu cerca de R\$ 950 milhões em financiamentos rurais, sendo mais R\$ 750 milhões em agricultura familiar, impulsionando a produção, fortalecendo o agronegócio no estado e garantindo oportunidades para mais de 50 mil produtores.

“O banco assume uma posição de liderança e compro-

misso com o desenvolvimento do setor agropecuário na Paraíba. Mesmo representando apenas 10% da rede bancária do estado, concentramos 73% do volume total de crédito rural na Paraíba até agosto de 2025, segundo dados do Banco Central. Tudo isso sustentado por uma base sólida de clientes que confiam no nosso trabalho e reforçam nossa missão de transformar o campo e gerar desenvolvimento”, analisou Rodrigo.

O Banco do Nordeste também disponibiliza linhas de crédito voltadas para médios e grandes produtores rurais, principalmente para expansão e modernização das ativi-

dades agropecuárias. Entre as principais opções, destacam-se programas como o FNE Rural, que utiliza recursos do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE) para apoiar projetos de investimento e custeio agrícola e pecuário.

Programa de Microfinança Rural busca melhorar o perfil social e econômico das famílias do campo

## Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

## Primeiro Sol

O ano começa sob um céu que não é de festa, mas de vigília. Há um silêncio peculiar nesta primeira manhã, um intervalo entre o estouro dos últimos fogos de artifício e o retorno pleno do mundo. A xícara de café esquenta as mãos, o vapor sobe como um fio tênue de esperança. Do lado de fora, a mesma rua, a mesma árvore, o mesmo pássaro cantando em um fio. Tudo igual, e tudo profundamente diferente. Porque carregamos, entranhada na alma, a pergunta que não cala: o que será de nós em 2026?

Os prognósticos chegam em manchetes duras como granito: guerras que não se apagam, mas se multiplicam em novos mapas de dor. O clima, outrora assunto de almanaque, agora é um personagem temperamental e furioso, arrastando casas, colheitas e certezas. E as pessoas, tantas pessoas, em movimento forçado, batendo às portas não com a mão estendida para cumprimentar, mas para suplicar abrigo. São os três cavaleiros do nosso presente, ecoando em telas e consciências.

Diante desse quadro, é tentador fechar a janela. Abraçar o desalento como uma roupa quente no inverno. Dizer que 2026 será apenas mais um capítulo de uma tragédia anunciada e que nosso papel é apenas o de espectadores atordoados.

Mas é justamente aqui, neste preciso instante de angústia, que o começo de ano exerce seu mistério e sua força. Ele não é um voto de blindagem contra a realidade. É um suspiro fundo antes do trabalho.

“A esperança para 2026 não é uma ilusão colorida. É uma decisão. É a escolha de ver, no cataclismo climático, não só a enchente, mas também as mãos que constroem diques e semeiam mangues. É lembrar que, por trás da palavra monstruosa “guerra”, existem infinitas histórias de coragem civil, de jornalistas, de médicos, de cozinheiras que mantêm, contra toda a lógica, uma chama de humanidade acesa. É entender que a “crise de imigração” só é crise para quem vê fronteiras, e não rostos; e que, em cada

história de deslocamento, há também uma saga de resistência que Homero não imaginou.

2026 não definirá o resto da humanidade num grande evento espetacular. Ele será definido por nós, nos pequenos palcos do cotidiano. Será definido no modo como tratamos o colega de trabalho, o espaço público, a informação que compartilhamos. Será forjado no supermercado, quando escolhemos o produto local, na assembleia de condomínio, quando defendemos a acolhida, na conversa difícil com quem pensa diferente, quando optamos pela escuta em vez do grito.

O que será de 2026? Será o que fizermos dele. Será o ano em que, talvez, entendamos de vez que a “humanidade” não é uma abstração distante. É o senhor Afonso que varre a calçada e cumprimenta todos pelo nome. É a dona Marinalva que coordena a coleta de doativos para os desabrigados das chuvas. É o jovem que, cansado do ódio nas redes, planta uma árvore e posta sua foto, não a de um insulto.

Este primeiro Sol do ano ilumina os mesmos problemas. Mas ilumina também as mesmas mãos capazes de costurar, construir, acariciar e consertar. O desafio de 2026 não é esperar por um salvador ou por um milagre cósmico. É reconhecer que o heroísmo necessário tem a escala humana do dia a dia. É perceber que o antídoto para o macro está no micro; que a paz mundial é um mosaico feito de milhões de gestos de paz doméstica, comunitária, civil.

Que este ano, portanto, não nos encontre passivos. Que nos encontre ativos. Com a esperança colada não no céu, mas na sola do sapato. Caminhando. Fazendo. Acreditando que a próxima página da história humana ainda está em branco, e a caneta está, coletivamente, em nossas mãos.

Vamos escrever.





Foto: Carlos Rodrigo

# André Motta

Ouvidor-geral do Estado

## “A coisa mais importante de uma gestão é saber ouvir”

*Em entrevista, gestor conversou sobre a dinâmica do trabalho no órgão e a função social da rede de ouvidorias na Paraíba*

Pedro Alves  
pedroalvesjp@yahoo.com.br

Se tem um auxiliar de governo que tem como a maior missão escutar os anseios da população é André Motta, ouvidor responsável por comandar a Ouvidoria-Geral do Estado da Paraíba. Natural de Campina Grande, André comanda uma rede de 150 ouvidorias no estado, que recebe demandas como reclamações, denúncias, sugestões e elogios da população, com a missão de buscar resoluções e mostrar caminhos para que o cidadão e a cidadã sejam cada vez mais bem atendidos pelos serviços públicos.

André Motta está à frente da Ouvidoria-Geral desde 2023 e se diz feliz por fazer parte de uma gestão que tem como um grande princípio ouvir o povo para, a partir disso, formular políticas públicas e soluções. Formado em Direito e em Ciências Políticas, o gestor tem colocado a sua experiência à disposição da Ouvidoria-Geral. Em entrevista ao jornal **A União**, Motta conversou sobre a dinâmica do trabalho no órgão e a função social da rede de ouvidorias na Paraíba.

## A entrevista

■ *O que é a Ouvidoria-Geral do Estado e o que faz um ouvidor?*

Somos um órgão com a preocupação e a legitimidade de escutar o cidadão, para ele saber que a sua reclamação, a sua denúncia, vão ser tratadas de forma adequada por um órgão específico. Isso possibilita uma gestão muito mais eficiente para a população. A Ouvidoria-Geral do Estado trabalha com quatro tipologias de demandas: denúncias, sugestões, reclamações e elogios. E, no que tange a área da Saúde e da Segurança Pública, nós trabalhamos também com informações. A reclamação é algo mais simples, vamos dizer assim. Um procedimento que não foi feito no tempo certo e o cidadão quer apenas registrar, por exemplo. A denúncia é quando você tem algo de contornos mais amplos, que necessita de alguma investigação, que prescinde de algum procedimento. Nós fazemos o procedimento de, por exemplo, receber essas denúncias e encaminhar para os órgãos, porque muitas vezes o cidadão não sabe o caminho para percorrer para ser ouvido. A Ouvidoria facilita isso, é um canal que unifica e permite que o cidadão tenha como, em um clique, fazer a sua reclamação, a sua denúncia ou o seu elogio, que será recebido e tratado. Nós recebemos a demanda e o cidadão consegue acompanhar, com um número de protocolo. A partir disso, ele sabe todas as informações do que foi feito ou não foi feito com aquele procedimento. São cerca de 25 mil procedimentos por ano. E esse número é crescente ano a ano. O que nos dá uma sinalização extremamente positiva. Porque, a partir do momento em que você tem números crescentes, demonstra que a população reconhece que a ouvidoria está funcionando. O cidadão pode fazer qualquer uma dessas demandas pelo *site* da Ouvidoria-Geral do Estado: ouvidoria.pb.gov.br. O cidadão tem o direito de receber uma resposta do Estado em um prazo de 20 dias em caso de denúncias. Já em relação a reclamações e sugestões, o prazo é de 10 dias. Nós trabalhamos muito, neste ano, na qualidade da resposta.

■ *Qual é a principal missão da Ouvidoria-Geral?*

Acho que a missão tem a ver com isso de se aproximar e poder ser legítimo com algo que é de todos. Quan-

do a gente fala em Ouvidoria, a gente sempre fala em democracia, em democratizar o serviço público. E hoje não se pode falar mais em democracia sem participação popular. O governador João Azevêdo sempre frisa isso. A primeira coisa mais importante de uma gestão é saber ouvir. E eu fico envaidecido quando ele fala isso, porque diz respeito diretamente aos serviços da Ouvidoria. É importante frisar como os outros órgãos do governo veem hoje a Ouvidoria. Não há mais uma questão de Ouvidoria como um órgão distante das entidades. Nossa maior preocupação foi ter esse cuidado de fazer visitas institucionais, de dialogar com os secretários e as instituições. Nesse sentido, nós temos um apoio irrestrito de todas as secretarias, de todos os órgãos do Governo do Estado, compreendendo que a Ouvidoria é uma solução e não é um problema. No momento em que a Ouvidoria, por meio de dados, diz que há mais reclamação em um determinado setor do que em outro, permite ao gestor atuar para sanar aquele problema. Se você tem algum problema numa escola, se você tem algum problema num hospital, em tal atendimento, a gestão ganha com as informações da Ouvidoria para poder agir. Nosso trabalho parte de democracia, eficiência, participação e legitimidade. Nossa missão é construir tudo isso.

■ *Quais os tipos de manifestações mais comuns que chegam à Ouvidoria? Dá para ter uma dimensão sobre quais são as maiores reclamações dos paraibanos e das paraibanas?*

Geralmente nós temos mais reclamações em setores que são mais demandados pelo povo, como órgãos como Cagepa e Detran. Há também reclamações em relação à Saúde e à Educação, que são serviços comuns a muita gente. Quase todo mundo tem o filho estudando numa escola ou necessita de um serviço de saúde. Então é comum você ter esse tipo de demanda dessa natureza. Mas a Ouvidoria trata de absolutamente tudo. Eu brinco que às 7h eu recebo algum encaminhamento de um buraco. Às 8h é um problema em uma escola, de algum tipo de equipamento que não está funcionando. Às 9h horas é um exame que está faltando ser realizado. É essa a rotina da Ouvidoria.

Isso tudo chega às secretarias de uma maneira ou de outra. O nosso sistema permite que você faça reclamação para a Ouvidoria-Geral do Estado, e aí fazemos o encaminhamento, ou pelas outras ouvidorias específicas, o que acaba sendo mais interessante para todos, porque gera um ganho de tempo para a demanda. Porque o ouvidor de uma secretaria ou de um órgão, por exemplo, já sabe qual é o caminho para agilizar o processo e a eventual solução. Isso facilita muito o tempo de resposta.

■ *Quanto tempo em média leva para uma demanda ser respondida?*

Nós temos um tempo médio de 12 a 13 dias de resposta nas demandas. Tem, obviamente, demandas que carecem de outros procedimentos. Um pedido, por exemplo, de uma estrada, nós vamos ter que averiguar junto ao órgão responsável se há licitação ou não na área que foi descrita. Uma reclamação que diz respeito a uma conduta inadequada de um servidor, nós temos que encaminhar para o conselho de ética, para corregedoria, para que seja aberto um processo administrativo e disciplinar. Então a Ouvidoria é muito utilizada como um canal para você saber a quem a pessoa vai se dirigir.

■ *É possível fazer denúncias de forma anônima?*

Sim. O cidadão, quando vai fazer o registro, ele clica num ícone, numa aba, e diz que quer que o registro fique anônimo, para que nós possamos tratar o assunto desse modo. E aí, obviamente, fazemos todo o tratamento com uma maior cautela. Porque, quando a pessoa não quer se identificar, às vezes, é por conta de alguma particularidade que merece um melhor encaminhamento. Então há essa possibilidade sim. No entanto, é importante diferenciar o que é anônimo e o que é sigilo. Todos os procedimentos da Ouvidoria são sigilosos. Para garantir que o cidadão, evidentemente, não se exponha e não seja objeto de nenhuma reclamação por força de um procedimento da Ouvidoria. Como eu disse, como nós tratamos de dados sensíveis, a gente precisa ter esse cuidado com o que é exposto, para quem vai e para quem não vai as informações.

■ *As demandas que a Ouvidoria recebe, sejam reclamações, denúncias ou elogios, auxiliam na construção de políticas públicas?*

Nós temos, por força de decreto inclusive, a obrigatoriedade de encaminhar relatórios. Então é muito comum, inclusive, que sugestões do cidadão sejam atendidas e encampadas pelos gestores. Às vezes, a gente percebe que é possível tirar um procedimento que não tem necessidade, que pode melhorar um atendimento, por exemplo. Ou um novo serviço que está disponível na Casa da Cidadania porque houve uma sugestão. Já recebemos vários relatos de secretarias que nos passaram a informação que determinada sugestão foi incorporada ao trabalho, como eliminar uma etapa de um processo ou melhorar algo a partir de uma demanda do cidadão. Os gestores estão tendo essa leitura cada vez mais, até porque faz

parte de um orientação geral do governador João Azevêdo. O governador sempre diz que o nosso papel é de ouvir o cidadão, porque quem está na ponta, o cidadão que recebe o serviço público, é quem sabe efetivamente o que funciona e o que não funciona. Eu diria que a Ouvidoria é o pulmão do governo. Isso gera uma legitimidade governamental muito grande. Nós temos uma facilidade e uma dinâmica muito oportuna, que é o fato de nós trabalharmos numa rede estadual de ouvidorias. Nós temos mais de 150 ouvidores, o que dá uma capilaridade, uma velocidade de resposta muito grande. Nós estamos fechando o relatório de fim de ano, por exemplo, e nós imaginamos que devemos chegar a cerca de 28 mil procedimentos no ano, com um grau de resolutividade de mais de 85%. Esse é um dado que é muito positivo.

■ *Qual é o maior desafio hoje na Ouvidoria?*

A ouvidoria não para. Ela tem uma natureza contínua. Nós temos essa leitura de que quanto mais conseguimos ter a confiança da população, mais seremos demandados. É algo normal, a partir de que o órgão passa a ter mais legitimidade com o cidadão e a cidadã. Nós precisamos sempre trabalhar isso e ampliar essa comunicação. Nós temos que estar onde o cidadão está. É importante estar participando dos eventos do Governo do Estado, estar nessas feiras, nos congressos, nas secretarias de Saúde, de Educação, no Detran. Nesses órgãos que são mais demandados. Nós temos agora a Ouvidoria Digital, que vai permitir ao cidadão ver alguém quando for fazer a reclamação de maneira remota. Às vezes, as pessoas não procuram a Ouvidoria porque a impessoalidade fica muito marcada. A pessoa não quer fazer um registro apenas formal. Não acredita que vá funcionar. Mas, quando vê alguém, passa a ter confiança. Nós temos sempre essa leitura de ampliar o espaço de divulgação. Estamos, por exemplo, fazendo a propaganda nos estádios. Então, nas partidas do futebol paraibano, estão lá informações sobre a Ouvidoria. Participamos do Salão do Artesanato, com a chamada “Ouvidoria Itinerante”. Neste ano estivemos com o estande da Ouvidoria no 39º Salão do Artesanato, em João Pessoa, e no 40º Salão do Artesanato, em Campina Grande, fazendo o atendimento, orientando a população e, como eu disse, cuidando da qualidade da resposta.

■ *Como a tecnologia tem contribuído para a atuação da Ouvidoria?*

É muito bom esse avanço tecnológico que temos. Alguns órgãos fazem atendimento até pelo WhatsApp. Nós temos ouvidorias que trabalham com o atendimento pelo WhatsApp. O que também permite ao cidadão ter um acesso rápido, efetivo e eficaz nas suas demandas. O *site* é muito intuitivo e muito fácil. Com dois cliques, você abre o *site*, escolhe a Ouvidoria que quer, faz a reclamação e é gerado um protocolo. Então é tudo muito simples, acessível e fácil. O nosso tempo de resposta é tão bom que nós temos gerado uma satisfação e temos gerado a confiança do cidadão. Então

eu sempre vejo, com muito orgulho, quando nós estamos em eventos públicos e alguém diz: “Olha, André, fiz uma reclamação, fiz um registro e fui atendido em tempo recorde”. Nós fazemos esse encaminhamento, tudo registrado, tudo transparente, de forma que o cidadão tenha acesso fácil, rápido e eficaz. Neste ano, nós implementamos a Ouvidoria Digital, onde o cidadão vai poder fazer a reclamação direto, ao vivo, através de um *link* do Zoom. Então o cidadão vai poder fazer essa reclamação com uma pessoa ouvindo. O cidadão do Catolé do Rocha, o cidadão de Monteiro, onde não tem uma ouvidoria presencial ligada à rede, vai poder fazer essa reclamação com uma pessoa que ele pode ver. E estamos também implantando a Ouvidoria Simplifique, uma parceria com a Secretaria de Estado de Modernização, que vai permitir o cidadão fazer sugestões de melhorias de procedimentos.

■ *Quais os avanços que a Ouvidoria pretende implementar nos próximos anos?*

A Ouvidoria, pela natureza dela, não pode parar. Então nós sempre temos essa preocupação. Terminamos, por exemplo, o ano de eventos, mas em janeiro já temos o Salão do Artesanato, em João Pessoa. E nós estaremos lá, participando com o nosso estande, com a nossa estrutura da Ouvidoria. Nós temos sempre tentativas de melhorar algumas coisas do sistema, coisas pontuais. Por exemplo, na semana passada, nós atualizamos todas as informações da rede de contatos da Ouvidoria, para que o cidadão possa olhar lá no *site* detalhes da Ouvidoria do Detran, da Ouvidoria do Hospital de Trauma, da Ouvidoria do Hospital de Monteiro e conseguir ter acesso ao telefone, *e-mail*, e endereço. Trabalhamos muito com a Codata e com a Secretaria de Modernização. São parceiros muito fortes da Ouvidoria-Geral do Estado, para que a gente possa melhorar os procedimentos, dar maior velocidade, dar melhor *feedback* aos gestores, para que eles possam tratar aquelas demandas e poder efetivar e transformar aquela demanda da Ouvidoria em soluções para o cidadão.

■ *Qual mensagem você deixa para quem ainda não utiliza os canais de Ouvidoria?*

É importante ter confiança principalmente no comando firme de uma gestão que quer ouvir o cidadão. Nossa gestão é preocupada com a implementação e com a concretização de políticas públicas e quer democratizar os espaços de governo. Só por meio de uma gestão que tem esse perfil, de entender que o cidadão é a primeira visão do que nós queremos, é que você pode ter a confiança. Enquanto Ouvidoria-Geral do Estado, nós podemos assegurar que o cidadão tem um caminho, um canal e vai ter uma resposta. A Ouvidoria tem uma equipe responsável para dar o andamento e dar o tratamento devido às reclamações das pessoas. O nosso papel é esse, acolher o cidadão, compreendendo que ele é o fim do nosso procedimento. O governador João Azevêdo tem uma condução muito forte nesse sentido. A ordem é sempre ouvir.



VERÃO

# Trabalhar sob o sol exige cuidados

Uso de protetor solar, roupas adequadas e hidratação são essenciais para quem passa o dia sob altas temperaturas

Bárbara Wanderley  
babiwanderley@gmail.com

O verão chegou e, com ele, as altas temperaturas e a alta incidência de radiação ultravioleta. Em João Pessoa, é um período em que as praias costumam ficar cheias e quem trabalha nessa região vê o faturamento aumentar, mas passar o dia no sol tem suas dificuldades e, sem cuidado, o trabalhador pode acabar passando mal.

Vendedor ambulante, Victor Gabriel trabalha na areia da praia, mas faz questão de se proteger completamente do sol. Mangas compridas, sapato fechado, luvas, chapéu, óculos escuros e até uma espécie de máscara de tecido, que cobre parcialmente o rosto, fazem parte do seu arsenal, além, é claro, do protetor solar. “A gente tem que se lembrar que o Brasil é pioneiro, infelizmente, em câncer de pele”, disse ele.

Dados do Ministério da Saúde apontam que os tumores na pele são o tipo de câncer mais comum no país,

## Índice

**Dados do Ministério da Saúde demonstram que os tumores na pele são o tipo de câncer que mais acontece no Brasil, representando 30% dos casos diagnosticados da doença**

chegando a representar 30% de todos os casos da doença registrados no Brasil. É importante lembrar que não só pessoas de pele clara estão sujeitas à doença.

O calor também pode levar à desidratação, por isso o vendedor de passeios turísticos Marcelo Santos, que trabalha na região do Busto de Tamandaré, contou que acaba gastando de R\$ 15 a R\$ 20 diariamente comprando água mineral para consumir enquanto trabalha. Além disso,



Fotos: Leonardo Ariel

Profissionais que atuam nas ruas e praias relatam dificuldades e cuidados para manter a saúde em dias de calor extremo

ele afirma que tem três tipos de farda para trabalhar, com blusas de mangas compridas e chapéus grandes. “Nós dependemos do sol para trabalhar mas temos que nos proteger das consequências ruins dele”, disse.

Edilson Soares realiza serviços em diversos condomínios e, para isso, locomove-se de moto pela cidade, então acaba se expondo muito ao sol. “Uso bastante protetor solar, blusa de proteção a raios ultravioleta [UV], ainda uso luvas, que protegem também bastante, mesmo assim, antes de colocar a luva, ainda passo protetor solar e me hidrato bem. Isso é o que eu procuro fazer no meu dia a dia”, disse.

Ele destacou ainda que, quando não está com o capacete da moto, usa chapéu. “E tem que ter sempre uma garrafinha de água, né? Sempre estou me hidratando, porque é muito calor. Como eu trabalho muito em condomínios, sempre, quando eu chego, me hidrato. Se não, eu não aguento”, afirmou. Ele lembrou que já chegou a se sentir mal em um dia muito quente e acredita que o problema foi causado por desidratação. “Já aconteceu algumas vezes. Aí tem que parar numa sombra, beber bastante água, dar um tempo ali para recuperar. Mas o que

eu percebi foi exatamente a falta de beber água”.

Outro profissional que já precisou parar um pouco devido ao calor excessivo foi o motorista por aplicativo José Fernando. Isso porque, embora tenham uma relativa proteção do sol, o interior dos veículos fica muito quente. “O termômetro do carro está marcando 35 °C aqui dentro, isso torna o trabalho muito desgastante. Eu tento usar muito ar-condicionado, mas tem certos momentos aqui que nem o equipamento ajuda”, comentou.

José Fernando destacou ainda, que o uso do ar-condicionado tem suas desvan-

tagens, pois consome mais combustível e tende a ressecar a pele. “A gente tem que usar um hidratante”, contou. Além disso, o motorista frisou que não dá para esquecer o protetor solar e mostrou que o braço esquerdo, que fica do lado da janela, estava bronzeado, com uma diferença de cor entre a parte do braço que fica coberta pela camisa e a parte que fica exposta.

Quando questionado se já precisou parar de trabalhar por conta do calor, ele respondeu que sim relatando o ocorrido: “Eu passei mal e tive que encostar o carro para descansar um pouquinho”, lembrou.

## Bombeiros reforçam segurança nas praias durante alta estação

A chegada do verão também intensifica o trabalho dos guarda-vidas, do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba. “Na verdade, antes do verão, a gente já começa a intensificar o trabalho. Meados de setembro, depois das chuvas, geralmente aumenta muito o fluxo de turistas. Então, a partir de setembro, a gente já começa a intensificar o trabalho, com dezembro sendo o nosso foco,

a partir da abertura da Operação Verão”, disse o capitão Demilson.

Segundo ele, a maior demanda para esses profissionais são os casos de afogamento, mas isso depende um pouco da praia. Nas praias de Tambaú e Cabo Branco, por exemplo, que costumam ser mais lotadas, uma ocorrência comum é a de crianças perdidas. “Às vezes crianças se perdem, às vezes os pais

estão um pouco desatentos ali, muitas vezes por conta de bebida alcoólica e gera essa celeuma na qual a gente atua”, contou.

Outra questão são as queimaduras causadas por caravelas que, segundo ele, são comuns no mês de janeiro. Além disso, também há as ocorrências de primeiros socorros por desidratação, calor e até ansiedade. “As pessoas estão com ansieda-

de ali, ou então por insolação também, as pessoas às vezes desidratam, vão para a praia, não usam roupa adequada, não passam um protetor. A gente orienta a usar sempre chapéu, malhas que prote-

gem, são coisas que evitam; levar uma água de coco, uma água, principalmente se tiver criança”, aconselhou.

As regras também se aplicam aos próprios bombeiros que estão trabalhando na

praia. “A gente trabalha com isso, então utilizamos malhas, chapéu, óculos escuros, protetor solar. Recebemos tudo pela corporação e utilizamos diariamente para tentar minimizar os danos do sol”.

## Saiba Mais

### ■ Partes do corpo mais expostas

- Rosto;
- Couro cabeludo;
- Orelhas;
- Nuca;
- Lábios;
- Dorso das mãos.

### ■ Cuidados importantes

#### • Protetor Solar

Ele é indicado para todos os tipos de pele. No entanto, é preciso cuidado na escolha do fator de proteção. Quanto mais sensível a pele, maior o fator de proteção.

#### • Hidratação

Altas temperaturas fazem o corpo inchar ainda mais os pés de quem caminha pela construção, pelo asfalto etc. Tomar água ao longo do dia mantém a temperatura do corpo estável e evita desgaste físico.

#### • Alimentação

Durante longas jornadas de trabalho no sol é importante estar bem alimentado para

evitar pressão baixa, tonturas, dores de cabeça e outros sintomas de fraqueza.

A exposição prolongada aos raios solares pode trazer complicações severas em longo prazo para a saúde dos seus colaboradores. Isso porque, com o passar do tempo, é possível desenvolver o câncer de pele — o que pode passar despercebido pelos trabalhadores, já que a condição se apresenta como pequenas pintas ou manchas na pele; aqueles que estão expostos ao sol constantemente precisam ser conscientizados sobre a necessidade de acompanhamento de novas manchas, recebendo o incentivo de analisar se há algum tipo de problema que mereça uma avaliação médica.

■ **Outras condições de saúde podem surgir durante as atividades realizadas em exposição aos raios solares, tais como:**

- Desidratação;

- Insolação;
- Queimaduras na pele;
- Ressecamento da pele;
- Tonturas.

### ■ Equipamentos de proteção individual (EPIs) indispensáveis para o trabalho no sol

É importante estar atento aos principais EPIs que devem ser utilizados durante a execução de atividades expostas à radiação solar. Confira os principais a seguir:

- Óculos de proteção;
- Capacetes;
- Roupas adequadas para a proteção contra a radiação solar (blusas de manga longa, calças compridas, chapéus com aba larga em casos em que o capacete é dispensável, entre outros).

O uso de EPIs para trabalho no sol é um dos pontos que auxiliam na proteção dos trabalhadores, evitando que eles adoeçam, tanto em curto prazo quanto em longo prazo.



Edilson protege-se com luvas e roupas com proteção UV



Afogamentos e crianças perdidas são alguns fatores que intensificam a atuação dos agentes profissionais



SAÚDE MENTAL

# Esquizofrenia exige cuidado contínuo

*Tratamento adequado permite que pessoas com transtorno mental estudem, trabalhem e tenham vida ativa*

Emerson da Cunha  
emerson.auniao@gmail.com

Conviver com um familiar que enfrenta um transtorno mental pode ser desafiador, mas o apoio da família e das políticas públicas é fundamental para a aceitação da condição e a adesão ao tratamento. O irmão da jornalista e doutoranda em Comunicação Mabel Dias vive com esquizofrenia, um transtorno com o qual a pessoa precisa conviver ao longo da vida. A doença costuma surgir na juventude ou no início da vida adulta e tem como principais sintomas alucinações, como ouvir vozes, delírios — caracterizados por falsas crenças — e desorganização do pensamento.

No caso do irmão de Mabel, outros sinais também manifestaram-se. Segundo ela, os primeiros sintomas apareceram por volta dos 17 anos, mas inicialmente a família não conseguiu identificar do que se tratava. “Ele começou a se isolar da família e das pessoas. Nós o levamos ao psiquiatra, mas demorou um tempo até que o diagnóstico fosse confirmado. Só depois disso ele foi, realmente, diagnosticado com esquizofrenia”, relata Dias.

Atualmente, o irmão de Mabel faz acompanhamento pelo Centro de Atenção Psicossocial (Caps) Davi Capistrano, onde recebe os medicamentos necessários ao tratamento. Segundo ela, a medicação é fundamental para que ele tenha hoje uma vida mais plena. “Ele consegue realizar suas atividades normalmente, porque uma pessoa com transtorno mental pode ter uma vida como qualquer outra, desde que existam condições adequadas, tanto



Ilustração: Bruno Chiosi

Diversos equipamentos do Sistema Único de Saúde, na Paraíba, garantem atendimentos contínuos e humanizados para pessoas com transtornos mentais

no âmbito familiar quanto por parte do Estado e dos governos, com assistência psicológi-

ca, psiquiátrica, atendimento e atividades”, destaca. Complementando que as pessoas

com esquizofrenia, ou qualquer outro transtorno mental, podem trabalhar, estudar e levar uma vida considerada normal.

Para o atendimento de casos como o do irmão da jornalista, o Sistema Único de Saúde (SUS) dispõe da Rede de Atenção Psicossocial (Raps), que reúne equipamentos e procedimentos do serviço público de saúde, tanto para situações de emergência quanto para tratamentos de médio e longo prazo. De acordo com

## Raps

**Rede que reúne instituições do serviço público, tanto para situações de emergência quanto para procedimentos de médio e longo prazo**

o diretor-geral do Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, Tércio Ramos, a rede é formada pelas Unidades de Saúde da Família (USFs), Unidades de Pronto Atendimento (UPAs), Centros de Atenção Psicossocial (Caps), Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), hospitais gerais e, no âmbito estadual, pelo próprio Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira. Todos esses serviços podem funcionar como porta de entrada para o atendimento desses pacientes.

## Pasm é a principal referência para atendimentos em casos de surtos

Em situações de surto, a principal referência em João Pessoa é o Pronto Atendimento de Saúde Mental (Pasm), localizado no Complexo Hospitalar de Mangabeira Tarcísio de Miranda Burity, no bairro de Mangabeira. A informação é da enfermeira e gerente de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas do município, Alessandra Gomes. O atendimento pode ocorrer por demanda espontânea no próprio local. Além disso, a pessoa em surto ou quem esteja com ela pode acionar o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), cujo primeiro atendimento é realizado por telefone. Se necessário, uma ambulância ou motoambulância pode ser enviada para antecipar o cuidado, inclusive com a possibilidade de solicitação de uma ambulância avançada.

Após o atendimento inicial, os casos podem ser encaminhados diretamente ao Pasm ou, quando houver intoxicação por medicamentos ou situações em que o paciente esteja machucado ou ferido, a referência passa a ser o Hospital de Ortopedia de Mangabeira, também situado no complexo hospitalar. Concluído o tratamento clí-

nico, o paciente retorna para o acompanhamento psiquiátrico no Pasm.

Outra porta de entrada para situações de surto são as Unidades de Pronto Atendimento (UPAs). Nesses locais, são realizados os primeiros cuidados, com a possibilidade de transferência para uma avaliação mais detalhada. A depender da gravidade e da necessidade, o encaminhamento também pode ser feito para o Pasm.

### Pós-acolhimento

No Pasm, que dispõe de leitos de observação, o acolhimento pode ocorrer por até 72 horas. Após esse período, o paciente pode ser encaminhado para uma policlínica, por meio da regulação realizada pela Unidade de Saúde da Família (USF) do seu território. Em outros casos, a situação pode demandar acompanhamento pelos Centros de Atenção Psicossocial (Caps), e o encaminhamento é feito diretamente.

Segundo Alessandra Gomes, se ao final do período de permanência no Pasm a equipe identificar a necessidade de acolhimento em regime de 24 horas em um Caps, o próprio serviço reali-

za o contato e garante a vaga. “Quando não há necessidade de acolhimento integral, o usuário recebe o encaminhamento com a indicação de qual Caps deverá ser atendido”, explica.

Outra possibilidade de encaminhamento é para o Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira. De acordo com a gerente, caso o paciente não apresente estabilização do quadro no Pasm, ele pode ser acolhido no complexo para um tratamento mais intensivo, incluindo internação. O Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira também oferece, em regime de portas abertas, serviços de práticas integrativas e complementares.

■ **Caso o quadro não seja estabilizado o paciente pode ser encaminhado para o Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira**

## Unidade de Saúde da Família acolhe demandas fora de situações de crise

Quando a pessoa apresenta alguma demanda relacionada à saúde mental, seja por suspeita de transtorno ou em situações que não configuram crise, as Unidades de Saúde da Família (USFs) são as principais portas de entrada, especialmente por estarem mais próximas do território onde o usuário reside. Esses serviços acolhem diferentes tipos de demandas, incluindo as de saúde mental.

De acordo com o diretor-geral do Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, Tércio Ramos, a regra geral é que a unidade de saúde da família seja o primeiro ponto de atendimento, podendo encaminhar o paciente para outros serviços da rede. “No caso da saúde mental, o encaminhamento ocorre prioritariamente para os Centros de Atenção

Foto: Arquivo pessoal

A foto é um retrato de Tércio Ramos, um homem com cabelo curto e óculos, vestindo uma camisa branca e um blazer escuro. Ele está sorrindo e olhando para a câmera. A foto é circular e está sobreposta a um fundo cinza com uma citação em branco.

**No caso da saúde mental, o encaminhamento ocorre, prioritariamente, para os Centros de Atenção Psicossocial**

Tércio Ramos

Psicossocial, que são o ponto focal desse tipo de cuidado em se tratando da Rede de Atenção Psicossocial”, explica.

Os Caps, por sua vez, funcionam tanto por meio de encaminhamento quanto por demanda espontânea, permitindo que as pessoas procurem diretamente esses serviços. Em João Pessoa, a rede conta com o Caps Infantojuvenil Cirandar, o Caps AD Davi Capistrano, o Caps Caminhar e o Caps Gutemberg Botelho. A definição do local de acompanhamento depende da avaliação médica: se o caso se enquadrar no perfil de atendimento do Caps, o seguimento é realizado nesse serviço; caso contrário, o paciente é encaminhado de volta à Unidade de Saúde da Família, onde o tratamento ocorre de forma mais territorializada.



CONTROLE DE CHAMAS

# Casos de incêndio caem 22% em 2025

Levantamento estadual indica avanço no combate ao fogo, mesmo durante o período mais crítico de estiagem

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A Paraíba registrou, em 2025, uma redução de 22% nos incêndios em vegetação atendidos pelo Corpo de Bombeiros Militar do estado (CBMPB). Até o dia 15 de dezembro, foram contabilizadas 2.976 ocorrências do tipo, em todo o território paraibano, contra 3.806 atendimentos registrados ao longo do ano retrasado.

A queda chama atenção por ocorrer em um cenário historicamente favorável à propagação do fogo: o período de estiagem, que combina clima seco, baixa umidade e altas temperaturas. De acordo com o CBMPB, o resultado está relacionado ao planejamento operacional antecipado, ao reforço das ações preventivas e ao monitoramento contínuo das áreas mais vulneráveis do estado, garantindo uma melhor resposta aos desafios climáticos.

Embora os números indiquem um avanço importante no combate aos incêndios florestais, eles também pedem uma leitura cuidadosa. Segundo o coronel Saulo Alves Laurentino, presidente da Comissão de Gestão de Incêndios Florestais e comandante do 3º Comando Regional de Bombeiro Militar (CRBM), o cenário positivo de 2025 é resultado da combinação de fatores climáticos menos severos e medidas reforçadas de prevenção e combate ao problema. “Vale ressaltar que 2024 foi um ano recorde de incêndios no Brasil, com áreas queimadas muito acima da média histórica”, observa.

Áreas mais afetadas

De acordo com o relatório do CBMPB, o fogo segue concentrado no interior da



Até 15 de dezembro de 2025, os bombeiros atenderam a 2.976 ocorrências; em 2024, foram 3.806

Paraíba e, justamente, no período mais crítico do ano, de agosto a novembro, quando se registrou o maior volume de ocorrências. No fim de novembro de 2025, por exemplo, 18 municípios paraibanos estavam em situação de emergência por enfrentarem um longo período de estiagem, de Bananeiras a Barra de São Miguel, passando por Jericó, Gado Bravo e São José dos Cordeiros. Na prática, onde o clima seco é mais severo e a vegetação está mais ressecada, o fogo encontra menos resistência para avançar.

Não por acaso, no ano passado, o Sertão respondeu por mais da metade dos registros de incêndio no estado,

com 1.499 atendimentos — 50,5% do total, conforme o Corpo de Bombeiros. Na sequência, aparecem as regiões do Litoral, com 723 registros, da Borborema, com 609, e do Agreste, onde o 4º CRBM contabilizou 145 ocorrências.

Como explica o coronel Saulo Laurentino, essa prevalência sertaneja está ligada a uma vulnerabilidade estrutural observada na área. “O clima semiárido severo, a vegetação de Caatinga, altamente inflamável na estiagem, o uso recorrente do fogo, ligado à cultura da utilização do solo, além de propriedades rurais extensas e da escassez de recursos hídricos, tornam a região intrinse-

camente mais vulnerável ao fogo”, detalha a autoridade.

Por outro lado, o recorte dos dados por município ajuda a desfazer a imagem de que os incêndios em vegetação são um problema restrito à Zona Rural. Para se ter ideia, João Pessoa é a cidade que lidera o ranking de ocorrências em 2025, com 450 atendimentos, seguida por Patos (401 casos), Campina Grande (353), Cajazeiras (337) e Sousa (226). Ou seja, os números mostram que as áreas urbanas e periurbanas (zonas de transição entre o campo e a cidade) também fazem parte do problema.

Isso acontece porque, assim como no interior, utiliza-



Foto: Roberto Guedes



Foto: Divulgação/CBMPB

-se o fogo para limpar terrenos baldios, mas, no contexto urbano, o excesso de mato e o acúmulo de resíduos inflamáveis acabam aumentando o risco de incêndios. “O avanço demográfico em áreas recém-habitadas da Região Metropolitana também traz consigo os efeitos antrópicos da urbanização, favorecendo o aumento desses indicadores”, complementa o coronel do CBMPB.

■ Zonas urbanas são destaque no ranking de queimadas: João Pessoa lidera a lista anual, com 450 episódios

## Atividades agrícolas irregulares contribuem para número de focos

Para além das questões climáticas, o fator humano segue, não à toa, sendo determinante na equação que resulta em incêndios no estado. Levantamentos anteriores do próprio Corpo de Bombeiros mostram que a maioria dos casos registrados no Sertão paraibano não é provocada intencionalmente, mas causada pelo uso do fogo, de forma clandestina e recorrente, para preparo do solo e para a limpeza de terrenos e pastagens.

A prática, como alerta o coronel Saulo Laurentino, é considerada crime ambiental. Conforme o comandante do 3º CRBM, mais de 90% dessas ocorrências poderiam ser evitadas com mudanças simples de atitude: “Não utilizar fogo no período de estiagem, descartar corretamente os resíduos e respeitar a legislação ambiental”. Vale lembrar que uma queima pontual pode originar um incêndio de grandes proporções, já que o clima seco favorece a propagação das chamas. “Essas ações individuais têm

impacto significativo na redução dos incêndios em vegetação”, pontua.

Do mesmo modo, as características naturais da região sertaneja, com fortes ventos, altas temperaturas, baixa umidade e chuvas escassas, também dificultam — e muito — o trabalho das equipes de combate ao fogo. É nesse ponto que a prevenção torna-se uma estratégia de especial importância. Desde setembro de 2025, a Operação Queimadas vem reforçando a atuação dos bombeiros quanto a episódios desse tipo, com planejamento operacional antecipado, posicionamento estratégico de viaturas, aplicação de recursos em formações técnicas e intensificação de ações educativas.

Na avaliação de Saulo, essa abordagem contínua contribui para explicar os resultados obtidos no ano passado. “O Corpo de Bombeiros tem avançado de forma exponencial nos últimos anos, com investimentos em capacitação, tecnologias, equipamentos e ope-



Foto: Divulgação/CBMPB

O CBMPB tem avançado de forma exponencial, com aportes em equipamentos e operações especiais

Saulo Laurentino

rações específicas nos períodos mais críticos. A parceria com órgãos ambientais estaduais e federais também tem sido fundamental para esses avanços”, detalha.

## Cursos aprimoram a capacidade dos agentes para situações complexas

No campo da capacitação do Corpo de Bombeiros paraibano, o preparo do efetivo acompanha a complexidade dos cenários enfrentados no estado. A corporação tem ampliado o número de cursos, treinamentos e participações em eventos técnicos, no Brasil e no exterior, fortalecendo a atuação dos agentes em situações cada vez mais extremas.

“A cada ano, nossos bombeiros militares estão mais capacitados e mais bem equipados para lidar com esses desafios”, afirma o comandante do 3º CRBM. Iniciativas como o Estágio de Combate a Incêndio Florestal (Ecif) reforçam essa direção, ao preparar as equipes para ocorrências de maior complexidade, com o apoio do Grupamento Tático Aéreo (GTA), da Secretaria de Estado da Segurança e da Defesa Social (Sesds) e da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas). A lógica é simples, mas poderosa: quanto maior o preparo, maior

a capacidade de resposta.

Esse avanço também se reflete na estrutura disponível para o combate às chamas. Equipamentos específicos passaram a integrar, de forma mais consistente, a rotina das equipes do CBMPB, como bombas costais, viaturas próprias para resgates e abafadores — fundamentais para con-

ter o avanço das chamas em áreas de difícil acesso. Além disso, em municípios onde se observam situações mais críticas, viaturas-tanques assumem um papel especialmente estratégico, não apenas no combate direto aos incêndios, mas também no apoio à população, durante os períodos mais severos de estiagem.



Foto: Divulgação/CBMPB

Equipes ganharam o reforço de ferramentas estratégicas



ARTE DO MOSAICO

Fragmentos que contam histórias

Homenageados no Salão do Artesanato Paraibano, que começa nesta semana, mosaicistas celebram reconhecimento

Joel Cavalcanti  
cavalcanti.joel@gmail.com

O mosaico é uma linguagem simbólica de reconstrução e permanência. Fragmentos de diferentes formas, cores e origens unem-se para formar imagens, símbolos e memórias coletivas. É esse o conceito que inspira o 41º Salão do Artesanato da Paraíba — que, neste ano, presta homenagem aos mosaicistas, artistas que transformam pedaços dispersos em obras que resistem ao tempo e criam um reflexo da própria história da arte popular paraibana.

O evento, inaugurado na próxima quinta-feira (8), ocorrerá até o dia 1º de fevereiro, na orla de João Pessoa, em uma área totalmente redesenhada para receber os visitantes. A nova edição da feira deve reunir 580 expositores, sendo 450 com Carteira Nacional do Artesão, além de produtores da agricultura familiar e empreendedores criativos que integram a cadeia do artesanato. Com expectativa de receber mais de 100 mil visitantes e movimentar R\$5 milhões em vendas, ao longo de todo o período de funcionamento na capital paraibana, o Salão é considerado o maior evento de valorização do fazer manual na Região Nordeste.

Assinada pelo designer Sérgio Matos, a cenografia do espaço-sede foi pensada para traduzir visualmente o conceito da homenagem



Foto: Carlos Rodrigo

Cristiane e Tereza Cristina integram o grupo de 10 artesãos que serão laureados na programação do evento, na capital

■ Nova edição da feira deve reunir 580 expositores e espera receber mais de 100 mil visitantes

aos mosaicistas. Na entrada, uma instalação de grande dimensão recria o processo de montagem de um mosaico: extensos painéis formados por fragmentos de cerâmica colorida misturam-se a peças de vidro, madeira e metal, representando a diversidade de matérias-primas e estilos utilizados pelos artesãos paraibanos.

De acordo com Marielza Rodriguez, gestora do Programa do Artesanato Paraibano (PAP), a escolha do tema é uma forma de reconhecer a importância e a profundidade de uma técnica que, apesar de estar amplamente presente no cotidiano das cidades, ainda é pouco identificada como expressão artística regional.

“O mosaico é parte da nossa paisagem. Está nas praças, nos monumentos, nas fachadas, nas igrejas e até nos calçadões das praias. Mas nem sempre as pessoas conhecem quem faz, como faz e o valor cultural que isso representa. A homenagem vem para dar rosto, voz e história a esses artistas.



Foto: Evandro Pereira

O mosaico é parte da nossa paisagem. A homenagem vem para dar rosto, voz e história a esses artistas

Marielza Rodriguez

Carreiras nasceram como lazer e terapia

Uma das histórias a serem reverenciadas no evento é a da artesã Cristiane Maranhão Galdino, conhecida como Cris, que vive e trabalha no bairro José Américo, em João Pessoa. Há 10 anos, ela e sua companheira, Tereza Cristina, decidiram mudar completamente de vida ao descobrir, por acaso, o mosaico. “Tereza viu um vídeo no YouTube e disse: ‘Vou fazer isso aqui’. Comprou as ferramentas, começou a testar e eu entrei na onda. Foi paixão à primeira vista. Nunca mais paramos. Hoje, vivemos do mosaico e ele vive em nós”, relata Cris, cercada de instrumentos e peças coloridas no ateliê que montou em casa.

O início da jornada foi desafiador, marcado por muita experimentação e pouco reconhecimento, conforme lembra a artesã. “No começo, as pessoas achavam que era uma coisa de improviso, feita com resto de material. Não viam o valor artístico e técnico por trás. Mas o mosaico é uma arte de precisão, de paciência e sensibilidade. A gente escolhe cada fragmento, cada cor, cada linha. É como pintar com cacos. É uma arte milenar e eternizante”, destaca.

Hoje, o acervo que Cris e Tereza mantêm em casa é até pequeno, pois tudo que elas produzem é vendido muito rapidamente. Para Cris, o reconhecimento do Salão do Artesanato Paraibano é uma peça que estava faltando para que os mosaicistas

ganhassem mais visibilidade. “É a primeira vez que a gente é olhada com tanto carinho. A homenagem vai mostrar que o mosaico não é sobra, é arte. E que cada pedacinho carrega a energia de quem o coloca ali”, ressalta.

Projeto social

Entre os homenageados, também está Andrea Bronzeado Cahino de Almeida, que se dedica à técnica há 19 anos. O que começou como uma forma de terapia pessoal evoluiu para um trabalho social transformador: o projeto Mosaico

nas Ruas, que envolveu jovens em situação de vulnerabilidade e foi desenvolvido em parceria com a Prefeitura Municipal de João Pessoa e o Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB).

“Eu dava aula para menores carentes e para jovens em conflito com a lei. O mosaico servia como uma ferramenta de recomeço. Muitos seguiram comigo depois que saíram do programa. Era um resgate pela arte. O mosaico traz tranquilidade, dá tempo para pensar na vida e despertar o senso de pertencimento”, conta Andrea.

Os painéis produzidos por ela e por seus alunos mudaram o cenário urbano de João Pessoa. Obras espalhadas por pontos emblemáticos da cidade — como o Viaduto do Cristo Redentor (conhecido como “Sonrisal”), o Farol do Cabo Branco e diversos muros — tornaram-se marcos visuais e afetivos. “Cada painel tem um pedacinho de cada aluno, de cada história. É uma forma de eternizar a passagem deles por ali. Quando passo nesses lugares e vejo as peças ainda intactas, sinto que valeu a pena”, revela a mosaicista.



Casal passou a dedicar-se à técnica por meio de um vídeo no YouTube; hoje, o acervo que mantém em casa é pequeno, porque suas obras são rapidamente vendidas



Fotos: Carlos Rodrigo

Grupo troca experiências e participa de oficinas

Promovido pela curadoria do Salão do Artesanato Paraibano, o encontro entre os 10 artistas que serão reverenciados durante o evento deu origem a uma nova rede de trocas e colaborações. “Muitos mosaicistas não se conheciam. Agora, estamos trocando técnicas, materiais e experiências. É uma conexão que o Salão possibilitou”, celebra Andrea.

Juntos, eles ainda participaram de etapas preparatórias para a feira, como uma oficina criativa de mosaico fotográfico, ministrada em novembro do ano passado, pelo artista plástico pernambucano Wilson Luiz. A capacitação foi viabilizada pelo PAP, com o intuito de contribuir com o conjunto de habilidades do grupo de homenageados.

“Wilson Luiz domina o mosaico em várias técnicas e, quando a gente o conheceu na Fenearte [Feira Nacional de Negócios do Artesanato], viu uma grande oportunidade de os mosaicistas aprenderem com ele essa técnica [de fotografia no mosaico], que é muito peculiar e que, certamente, vai valorizar muito o trabalho dos nossos artesãos, inclusive com novos nichos de mercado”, observou, à época, Marielza Rodriguez, gestora do PAP.

Essência

O mosaico, com sua na-

tureza de fragmentos, representa de forma simbólica a essência do próprio artesanato paraibano: uma arte feita de união, de identidades diversas e de saberes transmitidos entre gerações.

Com o tema “Mosaico — Arte em Cada Parte”, a programação do Salão deste ano também contará com oficinas, ensinando técnicas básicas de corte e montagem em mosaico cerâmico, além de rodas de conversa com os homenageados e apresentações culturais. Reafirmando, mais uma vez, que a cultura popular é o mosaico mais vibrante da Paraíba.

Além de Cristiane Galdino, Tereza Cristina e Andrea Cahino, a lista de mosaicistas laureados inclui Wallace Verçosa, Maria Lúcia, Antônio Jacob, Terezinha Catena, Hosana Batista, Francisca Ramalho Diniz e Luís Carlos Pereira Damasceno.

■ Entre as etapas preparatórias para o Salão, artesãos reuniram-se em uma capacitação em mosaico fotográfico



LITERATURA

# O mundo de Frida Kahlo

O escritor francês Gérard de Cortanze conversa com A União a respeito de seu novo livro sobre a artista mexicana

Renato Félix  
renatofelix.correio@gmail.com

Uma artista singular, com um estilo inteiramente próprio e uma vida que tanto dialoga diretamente com sua obra quanto provoca interesse por si só. A mexicana Frida Kahlo tornou-se, ao longo das últimas décadas, uma grande referência, sendo tema de diversos estudos e biografias. Um novo livro chegou recentemente ao mercado brasileiro: *Viva Frida* (Planeta, 464 páginas, R\$ 96,90) é de autoria do francês Gérard de Cortanze, um dos maiores especialistas na vida e na obra da pintora. “Digo que este livro não é uma biografia, nem um ensaio, nem um romance, mas tudo isso ao mesmo tempo”, resume, em conversa com A União.

Dos muitos livros no mercado sobre Frida Kahlo, Cortanze escreveu nada menos que cinco. “O primeiro foi uma biografia no verdadeiro sentido da palavra: narrei sua vida”, explica ele. O segundo contou a história de como, por puro acaso, ele encontrou uma caixa contendo uma coleção inédita de centenas de fotografias tiradas por Gisèle Freund, de 1950 a 1952, de Frida e seu marido, Diego Rivera — estão entre as últimas de Frida, que morreu em 1954.

“O terceiro narra, em forma de romance, o improvável e tórrido caso entre Trotsky e Frida em 1937”, prossegue. Este saiu no Brasil, também pela Planeta, como *Frida e Trótsky — A História de uma Paixão Secreta*. O quarto é uma reconstrução de eventos e encontros que permearam a vida de Frida e influenciaram sua obra. “Eu acrescentaria também uma peça de teatro, *Un Amour de Fri-*

*da Kahlo*, além de um documentário radiofônico e dezenas de artigos”.

Então veio *Viva Frida*, que foi finalista do Prêmio Goncourt de Biografia em 2023. “Eu queria reunir 45 anos de reflexões sobre Frida em um livro que fosse como uma espécie de bíblia”, diz o biógrafo. “O livro é cronológico e temático. Dessa forma, podemos acompanhá-la do nascimento à morte, mas também identificar os principais temas: Frida e a Revolução Mexicana, Frida e o Surrealismo, Frida e a religião, Frida e o sangue, e assim por diante”.

Cortanze propôs-se a tentar uma nova maneira de ver Frida Kahlo e de tentar compreender sua realidade

de. “Cada capítulo do meu livro ecoa as próprias palavras de Frida — lidas e relidas em seu diário, em sua correspondência, nas legendas de suas pinturas, entrevistas e declarações — porque estas são tão importantes para compreendê-la quanto sua pintura, retratam uma artista apaixonada pela liberdade”.

Gérard de Cortanze foi apresentado à arte de Frida Kahlo pelo poeta Carlos Fuentes. “Tive que esperar até 1992, ano da primeira exposi-

ção de algumas de suas pinturas na França, para ver seu trabalho”, recorda. “Mas não me considero um ‘especialista’ nas pinturas de Frida Kahlo. Sou, antes de tudo, um escritor que encontrou ressonâncias com o meu próprio mundo na obra dela”.

Ainda assim, ele comenta que a obra de Frida é uma “pintura de imediatismo”. “Ela nos envolve, podemos amar sem o filtro do intelecto, criada por uma mulher de extraordinária modernidade”, analisa. “E que poder emana dessas pequenas telas! Numa época em que a arte mexicana era dominada por murais, Frida pintava quadros de cavalete, relatando seu dia a dia”.

Buscando um estilo simples e claro, *Viva Frida* tenta esclarecer as muitas lendas sobre Frida Kahlo. “Ao longo de vários anos, documentos vieram à tona e peças que faltavam no quebra-ca-

beça foram encontradas, permitindo uma compreensão mais precisa e acurada”, diz o autor. “Frida é capaz, em apenas alguns meses, de se tornar uma pessoa completamente diferente. Desaparece seu medo infantil de não ser boa o suficiente, desaparece aquela falta de autoconfiança. Que prazer é chocar os hipócritas! Não se esqueça que, nesta sociedade mexicana tão machista, é muito difícil existir sendo mulher, e ainda mais sendo uma pintora, uma mulher criativa cujo marido é um ícone cultural”.

A vida e a obra de Frida Kahlo se misturam intensamente como acontece com poucos artistas. “O infame acidente de 1925 é fundamental para entender Frida, pois, a partir desse imenso sofrimento, nasceu uma nova Frida, autônoma, que transformou seu desastre em vitória”, conta Cortanze. Em 1925, a pintora sofreu um grave acidente quando o ônibus em que estava se chocou contra um bonde. Ela teve o abdômen e o útero perfurados e o pé triturado, entre outros ferimentos.

“Não a matou, mas a fortaleceu”, diz o biógrafo. “Nasceu uma nova Frida, que faria amor com homens de sua escolha. Que seria insaciável, porque, quanto mais fazia amor, mais se sentia viva e verdadeiramente existente. Uma Frida que faria amor com mulheres, porque, quanto mais fazia amor com mulheres, mais se sentia viva e verdadeiramente existente. Seu compromisso político com o Partido Comunista derivava da mesma abordagem. Quando marchava pelas ruas da Cidade do México à frente de manifestações de protesto, ela existia com ainda mais força. Ao se comprometer, ela viveria com ainda mais plenitude. Ela dizia: ‘Viver é o propósito central da minha vida’. Sua luta pela vida ressoa hoje como um grito de guerra: nunca desista”, afirma.

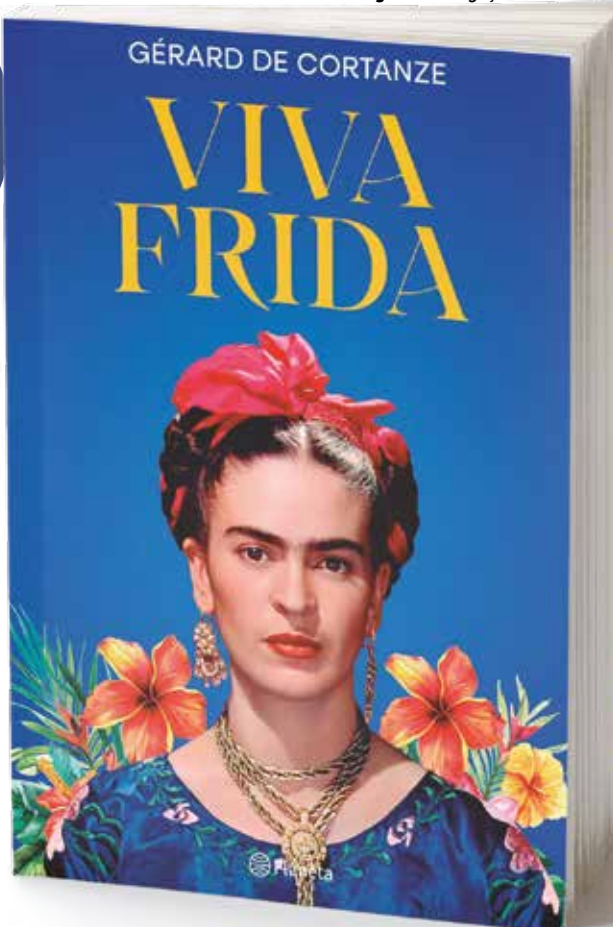


Foto: Christian Bourgeois/Divulgação

**Suas palavras são tão importantes para compreendê-la quanto sua pintura: retratam uma artista apaixonada pela liberdade**

Gérard de Cortanze

Imagens: Divulgação/Planeta



*“Viva Frida” é o segundo livro de Gérard de Cortanze (no alto) sobre a pintora publicado pela Planeta. O primeiro foi “Frida e Trótski”*



# Artigo

Estevam Dedalus  
Sociólogo | Colaborador

## “Se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo”

“Se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo”. Essa frase é de Voltaire. Um dos meus escritores favoritos. Nem por isso estou inclinado a aceitá-la. Não é por meio do princípio de autoridade que se vence um debate. O argumento de Voltaire sustenta-se na ideia de que sem Deus não existiria certo e errado. A vida se tornaria um caos. Sem freios morais, o egoísmo prevaleceria. A crença em Deus seria indispensável para abrandar nossos corações. Diminuir conflitos. Produzir afetos. Solidariedade. Um senso de justiça. Sem ela a sociedade, tal qual conhecemos, seria impossível.

Voltaire exagera um pouco na tinta, mas não deixa de ser verdade que a religião é grande criadora de moralidade e sentido. Há várias formas de demonstrar. Nesse aspecto, gosto das ideias de outro francês: Émile Durkheim. Seus argumentos são mais sociológicos que filosóficos, com destaque para a importância atribuída aos rituais religiosos na criação da ordem social.

Rituais são importantes por ligarem as pessoas. Isso é fácil de entender. Podemos pensar em membros de uma torcida organizada que vestem o mesmo tipo de roupa, cantam hinos, rugem palavras de ordem, seguem as mesmas regras e são apaixonados pelo mesmo time. Tais experiências dariam a essas pessoas uma “consciência comum”. O mesmo acontece com as religiões e seus rituais repletos de emoção e moralidade; profundamente marcados pela rotura entre o sagrado e o profano.

Durkheim observa outro detalhe importante: “não há sociedade sem ideias”.

São elas que fornecem sentido e unidade ao mundo. Sua fonte primária seria os rituais, mas elas podem ganhar relativa autonomia; serem modificadas ou mesmo alterar as relações sociais. As ideias exercem o mesmo efeito agregador dos rituais com a vantagem de ter um alcance mais geral, pois não necessitam do contato direto entre as pessoas. Os símbolos são um exemplo. O crucifixo tem um significado que ultrapassa o “aqui e agora”, como a bandeira nacional é algo que nos une enquanto povo.

Até aqui fica a sensação de que tudo o que disse pode ser usado para abonar as palavras de Voltaire. É preciso levar em consideração, porém, que as religiões não são a única fonte de moralidade. Esse argumento ganha força quando entramos no mundo fascinante da cultura. No menor grupo existirá algum sistema de regras e um sentimento moral. Isso vale até mesmo para grupos de criminosos como as máfias, gangues e piratas que geralmente são vistos como imorais.

A antropóloga Karina Biondi é autora de uma pesquisa interessantíssima sobre o PCC. Ela percebeu como a organização apoiava-se num senso de moralidade que inclui princípios de valorização da vida e dignidade dos presos. Ao dominar as penitenciárias, o PCC estabeleceu regras que levaram à diminuição da violência, ao aumento da segurança dos detentos e à proibição do consumo de drogas. O que para algumas pessoas soa como algo surreal.

As noções de certo e errado tendem a variar culturalmente. O que nos co-

loca em dificuldade. Elas nem sempre têm uma base religiosa. No próprio universo religioso existem divergências “ontológicas”. Se nos limitássemos a católicos e protestantes, os desacordos já seriam gigantescos. Agora, então, se fôssemos tentar encontrá-las no meio de milhares de religiões criadas pelo homem?

Eu não deixaria de observar o seguinte: “Deus está morto!”. Não quero dizer com isso que a religião perdeu toda a sua importância. É uma questão histórica e cultural. Adoto o mesmo tipo de raciocínio de Nietzsche, Weber, Eagleton e outros, quando dizem que a religião perdeu sua centralidade no Ocidente. Vários fatores atestam essa ideia como a secularização, a ascensão da ciência, o pluralismo, o número cada vez maior de pessoas sem religião e o papel secundário desempenhado na vida pública (estou me referindo às democracias seculares europeias). A religião segue a mesma trajetória em direção à esfera privada que fizeram a arte e a sexualidade.

O enfraquecimento da fé religiosa não empurrou a Inglaterra, a França, a Noruega, a Suécia, a Suíça, a Holanda, a Dinamarca, a Alemanha... para o completo caos. Elas continuam apresentando baixos índices de criminalidade. Os países nórdicos que têm um número elevado de ateus e de pessoas sem religião, curiosamente, estão fechando presídios e igrejas. A ordem social, assim como o senso de moralidade, não depende necessariamente da crença em Deus ou na imortalidade.

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

# Estética e Existência

## Antologia da música erudita brasileira

Os compositores brasileiros contribuíram para a música sinfônica ao incorporar elementos da cultura nacional, como ritmos folclóricos e melodias indígenas e africanas em suas obras, desenvolvendo a identidade e valorização musical regional. Possivelmente, o pioneirismo se deu com Régis Duprat, musicólogo brasileiro, foi quem descobriu, na Bahia, um recitativo e ária datado de 1759. Trata-se do documento musical mais antigo já encontrado, uma obra setecentista com texto em vernáculo. Infelizmente, o nome do autor é desconhecido. Na sequência, foi Ignácio Parreiras Neves, nascido em Ouro Preto, a 1730. Ele foi compositor, cantor e regente. Quase tudo o que produziu foi perdido. De suas obras, restaram “Credo”, “Ladainha” e “Oratória ao Menino Deus para a Noite de Natal”, de 1789.

Apesar de no século XVIII achar-se algumas composições perdidas e alguns compositores desconhecidos, é possível iniciar com padre José Maurício Nunes Garcia (1767-1830), que foi multi-instrumentista, regente e compositor. É considerado um dos precursores da música clássica brasileira. Nasceu no Rio de Janeiro e era descendente de escravos. Assinou mais de 400 obras, compostas em grande parte do gênero sacro, como missas, motetos, vésperas e modinhas, estilo musical que transitava entre o clássico e o popular. Uma das mais conhecidas são a “Missa em mi bemol” (1811), o “Réquiem” (1816), as “Matinas de Finados” e as “Missas de Santa Cecília e Nossa Senhora do Carmo”. Na tendência nacionalista da música brasileira, é a do compositor e diplomata Brasília Itiberê da Cunha (1846-1913). Com a obra, *A sertaneja* (1866-1869), uma rapsódia para piano, ele anunciou o período do nacionalismo musical. O Imperador do Brasil D. Pedro I (1798-1834) tocava cravo, clarineta, fagote e violoncelo. Ele participava na orquestra de negros de São Gonçalo, onde havia um conservatório para escravos e alforriados. Compôs o Credo para orquestra, coro e três solistas vocais. Antônio Carlos Gomes (1836-1896) foi o mais conhecido



Foto: Reprodução

José Siqueira fundou institutos de música

compositor de ópera brasileiro. Nasceu filho de uma índia com um mulato. Sua peça mais conhecida é O Guarani, também as obras “A Noite do Castelo” (1861) e “Joana de Flandres” (1863). Henrique Oswald (1852-1931) foi educador, compositor, pianista e concertista brasileiro. As composições de Oswald remetem ao estilo neoclássico e suas obras mais conhecidas são “Il Neige” e “Sonata em mi maior para violino e piano, Opus 36”. Alberto Nepomuceno (1864-1920) foi um cearense que estudou na principal escola de música de Berlim. Sua maior dedicação voltou-se à música instrumental para orquestra e o nacionalismo brasileiro. Uma de suas principais obras é o poema sinfônico “O Garatuja”. Ele adicionou aos violinos stradivários os atabaques, pandeiros e berimbaus. Para alguns, isso lhe concedeu o título de “pai da música nacional”. Heitor Villa-Lobos (1887-1959) fusionou a ideia de uma miscigenação sonora entre a música clássica brasileira e a europeia. Ele abordou as culturas popular e folclórica brasileiras

de forma crítica e nacionalista e trouxe as paisagens brasileiras para suas composições. Sua obra, “Choros nº 10”, apresenta as características do melodismo latino/português, os fonemas indígenas e uma infraestrutura rítmica afro-brasileira. Também compôs óperas. É de sua autoria o método do Orfeão, específico para a educação musical no Brasil. Durante sua vida, compôs quase duas mil obras, dentre Bachianas Brasileiras, choros, concertos e obras para violão. Francisco Mignone (1897-1986) foi pianista, regente e compósito. Expos em suas obras a coexistência do popular e do erudito, do nacionalismo e do universalismo, como exemplificado em “Sinfonia da Transamazônica” e “Sinfonia do Trabalho”. Oscar Lorenzo Fernández (1897-1948) foi um compositor brasileiro. Ele utilizou o folclore como uma marca fundamental em sua obra. Mozart Camargo Guarnieri (1907-1993) liderou o nacionalismo modernista. Uma de suas obras primas é a “Dança Brasileira”. José de Lima Siqueira (1907-1985) foi um compositor, regente, acadêmico brasileiro fundador de vários institutos de música e arte no Brasil e no exterior. Ele influencia várias fusões de ritmos nacionais e internacionais. César Guerra-Peixe (1914-1993), nasceu em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Ele foi compositor, arranjador, violinista e professor. Buscando incorporar uma linguagem de música universal e dedicou-se à música folclórica. Sua música ganhou a influência dos ritmos nordestinos, como xangô, maracatu e frevo. Assim, nasceu uma importante composição que marcou a fase nacionalista: Sinfonia Brasília.

Sinta-se convidado à audição do 550º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 4 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei algumas peças de compositores brasileiros relacionadas aos folclores e regionalismos.

# Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## Metáforas

Na maioria das vezes as metáforas são medonhas, saco de pancadas na cara dos caretas, mas os caretas não sacam quase nada. Quem sempre esteve intrigado com as palavras e seus significados foi nada menos que o escritor Jorge Luís Borges, mas poucos leem Borges. Quase ninguém.

Pode-se dizer que a sua imensa e complexa literatura — de uma vida toda, e literatura não é legado, é conhecimento, mas Borges é foda. Foi em torno do mistério das palavras, das palavras perfeitas que pudessem como que substituir a própria realidade, mas existe a guerra das palavras imperfeitas. E, como se a realidade também não fosse uma arquitetura — caótica ou organizada — de palavras? Odeio esse negócio de “sexto”.

Bobagens, o mundo pegando fogo e eu aqui, falando em metáfora. Metáforas não são indiretas, talvez recados, mas hoje me parecem fora do contexto.

As palavras são apenas metáforas dos objetos que procuram representar. A gente chega no lançamento de um livro e haja discurso idiota, mas discursos idiotas não tem metáforas.

Um texto bacana, metafórico, alegórico, simbólico, é uma combinação de múltiplas pequenas metáforas — os vocábulos...Ah! Como eu gosto dos vocábulos — alinhados, agarrados, sujeitos e predicados, verbos, substantivos, adjetivos por um sujeito (ou vários), marcado por tempos verbais e por predicados portadores de qualidades ou quantidades, de tudo se vê por aí.

Para entender o discurso do outro, diz Borges, temos que esquecer o caráter metafórico dos vocábulos unitários, para melhor compreender o sentido geral daquela fala, talvez, uma metáfora com mais cenários e símbolos outros. É uma loucura, né?

Borges tem um conto no qual a um poeta celta fora encomendado, pelo rei, um poema sobre o palácio. O poeta faz o poema e o ensaia para recitar diante do rei. Primeiro lê o manuscrito, depois chega sem manuscrito e diz uma palavra para significar o palácio, não é a palavra “palácio”, é um vocábulo que expressa de um modo mais perfeito o palácio.

Quando ele pronuncia essa palavra, o próprio palácio do rei desaparece, como que por encanto. Já não há mais motivo de existir um palácio, quando a realidade já o substituíra por uma palavra. Para quê tanto palácios? Sim, para que palácio se o rei está morto?

A perfeição da palavra abstrata substitui a concretude do palácio. Na canção de Chico Buarque ele canto assim: “Já gozei de boa vida, tinha até meu bangalô, cobertor, comida, roupa lavada, vida veio e me levou”.

Borges, Borges, Borges e seus seres imaginários — ele dizia que encontrar as palavras perfeitas, as que representam de fato a realidade, é uma espécie de blasfêmia contra Deus. “Deus, Deus dos desgraçados! Dizei-me vós, Senhor Deus! Se é loucura... se é verdade, tanto horror perante os céus”.

E aí, Borges, “o que é um homem para encontrar uma palavra que possa substituir uma das coisas do universo?”

Borges foi um blasfemo encantador. Você já leu Borges?

### Kapetadas

1 – Não me deixe só eu tenho medo do escuro eu tenho medo do inseguro do fantasma da minha vó.

2 – Todo lugar por onde a gente passa deixa um amor na gente.

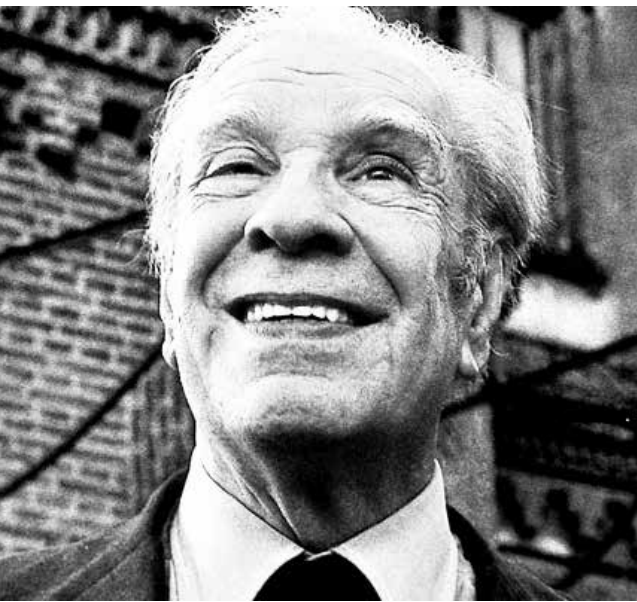


Foto: Divulgação

José Luís Borges: intrigado com as palavras e seus significados

Colunista colaborador



# Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

## Memorial do Cinema Paraibano

A Academia Paraibana de Cinema (APC), entre todas as instituições diretamente envolvidas com o cinema paraibano, é a que apresenta as condições ideais para comandar o processo de implantação do Memorial do Cinema Paraibano. Proposta esta feita, se não estou enganado, ainda em nossa gestão, minha e de Willis Leal, na presidência da entidade.

Buscando valorizar de forma democrática as diversas tendências, entidades e atividades dos setores de cinema na Paraíba, a academia tem demonstrado competência e capacidade nas questões de planejamento e operacionalização de suas iniciativas, fundamentais para a preservação, difusão e produção do cinema no estado.

Com suas 40 cadeiras ocupadas por nomes representativos da cultura cinematográfica do nosso cinema, nos mais diversos segmentos da arte — produção, exibição, difusão e crítica —, a Academia Paraibana de Cinema foi fundada em João Pessoa, em 12 de novembro de 2008. É uma entidade sem fins lucrativos, devidamente registrada sob o número 506.956 no cartório Toscano de Brito, em João Pessoa, de CNPJ nº 11.287.636/0001-82, tendo como atividades principais arte e cultura.

Quanto à criação do Memorial do Cinema Paraibano, proposto àquela época, teria como objetivo central resgatar, recuperar, estudar e difundir os acervos existentes — filmes, ro-



Foto: Arquivo pessoal

Willis Leal, primeiro presidente da Academia Paraibana de Cinema: luta pelo memorial

teiros, argumentos, cartazes, fotos, livros, periódicos e outros documentos –, inclusive o resgate de eventos que envolvam a atividade cinematográfica na Paraíba.

Nossa proposta tinha objetivos específicos: mapear e diagnosticar a produção e os acervos audiovisuais; resgatar, restaurar películas e filmes paraibanos; conservar adequadamente os filmes e outros materiais de cinema; criar biblioteca especializada em cinema, fotografia e audiovisual; ajustar exposições com o acervo físico de cinema existente; apoiar os diver-

sos eventos relacionados ao cinema, no estado; incentivar grupos de pesquisas interessados; apoiar os cursos de Comunicação Social, Cinema e outros, em nosso estado. Enfim, disponibilizar seus acervos à sociedade interessada em cinema.

Realmente, com a tradição em cinema que a Paraíba já possui, justo é que tivéssemos no nosso próprio memorial. E finalizo indagando às nossas autoridades: onde devemos guardar os nossos acervos? (Para mais “Coisas de Cinema”, nosso *blog*: [www.alexssantos.com.br](http://www.alexssantos.com.br)).



## Cabaceiras, capital do cinema paraibano

A Academia Paraibana de Cinema (APC), por meio de sua diretoria e demais associados, congratula-se com o Governo do Estado, por reconhecer a cidade de Cabaceiras, na região do Cariri, como “a capital do cinema paraibano”. O projeto Roliúde Nordestina foi idealizado por Willis Leal, fundador e primeiro presidente da Academia Paraibana de Cinema.

O presidente da APC, o professor João de Lima, afirmou que a permanência dos projetos do nosso fundador será brevemente, desta vez na unidade Tambaú da FCJA, em 2026, com direito a inauguração de uma exposição marcando diferentes fatos de sua trajetória, especialmente no cinema, Carnaval e turismo.

## MÚSICA

# Mira Maya segue com ensaios de Carnaval

Daniel Abath  
[abathjornalista@gmail.com](mailto:abathjornalista@gmail.com)

Ensaizando a folia pré-carnavalesca em João Pessoa, os *shows* que a cantora e compositora de *pop* nordestino Myra Maya vem apresentando ano após ano, de novembro a janeiro, esquentam ainda mais as noites de verão como evento permanente. Ainda com jeito de virada, Myra Maya faz hoje, às 19h, no Loca como Tu Madre (Miramar), seu *Ensaios da Myra* — com participações de Seu Pereira, Sofia Gayoso e Lucy Alves. A abertura fica por conta do DJ Raphael Fraga, a partir das 18h, com ingressos que custam R\$ 40, à venda no local.

Como analisa a cantora, o evento cresceu tanto que deixou de ser frequentado apenas pelo público local, que já está familiarizado com o trabalho da artista paraibana. “Quem vem conhecer a cidade, quem vem a passeio e férias também acaba conhecendo, se esbarrando nesse projeto”, atesta ela acerca da proposta que nasceu da vontade em expandir e carnavalizar os horizontes musicais de seu cancionário.

“Vontade da gente chegar mais azeitado no Carnaval, porque o ano inteiro a gente trabalha com forró, já que somos da Paraíba — é

o ritmo que mais tem, como eu diria, relevância, que tem mais procura. Então, durante o ano todo, a gente trabalha mais com *shows* de forró, abordando forró, inclusive com músicas autorais que a gente lança”, ela explica, confirmando a predileção pela versatilidade: “Essa coisa de exclusividade de gênero musical dos artistas tem cada vez mais saído de moda”.

É o caso da clássica “O amor e o poder”, canção de Rosana, em 1987,

que ganhou roupagem pi-seira na vibração roqueira da voz de Myra em junho do ano passado. “E foi extremamente bem aceita. Até hoje ela tá em não sei quantas *playlists*, então a gente tá muito feliz com esse resultado”, aponta.

Parceria e microfone aberto é marca registrada dos *Ensaios da Myra* — ela teima em dizer que se trata de um ensaio,

mas não é bem assim que a banda toca: é afinada e pulsante, emulando o bloco frené-

tico na avenida. É claro que os improvisos acontecem — aliados ao palco baixo da casa e à entrada da artista no meio do povo — e tudo isso traz para a pista a espontaneidade de um ensaio de estúdio.

Sem descurar da frente junina, ela lembra que a última festa não foi nada fácil. Com o pai internado justo no meio de uma temporada de 14 *shows* de São João, Maya fazia uma apresentação e já rumava para o hospital, em visitas regulares ao pai convalescido.

“Ele se internou e nunca mais saiu do hospital. Isso rendeu um projeto em que a gente vai fazer uma homenagem para ele logo após o Carnaval. Vamos abordar as músicas que eu cantava para ele quando ele estava no hospital. Vai ser um projeto bem lindo e é mais puxado para o lado do forró, bem regional, porque ele era de São Bento”. Quanto aos ensaios, Myra é categórica: “Eu sou uma artista paraibana, e os ensaios de Carnaval são para mostrar que na Paraíba também tem Carnaval”.



Mira Maya apresenta-se aos domingos no Loca como Tu Madre

Foto: Divulgação

# Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

[hildebertopoesia@gmail.com](mailto:hildebertopoesia@gmail.com)

## Cyelle em outros mapas!

*Mapa Arbitrário* é o título do livro. “Brisa”, “Verão”, “Ressaca”, “À deriva”, “Inverno”, “Remo”, “Tempestades” e “Tábua de marés” são as partes. Falo da coletânea de poemas, de Cyelle Carmem, publicado pela Editora A União, em 2025.

A considerar a cadeia semântica das palavras, vejo-me como que diante de uma escrita aquática, tecida a partir de elementos naturais que se confrontam, dentro da correnteza metafórica que percorre os caminhos da obra poética, com os chamados vitais da coisa emotiva; aflições, perplexidades, percepções, sentimentos que se movem no jogo dos textos.

Renata Escarião, também escritora contemporânea, acerta em cheio ao tocar, em breve prefácio, no cotejo entre norma e transgressão, ao decodificar a ambiguidade do título. Sua companheira de geração, a poeta e compositora Bianca Rufino, por sua vez, na sutileza do posfácio que escreve, evoca o poder do silêncio enquanto motivo subjacente à fluidez dos poemas, assim se expressando: “Muitos são os silêncios que habitam esse livro, mas não falo dos silêncios silenciosos, falo dos silêncios de quem guarda artilharias e gritos por dentro”.

Eis, portanto, já apontados, dois ingredientes desse mapa lírico, desenhado com as cores mais sutis de outra geografia. A geografia, não a física, dos acidentes visíveis e delimitados, porém, sobretudo, a geografia da alma, com sua fauna e flora submersas, móveis, indefiníveis, inexploradas. De um lado, fronteiras demarcadas pela cultura e pela ideologia; de um outro, zonas abertas, trilhas sinuosas, ilhas ambivalentes por onde ecoa a voz da enunciação lírica, na arbitrariedade poética de outro mapa.

Em “Embarcada”, poema da primeira parte, essa tensão axial se entremosta nos dois versos finais, a saber: “Viver é fingir ter controle das águas e deixar-se / navegar enquanto mira o horizonte”. A tensão se torna mais aguda e mais intensa nos dois poemas seguintes, isto é, “Água de benzer” e “Exceção”.

Movimento e fluidez, leveza e sensibilidade, certa contensão vocabular, certas intuições perceptivas demarcam a estrutura dos versos. O lirismo de Cyelle Carmem é de índole expressiva e não teme as armadilhas da subjetividade. Fala exatamente, no aquático de sua palavra lírica, das inquietações da criatura humana perante pressões e cercanias, conceitos e preconceitos, convenções e previsibilidades.

Às vezes as palavras usadas não me parecem as melhores nem me parecem estar no melhor lugar possível. Certamente Coleridge, o poeta do romantismo inglês, não aprovaria algumas incursões de sua lavra criadora. No entanto, não são poucos os momentos em que as palavras, cedendo ao apelo mágico da estesia, se unem e se atritam para compor a poeticidade dos motivos, estimulando, assim, o prazer estético da leitura.

Tal ocorre sobremaneira nos poemas mais curtos, naqueles em que um, dois ou três versos possuem o poder de revelar realidades inapreensíveis; de cristalizar, no verbo e no substantivo, o critério indispensável da beleza. “Nebulosa”, o último poema do volume, me parece exemplar neste sentido, senão vejamos:

“Embora eu tentasse atrasar o tempo,  
eu via nuvens crescerem  
no lugar dos meus cabelos”.

É bom ler e reler outros poemas. “Observação”, “Desde o fim”, “Gota”, “A palavra solta”, “Isenta”, “Fuga”, “Castigo”, “Nem tudo é dano”, “Intervalos”, “Força bruta” e “Ampulheta” constituem peças poéticas sustentáveis e que demonstram o talento e a sensibilidade da autora.

Cyelle Carmem é paraibana, da capital. Poeta e romancista, vem, desde os anos de 2010, participando ativamente da vida literária local, estando, assim, inserida numa ampla vertente artística que vem modificando a cena cultural da Paraíba. Penso, aqui, sobretudo, em certas vozes femininas, a exemplo, entre outras, de Débora Gil Pantaleão, Ana Apolinário, Lua Lacerda, Jenifer Trajano, Aline Cardoso, Ana Lia Almeida, Janaína Araújo, Lindjane Pereira, Bianca Rufino, Renata Escarião e Isabor Quintiere.

### ONDE:

■ LOCA COMO TU MADRE (R. Joaquim Avundano, nº 62, Miramar, João Pessoa).

Colunista colaborador



GAME

# John Carpenter dirige jogo de zumbi

Toxic Commando, que será lançado em março, é primeira incursão do mestre do terror no formato

Daniel Abath  
abathjornalista@gmail.com

Não é de hoje a relação entre cinema e *videogames*. Desde adaptações de tela para os jogos (e vice-versa), até participações de atores e atrizes reais em tramas interativas. O mestre do terror John Carpenter assume, pela primeira vez, a cadeira de diretor em um jogo de zumbis: *Toxic Commando* (desenvolvido pela Saber Interactive) — a ser lançado em 12 de março de 2026 para Playstation 5, Microsoft Windows, Xbox Series X e Series S.

Entre intérpretes de filmes que participaram em *games*, estão a (à época) atriz Ellen Page — ela fez transição de gênero e hoje se chama Elliot Page — no jogo

*Beyond — Two Souls* (2013) ou boa parte do elenco de *Death Stranding* (de Hideo Kojima, 2019): Léa Seydoux (*Azul É a Cor Mais Quente*), Margaret Qualley (*A Substância*) e Mads Mikkelsen (da série *Hannibal*), são alguns.

Também há casos de diretores que confessam sua paixão pelos *games*. Steven Spielberg participou da famosa franquia de guerra *Medal of Honor*, Guillermo del Toro envolveu-se no desenvolvimento do citado *Death Stranding*.

Agora John Carpenter integra o time. Criador dos icônicos *Halloween — A Noite do Terror* (1978), *Fuga de Nova York* (1981) e do crítico-hilário *Eles Vivem* (1988), John Carpenter encara agora a direção de um *game* de ação com tônica apocalíptica. Pio-

neiro das parcas produções, o diretor encampa a ideia com personagens mercenários de baixo orçamento, fadados a salvar a humanidade. Terror e divertimento estão garantidos num *shooter* cooperativo em primeira pessoa de ambientação atmosférica, própria ao cineasta.

Lama é um componente central em *Toxic Commando*. A trama gira em torno da empresa Obsidian — focada no ramo tecnológico, a firma desenvolve serviços de perfuração do solo com o intuito de extrair energia do núcleo da Terra. Mas, por terem cavado fundo demais, há relatos de manifestações demoníacas junto aos trabalhadores da obra.

Ignorados, os empregados acabam por desper-

tar o Deus da Lama em 29 de outubro de 2033, uma entidade que trata de converter viroticamente os habitantes locais em uma horda de mortos-vivos. Leon Dorsey, *CEO* da Obsidian, teme que o Deus da Lama queira dominar o mundo e oferece US\$ 250 mil ao jogador e a outros mercenários não jogáveis, por uma entrega de combustível.

A primeira missão, claro, resulta em um fiasco e ouvimos de um Dorsey grisalho, sem papas na língua, um “não poderia ter sido mais explícito em minhas instruções”. Caso peçam demissão, outros bon-dosos benefícios de Dorsey, a exemplo de um colete de proteção ao vírus usado pela equipe, serão pron-

tamente confiscados pelo *CEO*.

Em matéria à revista *Edge*, Tim Willits, diretor criativo da Saber Interactive, afirma que a semelhança com o aclamado diretor do terror não é mera coincidência. “Um de nossos roteiristas teve a oportunidade de passar algum tempo e conversar com ele. Definitivamente, há um pouco de Carpenter em Leon. Ele é um homem tão agradável, realmente é”.

Mesmo sem participar das reuniões do estúdio, a equipe decidiu conferir alguma função oficial ao cineasta. Afinal, Carpenter é um admirador da háptica arte dos jogos. “Ele é mais *gamer* do que a maioria das pessoas imagina, e ele defi-

nitivamente abraçou a ideia de trabalhar conosco neste jogo”, diz Willits.

Além de cineasta, Carpenter é também um esme-rado compositor. Entusiasta dos sintetizadores e *pitchs* alterados, o diretor é famoso por compor as trilhas sonoras de suas próprias obras, e com *Toxic Commando* não poderia ser diferente: todas as faixas do *game* foram criadas por ele e seu filho, o músico Cody Carpenter.

Com um mapa enorme, cheio de poços com gosmas corrosivas, caminhões des-governados e uma multi-dão enlouquecida de zumbis, o caos está formado em *Toxic Commando* de John Carpenter.



Cena do jogo de ação com tom apocalíptico

## Em Cartaz

### Cinema

Programação de 1 a 7 de janeiro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira.

\* Até o fechamento desta edição, não haviam divulgado suas programações: o Cine RT, em Remígio, e o Cine Vieira, em São Bento.

#### ESTREIAS

**A EMPREGADA** (*The Housemaid*). EUA, 2025. Dir.: Paul Feig. Elenco: Sidney Sweeney, Amanda Seyfried, Brandon Sklenar, Elizabeth Perkins. Suspense. Empregada doméstica trabalha para família rica, mas tanto ela quanto os patrões escondem segredos sombrios. 2h11. 16 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: dub.: 13h, 16h; leg.: 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 13h, 16h, 19h, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 17h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 13h30, 20h40. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 16h, 19h, 22h. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 18h, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 18h, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h. CINE GUEDES 3: dub.: 18h50, 21h15. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: 20h50. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h30. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 18h30, 21h10; seg.: 15h50, 18h30, 21h10.

#### CONTINUAÇÃO

**O AGENTE SECRETO.** Brasil/ França/ Países Baixos/ Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Thomás Aquino, Buda Lira, Jodilsson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. 2h38. 16 anos.

**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 20h45.

**ANACONDA** (*Anaconda*). EUA, 2025. Dir.: Tom Gormican. Elenco: Paul Rudd, Jack Black, Steve Zahn, Selton Mello, Thandiwe Newton, Ice Cube. Aventura/ comédia. Dois melhores amigos partem para a Amazônia para filmar um reboot de *Anaconda*, mas acabam realmente caçados por uma cobra gigantesca. 1h40. 14 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 2: sex. a ter.: 19h30, 21h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 13h45, 16h15, 18h30, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 18h15, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 14h45, 16h45, 18h45, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h45, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 17h10, 21h. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: 16h20. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 21h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 19h20, 21h30; seg.: 19h15, 21h30.

**AVATAR – FOGO E CINZAS** (*Avatar – Fire and Ash*). EUA, 2025. Dir.: James Cameron. Elenco: Sam Worthington, Zoe Saldana, Sigourney Weaver, Oona Chaplin, Kate Winslet. Ficção científica/ aventura. No planeta Pandora, família na vi sofre perda e enfrenta tribo hostil. 3h15. 16 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): 3D: dub.: 16h; leg.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 18h, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h20, 17h20, 21h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 3D: 13h30, 17h30, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 13h, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 16h25. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 3D: 13h15, 17h15, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 12h45, 16h45, 20h45. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 15h30, 19h. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 3D: 14h20. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 16h30, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 3D: 14h20. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 16h30, 20h. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 15h30, 19h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 19h40. **PATOS MULTIPLEX 4:** dub.: 3D: 15h35; 2D: 19h35. **Guarabira:** CINE-

MAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 2D: 16h05; 3D: 20h.

**BOB ESPONJA – EM BUSCA DA CALÇA QUADRADA** (*The Sponge Bob Movie – Search for Square Pants*). EUA, 2025. Dir.: Derek Drymon. Animação. Para provar sua bravura, Bob Esponja segue o pirata fantasma Holandês Voador até as profundezas do oceano. 1h28. Livre.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: dub.: 16h30, 18h30, 20h30. CENTERPLEX MAG 2: dub.: 15h. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 3D: 14h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h15, 15h45, 18h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h15, 16h30, 18h45, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 2D: 13h30, 15h45; 3D: 18h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 2D: 14h45, 17h, 19h15; 3D: 21h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 14h, 16h, 18h, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h50, 16h50. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 19h10. CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 15h10; 2D: 17h. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: 14h10. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 2D: 16h45; 3D: 19h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 17h20; seg.: 17h10. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 3D: 14h.

**FIVE NIGHTS AT FREDDY’S 2** (*Five Nights at Freddy’s 2*). EUA, 2025. Dir.: Emma Tammi. Elenco: Josh Hutcherson, Elizabeth Lail, Piper Rubio. Terror. Menina retorna a pizzaria abandonada para recontratar animatrônicos assombrados. 1h44. 14 anos.

**João Pessoa:** CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 20h30.

**ZOOTOPIA 2** (*Zootopia 2*). EUA, 2025. Dir.: Jared Bush e Byron Howard. Vozes na dublagem brasileira: Monica Lozzi, Rodrigo Lombardi, Danton Mello. Comédia/ aventura/ animação. Coelho e raposa policiais investigam o misterioso aparecimento de uma cobra em Zootopia. 1h48. 6 anos.

**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: dub.: 14h15. CENTERPLEX MAG 2: dub.: 17h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h, 15h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 12h30, 15h, 17h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 13h30, 15h45.

CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 14h30, 16h30, 18h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 14h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 14h20. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h30, 16h30, 18h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 17h30. CINE GUEDES 2: dub.: 15h. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: 18h30. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 3D: 14h25. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 13h50, 16h10; seg.: 14h45.

### Música

#### HOJE

**MIRA MAYA.** Cantora apresenta ensaio de carnaval.

**João Pessoa:** LOCA COMO TU MADRE (R. Joaquim Avundano, 62, Miramar). Domingo, 4/1, 19h. Ingressos: R\$ 40 (couvert).

#### AMANHÃ

**SANHAUÁ SAMBA CLUBE.** Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

**João Pessoa:** VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 5/1, 20h. Ingressos: R\$ 40 (inteira), R\$ 30 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 20 (meia), antecipados na plataforma Shotgun.

### Exposições

#### CONTINUAÇÃO

**CRISTINA STRAPÇÃO.** Exposição de pinturas e lançamento de livro da pintora.

**João Pessoa:** SESC CABO BRANCO (Av. Cabo Branco, 2788, Cabo Branco). Visitação até 31 de janeiro. Entrada franca.

**FESTIVAL INTERNACIONAL DE AQUARELA DE JOÃO PESSOA.** Primeira edição do evento, com exposição coletiva.

**João Pessoa:** ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação de terça a sexta, das 9h às 17h30, e sábado e domingo, das 10h às 17h30, até 6 de março. Entrada franca.

**FLÁVIO TAVARES.** Exposição *Uma Viagem no Tempo*, com obras do pintor dos anos 1960 aos anos 1980 e de acervo particular.

**João Pessoa:** CASA MGA (Av. Cabo Branco, 4390, Cabo Branco). Visitação até 12 de janeiro. Entrada franca.

**NORDESTE EXPANDIDO ESTRATÉGIAS DE (RE)EXISTIR.** Exposição coletiva com 195 obras de 111 artistas nordestinos do acervo do BNB Cultural.

**João Pessoa:** CIDADE DA IMAGEM (Conventinho, R. Padre Antônio Pereira, Varadouro). Visitação até 31 de janeiro. Entrada franca.

**PEDRA POEMA.** Exposição coletiva com Gonzaga Costa, Jacira Garcia e Yuri Gonzaga.

**João Pessoa:** ESTAÇÃO CABO BRANCO (Av. João Cirillo da Silva, Altiplano Cabo Branco). Visitação de terça a sábado, das 6h às 22h, e domingo, das 8h às 22h, até 29 de dezembro. Entrada franca.

**REENCANTAMENTO.** Coletiva com obras de Kal Yoga, Aidyne Martins, Inara Marchi, Felipe Tomaz de Moraes e Luiza Ribeiro, no evento Panapaná.

**João Pessoa:** ESPAÇO CULTURAL (R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Visitação de terça a sábado, das 6h às 22h, e domingo, das 8h às 22h, até 29 de dezembro. Entrada franca.



CENTRO DAS ATENÇÕES

Eleições Gerais movimentam o ano

Logística complexa e gama ampla de prazos legais mobilizam eleitores, organizadores do pleito e partidos políticos

Eliz Santos  
elizsantos17@gmail.com

Em 4 de outubro de 2026, milhões de brasileiros irão às urnas para escolher presidente da República, governadores, senadores, deputados federais e deputados estaduais. Até lá, uma extensa agenda de prazos legais marcará o caminho até o dia da votação — e a Paraíba já se mobiliza para cumprir cada etapa desse processo.

O calendário das Eleições Gerais estabelece datas cruciais que influenciam tanto os eleitores quanto os futuros candidatos. A mais importante delas, antes da campanha propriamente dita, é 4 de abril de 2026. Nesse dia, encerram-se três prazos decisivos: filiação partidária, etapa obrigatória para todos que desejam disputar o pleito; desincompatibilização, quando ocupantes de cargos executivos — como presidente, governadores e prefeitos — devem se afastar de suas funções caso queiram disputar outros postos; e regularização ou mudança do domicílio eleitoral.

Na sequência, o foco volta-se para o eleitor. O dia 6 de maio de 2026 marca o fechamento do cadastro eleitoral — prazo final para solicitar o primeiro título (alistamento), fazer transferência, regularizar pendências ou concluir o cadastramento biométrico. A partir dessa data, o cadastro permanece fechado até o fim do pleito.

De 20 de julho a 5 de agosto, partidos e federações realizarão convenções para definir oficialmente seus candidatos. Logo depois, de 20 de julho a 15 de agosto, ocorre o período de registro das candidaturas junto à Justiça Eleitoral. A partir de 16 de agosto de 2026, começa a propaganda eleitoral, dando início à disputa direta pelos votos. O primeiro turno acontece em 4 de outubro e, se necessário, o segundo turno será realizado em 25 de outubro de 2026.



Foto: Tomaz Silva/Agência Brasil

Milhões de cidadãos vão às urnas para escolher presidente, governadores, senadores e deputados

Preparação

O Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) já trabalha na organização do que promete ser uma das maiores operações eleitorais do estado. Para 2026, a Paraíba conta com mais de 3,2 milhões de eleitores aptos a votar, distribuídos nos 223 municípios.

A estrutura em eleições anteriores incluiu: cerca de 1.847 locais de votação, aproximadamente 10.733 seções eleitorais e mais de 41 mil mesários, entre voluntários e convocados, que atuaram diretamente no funcionamento das urnas e no atendimento aos eleitores.

A logística envolve transporte das urnas, treinamento de mesários, acessibilidade, segurança dos locais de votação e suporte tecnológico — uma operação que exige meses de planejamento integrado.

O juiz do TRE-PB Rodrigo Clemente ressalta que o trabalho começa muito antes do período eleitoral. “Estamos nos aproximando de

2026, ano eleitoral, e a prioridade do TRE neste momento é o cadastro de eleitores. Nosso compromisso é fazer com que nenhum eleitor fique de fora por falta de informação ou dificuldade de acesso”, afirmou.

Ele destacou que ações de engajamento, especialmente entre jovens, foram intensificadas. “Recentemente, estivemos em um evento em Patos, dialogando com jovens de 15 a 17 anos para estimular o primeiro título. A Justiça Eleitoral trabalha para garantir a participação de todos, especialmente dos jovens que estão entrando agora na vida democrática”, completou.

Biometria

A modernização é uma das prioridades do processo eleitoral para 2026. O Tribunal Superior Eleitoral definiu como meta atingir 100% de eleitores biometrizados no país.

Na Paraíba, o avanço é expressivo. Segundo o presidente do TRE-PB, Oswaldo Trigueiro, o estado já ocupa

posição de destaque nacional. “Apresentei à presidente do TSE nosso plano de ação, mas o fato é que o Tribunal deseja que a biometria continue sendo ampliada. A Paraíba está entre os estados com maior percentual de eleitores biometrizados”, destacou.

Além da identificação biométrica, o planejamento envolve melhorias na acessibilidade, testes de sistemas, atualização das urnas e ações de combate à desinformação.

Articulações políticas

Enquanto isso, partidos e federações já se movimentam para construir chapas proporcionais, organizar recursos e planejar estratégias regionais. Entre as prioridades, estão:

- fortalecimento das chapas majoritárias;
- políticas de combate à fome, emprego e sustentabilidade;
- ampliação da participação feminina e jovem;
- formação de pré-candidatos e planejamento de comunicação.

Inteligência artificial desafia Justiça Eleitoral

A complexidade das eleições também envolve ameaças mais amplas ao regime democrático, que dialogam diretamente com o processo eleitoral. Segundo o juiz Rodrigo Clemente, os desafios atuais vão muito além da logística. “Esses desafios não só colocam em risco, mas também enfraquecem a democracia”, diz, ao citar a baixa participação feminina e da população negra nos cargos de poder — problemas combatidos com a garantia de recursos específicos para candidaturas desses grupos.

Rodrigo Clemente alerta, também, para o impacto da tecnologia: “A desinformação e o uso de inteligência artificial serão grandes desafios, tanto para os candidatos quanto para a própria Justiça Eleitoral. O eleitor precisa buscar fontes confiáveis para fazer boas escolhas”, aconselha.

Segundo ele, a Justiça Eleitoral prepara-se para atuar com rapidez no controle da propaganda irregular e na repressão à desinformação, principalmente diante do uso crescente de ferramentas de inteligência artificial.

“Hoje, essa é uma preocupação muito grande. Buscamos controlar para que a propaganda seja verdadeira, sem qualquer tipo de censura prévia, mas garantindo uma resposta rápida ao eleitor. Em casos de fake news, o prazo de decisão é de 24 horas, o que exige dedicação intensa dos servidores e juízes”, explica, ao reforçar que o sistema eletrônico brasileiro é referência mundial e que a agilidade será fundamental para impedir que informações falsas desvirtuem o processo eleitoral.

Para o juiz, a interferência de facções criminosas na escolha de governantes é outro ponto sensível. “A influência do crime organizado em algumas regiões do país repercute nas eleições. Será um desafio garantir que todos os candidatos possam circular livremente nas comunidades, apresentar suas ideias e pedir voto sem serem impedidos”, observa.

Tribunal atuará em diversas frentes para evitar prejuízos ao processo eleitoral



Foto: Divulgação/TRE-PB

Rodrigo Clemente cita preocupações relacionadas ao pleito

Jovens e idosos não descartam voto e dão exemplo de cidadania

A dimensão humana das eleições também ganha protagonismo. Em 2026, a Paraíba terá 33.909 jovens com até 17 anos aptos a votar — muitos deles engajados em projetos de educação cidadã promovidos pelo TRE-PB.

João Pedro Barros, de 16 anos, votará pela primeira vez em 2026 e traduz o sentimento da sua geração ao encarar o voto como um passo para a vida adulta e um compromisso cívico: “É um momento em que percebo meu encaminhamento para a fase adulta, com a responsabilidade de participar de uma decisão importante em nosso país”, afirma, ciente da obrigação de ir além da escolha mais simples. “Sinto que tenho a obrigação de não só es-



Foto: Arquivo pessoal

Percebo meu encaminhamento para a fase adulta, com a responsabilidade de participar de uma decisão importante

João Pedro Barros

colher um candidato, mas também conhecer o candidato e suas propostas para a população. É importante sabermos a história do candidato e quais decisões ele já tomou no cenário político”, aponta.

Além de expressar sua própria responsabilidade, João Pedro convoca os seus pares a fazer o mesmo, destacando a importância da educação cívica e da participação dos jovens: “Acho extremamente importante que outros jovens votem, pois é bom que nós — como adolescentes se encaminhando para essa vida cheia de responsabilidades — nos preocupemos com o nosso próprio futuro. Também acho que deveria haver programas incentivando e tentando educar a como

votar de uma forma consciente, entendendo que é importante saber defender sua escolha”.

A consciência política e o peso da decisão se estendem aos jovens que já estão aptos. Raissa Almeida, de 19 anos, reforça a dimensão transformadora do ato de votar, destacando o impacto do processo para além da política. “O voto é crucial para o desenvolvimento do Brasil, seja social, econômico, dentre outros, e ele muda a história do país”, pontua.

No outro extremo, a Paraíba possui 220.805 eleitores na faixa etária de 70 anos ou mais. Para eles, o voto é facultativo, mas a alta adesão demonstra que muitos mantêm o hábito cívico. Ivonete Franco, aposentada

de 76 anos, exemplifica essa persistência. “Acredito que o voto pode mudar uma nação, somos nós que escolhemos nossos representantes, que irão trabalhar por nossos direitos”, argumenta.

Apesar da forte participação dos idosos, há também quem tenha se afastado das urnas — seja por desilusão política ou pelo fato de o voto se tornar facultativo a partir dos 70 anos. Maria de Fátima Barachuí, de 73 anos, conta que chegou a interromper o hábito de votar por frustração com os rumos da política. No entanto, decidiu retomar o exercício do voto em 2026. “Eu deixei de votar porque a lei não obriga mais depois dos 70 anos e eu me decepcionei com os políticos. Mas agora eu

vou votar novamente”, assegura.

Assim, entre prazos legais, logística complexa e as histórias de quem vai votar pela primeira vez — ou pela quinquagésima — a construção do processo eleitoral revela a dinâmica viva da cidadania. A contagem regressiva começou.

Paraíba possui 33.909 eleitores adolescentes e 220.805 com mais de 70 anos — grupos em que o voto é facultativo





Foto: Fernando Frazão/Agência Brasil

RACISMO ESTRUTURAL

# Governo deve elaborar um plano para enfrentamento

Entre as medidas, está a revisão do acesso por cotas à educação e ao emprego

Agência Gov  
Agência Brasil

O Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu, em dezembro do ano passado, a existência do racismo estrutural no país. Por unanimidade, os ministros concordaram que há violação sistemática dos direitos fundamentais da população negra no Brasil e determinaram que haja a adoção de providências para superar o quadro.

“Esse reconhecimento da Suprema Corte brasileira reitera a importância do trabalho que temos realizado e nos provoca, como Governo do Brasil, a buscar formas de intensificá-lo ainda mais”, avaliou a ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco.

Entre as providências determinadas ao Poder Público, estão a revisão ou a elaboração de um novo plano de combate ao racismo estrutural, no prazo de 12 meses, contendo metas, etapas de implantação e de monitoramento de resulta-

dos. Além disso, deve ser feita a revisão de procedimentos de acesso, por meio de cotas, às oportunidades de educação e emprego em função de raça e cor. “As articulações do Governo do Brasil junto ao Legislativo, por meio do Ministério da Igualdade Racial, nos levaram a uma grande vitória no campo das ações afirmativas, que são a maior política reparatória do Brasil. Não iremos permitir retrocessos e consideramos que essa determinação fortalece nosso trabalho”, declarou a ministra Anielle Franco.

Outras determinações do STF são que os órgãos do Poder Judiciário, dos Ministérios Públicos, das Defensorias Públicas e das polícias devem criar protocolos de atuação e atendimento de pessoas negras, para melhor acolhimento institucional e enfrentamento de disparidades raciais.

“O Ministério da Igualdade Racial já realiza, desde o começo da gestão, iniciativas conjuntas com parceiros para

qualificar o acolhimento institucional, como o curso de letramento racial e os da nossa ouvidoria para acolhimento e enfrentamento do racismo. Essa é uma nova oportunidade para avançarmos ainda mais na prestação do serviço público, modificando a realidade e o imaginário sobre a população negra”, lembrou a ministra.

Conforme as diretrizes do STF, a União deverá estabelecer medidas concretas de combate ao racismo estrutural nas áreas da Saúde, Segurança Pública, segurança alimentar e proteção à vida, bem como ações reparatórias pelas violações dos direitos da população negra. Além disso, o documento deverá prever a adoção de campanhas publicitárias de combate ao racismo e ao preconceito contra religiões de matrizes africanas. As medidas poderão ser inseridas no atual Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial (Planapir) ou em um novo plano.



Foto: Tomaz Silva/Agência Brasil

“Essa é uma nova oportunidade para avançar na prestação do serviço público, modificando a realidade e o imaginário sobre a população negra

Anielle Franco

## STF apontou violação sistemática de direitos

Durante o julgamento da Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 973 – APDF pelas Vidas Negras –, cujos votos começaram a ser apresentados em novembro de 2025, houve reiteradas declarações evidenciando a exclusão e a desigualdade que marcaram a trajetória do povo negro no país.

O relator da ADPF, ministro Luiz Fux, votou pelo reconhecimento da existência do racismo estrutural em novembro. No último dia de julgamento, ele ajustou seu entendimento, considerando que há um conjunto de medidas já adotadas ou em andamento para sanar as omissões históricas, o que afasta o estado de coisas inconstitucional inicialmente citado em seu voto.

Somaram-se a ele os ministros Cristiano Zanin, André Mendonça, Nunes Marques, Alexandre de Moraes, Dias Toffoli e Gilmar Mendes, que também consideram a existência de graves violações e defendem a necessidade de adoção de pro-



Foto: Rosinei Coutinho/STF

“Não é possível continuar preterindo mais da metade da população brasileira por puro, grave, trágico racismo

Carmen Lúcia

vidências contundentes.

Já os ministros Flávio Dino, Edson Fachin e a ministra Cármen Lúcia admitem que há uma omissão estatal sistêmica no enfrentamento das violações de direitos da população negra e reconhecem o estado de coisas inconstitucional decorrente do racismo estrutural e institucional, seguindo o voto inicial do relator.

“Não digam que sou da vida rebotalho, nem que fiquei à margem da vida. Digam que procurei trabalho, que sempre fui preterida”, declamou a ministra Cármen Lúcia, citando a escritora negra Maria Carolina de Jesus, em seu voto.

Ela trouxe, ainda, versos do cantor Emicida, ilustrando a violência contra os negros, e destacou que a Constituição Federal completou 37 anos sem que o Brasil tenha sido capaz de construir uma igualdade racial efetiva. “Não é possível continuar preterindo mais da metade da população brasileira por puro, grave, trágico racismo”, acrescentou a ministra do STF.

Ação

A ADPF nº 973 foi ajuizada por PT, Psol, PSB, PCdoB, Rede Sustentabilidade, PDT e PV. Os partidos apontaram que ações e omissões do Estado vêm negando sistematicamente os direitos constitucionais à vida, à Saúde, à Segurança e à alimentação digna da população negra. Sustentaram ainda que essa parcela da sociedade está submetida a um processo de genocídio permanente, com destaque para a alta e crescente letalidade decorrente da violência policial e o hiperencarceramento de jovens pretos e pardos pela política antidrogas.

Os partidos defenderam que esse cenário exige o reconhecimento de um “estado de coisas inconstitucional” e pedem a adoção de políticas de reparação, a partir de um plano nacional de enfrentamento do racismo estrutural. Pediram, ainda, a definição de obrigações a serem cumpridas pelos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

Toca do Leão

Fábio Mozart  
mozartpe@gmail.com | Colaborador

## Microcrônicas (25)

Contado por Jessier Quirino: “Um doido armado com uma foice me abordou na rua: ‘O senhor é o tal de Jessier Quirino que vive contando histórias de matuto?’. ‘Sou não, senhor!’. ‘Mas já foi?’. ‘Já sim, senhor’. ‘Então, pode passar’”.

Jessier Quirino está no meu livro “Artistas de Itabaiana”.

“Arnaud Costa, um dos primeiros comentaristas esportivos que comecei a escutar na vida. Na Rádio Cultura de Guarabira ao lado de Martins Junior e Germano Ferreira” (Heleno Alexandre, poeta cantador sapeense).

Arnaud Costa também consta no livro “Artistas de Itabaiana”.

“O rádio que se faz na Paraíba é medíocre. A programação musical é de baixa qualidade, com raras exceções. Os programas jornalísticos imitam uns aos outros no que há de inexpressivo e banal. Os empresários do setor não apostam na renovação, e as estações de rádio se nivelam por baixo” (Marcelo Piancó, in memoriam, em entrevista ao programa Alô, comunidade).

“Meu voto não tem preço. Mas, dependendo da proposta, dá para conversar” (Âmeba, o execrável).

Sinal dos tempos: passei em silêncio, o vizinho respondeu com outro silêncio. Ambos somos da chamada “maioria silenciosa”.

A usina de ódio que rola nessas tais redes sociais dá energia suficiente para abastecer o inferno durante 10 anos, no mínimo.

“A mão de Deus desviou os mísseis para o mar”, disse o crente, citando a Bíblia, sobre suposto milagre na guerra em Israel.

A mão de Deus permaneceu inerte enquanto os canhões dos judeus matavam crianças palestinas inocentes.

O dramaturgo paulista Plínio Marcos comercializava suas obras nas ruas de São Paulo. Hoje ele estaria comemorando 90 anos.

Aos setenta anos, tento vender meus livros nas praças e nas feiras.

Montei a peça “Dois perdidos numa noite suja”, texto de Plínio Marcos, nos anos 1980, pelo Grupo Experimental de Teatro de Itabaiana. Contracenei com o ator Normando Reis.

No final do espetáculo, meu personagem fuzilava o personagem de Normando. Um dia, o revólver falhou. Tive que “matar” o cara a pauladas.

Quando adolescente, comecei um conto com a frase: “O que há atrás da porta?”. Uma tentativa frustrada de produzir um conto de fundo psicológico.

Idalmo da Silva era professor do Ginásio de Itabaiana, ensinando História Geral. Nas suas aulas, Idalmo falava de tudo. Seu discurso incluía até questões sexuais, liberdade para as mulheres disporem de seu próprio corpo, entre outros assuntos explosivos para a época.

O resultado dessa audácia foi que um grupo de professores se reuniu, pedindo a cabeça do mestre Idalmo por “incitar a imoralidade e a subversão”. Idalmo foi expulso do Ginásio, vítima da intolerância dos próprios colegas.

“Cachaça é igual pijama de flanela: quem vê de fora acha horrível, mas a gente que tá dentro dele é que sabe o quanto aquece e é confortável” (Âmeba, o alcoolista).

“Todos os dias tento encontrar um sinal de Deus, mas infelizmente não encontro” (José Saramago).

Pré-candidato anuncia que não será mais candidato. Eu também informo que estou fora da disputa. Pelos mesmos motivos, isto é, falta de votos.



AMAZÔNIA LEGAL

Área extensa vira “terra de ninguém”

Estudo aponta que 118 milhões de hectares da região não têm controle cadastral e podem sofrer ocupação irregular

Daniel Camargos  
Repórter Brasil

Uma parcela de terras públicas equivalente à soma das áreas de Espanha, França e Portugal segue sem destino definido na Amazônia Legal. São 118 milhões de hectares de áreas da União e dos estados que até podem estar ocupadas irregularmente, mas que funcionam como se não tivessem donos. O motivo: a inexistência de controle cadastral e a falta de integração entre os sistemas oficiais que deveriam dizer quem controla cada pedaço do território. “É um patrimônio público que está perdendo terreno para a grilagem [apropriação ilegal de terra]”, afirma o cientista Paulo Moutinho, cofundador do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam). Ele acompanha o tema há mais de uma década. “Em muitos casos, essas áreas ficaram com sensação de ‘terra de ninguém’”, complementa.

Um estudo do Instituto Escolhas faz raios X das terras públicas federais e estaduais ainda sem destinação formal. Segundo o levantamento, o conjunto de 118 milhões de hectares é resultado da soma de 60,9 milhões de hectares de glebas públicas com 57,1 milhões de hectares classificados como vazios fundiários. Dentro desse total, a pesquisa aponta 56,4 milhões de hectares já ocupados e 59,4 milhões de hec-



Foto: Daniel Beltrá/Greenpeace

Segundo cientista, 65% do desmatamento em áreas de floresta não destinadas ocorrem em locais com cadastro fraudado

tares sem ocupação consolidada.

Entre essas áreas, estão as florestas públicas não destinadas (FPND). Diferentemente das terras públicas não destinadas em geral, as FPND são florestas cadastradas no Cadastro Nacional de Florestas Públicas (CNFP), reconhecidas como patrimônio público, mas ainda sem definição de uso. Uma vez destinadas, elas podem se transformar em unidades de conservação, concessões florestais ou terri-

tórios de comunidades tradicionais. A última atualização do CNFP, de 2024, publicada pelo Serviço Florestal Brasileiro (SFB), registra 56,5 milhões de hectares de floresta sem destinação na Amazônia Legal.

Ferramenta para fraudes

Um dos principais motores da ocupação irregular é o Cadastro Ambiental Rural (CAR), criado pela Lei do Código Florestal, em 2012. O CAR é um registro autodecla-

ratório, obrigatório para todos os imóveis rurais. Em tese, deveria mapear áreas de preservação permanente e reservas legais, mas acabou sendo usado como comprovação informal de posse, mesmo em áreas públicas.

Por ser autodeclarado e não passar por um processo de comprovação, vem se tornando um documento para oficializar fraudes. Moutinho aponta que cerca de 30 milhões de hectares das florestas não destinadas estão

cobertos por CARs com indícios de irregularidades. “Tem CAR no Amazonas com 20 a 30 cadastros sobrepostos na mesma área”, relata.

A consequência aparece no padrão de desmatamento. “Cerca de 65% de tudo que é derrubado em floresta pública não destinada ocorre dentro de CAR fraudulento”, diz Moutinho. Após a retirada da madeira de valor, parte dessas áreas muda rapidamente de uso. “70% viram pasto e cerca de 25%

são abandonados depois da exploração madeireira”, explica.

A pecuária é a principal vilã desse processo, com a figura do “boi zelador” — animal que pasta na área para respaldar a ocupação e manter a aparência de uso produtivo, aponta Moutinho. Assim, em vez de representar uma atividade econômica legítima, o rebanho funciona como instrumento de consolidação da grilagem. Em muitos casos, o abate é feito por frigoríficos sem as devidas licenças, alimentando cadeias clandestinas.

Durante anos, essa dinâmica teve apoio indireto do sistema financeiro. “Bancos oficiais aceitavam o CAR como elemento de posse do imóvel, e esse recurso financiava o desmatamento”, resalta Moutinho.

Investigações da Polícia Federal (PF) estimam que o custo para desmatar um hectare — financiado por terceiros, inclusive com recursos internacionais — variava de R\$ 1,5 mil a R\$ 3 mil. Nos últimos anos, contudo, o perfil de quem financia a devastação vem mudando. “Foi substituído pelo crime organizado, com dinheiro da extração de ouro, do tráfico de drogas e do tráfico de armas”, observa Moutinho. A combinação de áreas públicas sem destinação, cadastros frágeis e fiscalização insuficiente facilita esse avanço, segundo o cientista.

Bases de dados fundiários não são integradas entre si

O advogado e professor da Universidade Federal do Pará (UFPA), Girolamo Treccani, que também é assessor jurídico da Comissão Pastoral da Terra (CPT), resume o problema em uma expressão: “caos fundiário”. Ele recorda que decisões do Tribunal de Contas da União (TCU) apontaram que o próprio Governo Federal não sabe exatamente onde está e qual é a situação jurídica de parte expressiva das suas terras. Em 2023, a governança fundiária foi classificada pelo tribunal como um dos pontos mais críticos do Estado brasileiro.

“Não temos hoje nenhum sistema que permita ter controle da situação”, comenta Treccani. Ele esclarece que o país convive com bases de dados paralelas que não necessariamente dialogam entre si. Os diferentes sistemas são operados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), pelo Sistema de Gestão Fundiária (Sigef) e pelo CAR, sem falar ainda nos cadastros estaduais e nos registros de imóveis.

A falta de integração produz distorções. “No Amazonas, nós temos municípios com mais papel do que terra. A soma das áreas registradas supera a área territorial”, ilustra Treccani. Isso ocorre por-

que sistemas desconectados permitem que o mesmo pedaço de terra apareça múltiplas vezes em registros distintos.

Para tentar corrigir parte disso, surgiram iniciativas recentes. O Sistema Nacional de Gestão de Informações Territoriais (Sinter), regulamentado por decreto em 2016 e alterado em 2022, busca integrar informações fundiárias e imobiliárias. No ano passado, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou o Provimento nº 195, exigindo que os imóveis tenham base geoespacial administrada pelo Operador Nacional do Registro (ONR).

A implementação, porém, é lenta. “Ao menos 30% dos cartórios do Pará ainda não estão no sistema do ONR”, lamenta Treccani. Sem adesão total, não é possível cruzar a matrícula de um imóvel com a área declarada no Sigef ou no CAR. “A insegurança nasce da falta de sistematização das informações”, resume o professor.

Treccani lembra que, a partir de setembro de 2025, passou a ser obrigatório apresentar o CAR para abrir matrícula no Registro de Imóveis, mas não é exigido que o CAR esteja validado. Ou seja: um CAR ativo, mesmo com indícios de irregularidade, pode ser usado para iniciar um processo de registro.

“O Brasil nasce da grilagem”, diz especialista

O professor Raoni Rajão, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que chefiou até 2024 o Departamento de Políticas de Controle do Desmatamento e Queimadas do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA), chama atenção para o efeito imediato de mudanças recentes. Ele cita o Decreto nº 12.689, editado pelo Governo Federal em outubro do ano passado, que suspendeu até 2029 a obrigatoriedade de registrar no Sigef todos os imóveis rurais, independentemente do tamanho. “Ao abrir mão desse controle, o governo cria uma janela para movimentar terra sem passar pelo filtro do Sigef”, avalia.

A medida soma-se a um problema histórico. “O Brasil nasce de uma grande grilagem”, declara Rajão. Segundo ele, desde o período colonial, o princípio dominante era o da ocupação: mandava quem ocupava, não quem tinha documento. A Lei de Terras de 1850, criada ainda no Império, tentou organizar a posse ao exigir um contrato de compra e venda para a destinação de terras públicas a pessoas privadas, mas teve aplicação limitada.

No século 20, políticas

Tensão

A Amazônia Legal concentra a maior parte dos conflitos agrários do país; situação é agravada pela indefinição sobre as terras e ameaça povos tradicionais

de colonização ampliaram o descontrole. Rajão lista, como exemplos, a “marcha para o oeste” no governo de Getúlio Vargas, a construção da Belém-Brasília por Juscelino Kubitschek e programas da Ditadura Militar que atrelaram a posse ao desmatamento, como contratos de cessão nas margens da BR-230, a rodovia Transamazônica.

A legislação sobre o tamanho máximo de imóveis rurais privados também variou ao longo do tempo. Em determinados períodos, títulos com mais de 10 mil hectares só podiam ser emitidos com autorização do Senado. Depois de 1964, esse limite foi reduzido para 3 mil hectares e,

mais tarde, passou para 2,5 mil hectares, conforme as regras estabelecidas após a Constituição de 1988.

Apesar disso, há registros de imóveis privados com áreas muito superiores, herdadas de processos fundiários antigos, com sobreposições e falhas documentais. Segundo Treccani, da UFPA, muitos títulos privados só poderiam ser conferidos se o Estado tivesse seus arquivos históricos digitalizados — de antigas cartas de sesmarias a títulos emitidos por governos estaduais e federais. “O dever de casa é digitalizar todo o acervo para saber se a origem está em carta de sesmarias ou em emissão válida do governo”, pondera.

Violência

A indefinição fundiária é uma das principais causas do aumento dos conflitos no campo, segundo os especialistas entrevistados. Os relatórios anuais da CPT (Comissão Pastoral da Terra) mostram que a Amazônia Legal concentra a maior parte dos conflitos agrários do país.

Nos últimos anos, povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais têm sido as principais vítimas de ameaças, expul-

sões e assassinatos. Muitas dessas áreas estão dentro de terras e florestas públicas sem destinação formal.

“À medida que a grilagem avança, cresce o fogo, a devastação e o conflito social”, constata Moutinho, do Ipam. Rajão, da UFMG, concorda: “Sem regularização fundiária e sem destinação clara, a Amazônia continuará vulnerável”. Já Treccani reforça que a saída depende de decisão política: “Sem transparência e sem integração dos sistemas, o problema não vai ser resolvido”.

A câmara técnica responsável por discutir a destinação de terras — criada no governo Dilma, extinta no governo Bolsonaro e recriada na gestão Lula — voltou a funcionar com discussões sobre dezenas de milhões de hectares. Mas, até agora, poucas decisões formais foram tomadas.

Treccani defende que o processo seja aberto também aos estados e à sociedade civil. Ele menciona o princípio constitucional de que “todo poder emana do povo” e conclui: “Transparência é a base da democracia. Terra não é da União, do presidente ou do governador. Terra pública é do povo”.



EXPECTATIVAS

# Ano de 2026 já tem editais esperados

ALPB, Câmara de João Pessoa, EPC e prefeituras aparecem entre os concursos previstos para os próximos meses

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

O começo do ano costuma trazer à tona uma pergunta recorrente entre os concurseiros: para qual edital direcionar os esforços? Na Paraíba, a resposta passa por uma série de concursos públicos previstos que começam, agora, a ganhar contornos mais claros. Estão no radar seleções aguardadas há anos, como as da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) e da Câmara Municipal de João Pessoa, além da expectativa por um novo concurso da Fundação Paraibana de Gestão em Saúde (PB Saúde). Também entram nesse cenário os editais anunciados da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) e de prefeituras do interior. Com tantas opções, entender o que vem pela frente é o primeiro passo para fazer escolhas mais conscientes e transformar o início do ano em planejamento.

Assembleia

Sem dúvida, entre os concursos mais aguardados de 2026 está o da Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB). A informação foi confirmada pelo presidente da Casa, Adriano Galdino, que anunciou não apenas a intenção, mas a autorização formal do certame, reacendendo o interesse de quem deseja ingressar no serviço público. Uma comissão especial de planejamento já foi instituída para coordenar todas as etapas da seleção. O ato foi publicado recentemente no Diário Oficial do Poder Legislativo.

O peso desse concurso explica-se pelo tempo. Para se ter ideia, o último edital da ALPB foi lançado em 2012 e teve sua validade encerrada cinco anos depois. Desde então, não houve uma nova seleção, apesar da necessidade de recomposição do quadro administrativo. À época, foram ofertadas 109



Foto: Divulgação/PB Saúde

vagas, além de cadastro reserva, para os cargos de assistente legislativo, assessor técnico, analista legislativo e consultor legislativo.

Para o próximo edital, além dessas funções, há expectativa de abertura de vagas para os cargos de auditor de controle interno e procurador, voltadas a profissionais com formação superior específica. Embora a quantidade de vagas ainda não tenha sido divulgada, a previsão é que o edital, com definição de cargos, requisitos e etapas, seja publicado neste ano, após a conclusão dos estudos técnicos e a aprovação do planejamento interno.

Câmara de João Pessoa

Outro concurso que promete mobilizar os concurseiros paraibanos é o da Câmara Municipal de João Pessoa. Segundo o presidente da Casa, Dinho Dowsley, os estudos para a realização de um novo certame estão em fase avançada. O edital é considerado estratégico para a reorganização do quadro de servidores, devido à ampliação das atividades parlamentares. Assim como ocorre com a ALPB, a última seleção da Câmara aconteceu há



Foto: Divulgação/ALPB

Na PB Saúde, há apenas expectativa de abertura; na AL, o certame já foi autorizado

mais de uma década, quando foram ofertadas 28 vagas para cargos de níveis médio e superior, com salários que variaram entre R\$ 1,2 mil e R\$ 6,6 mil. Em 2012, o concurso foi organizado pela Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de São José do Rio Preto (Faperp).

Para o próximo edital, a expectativa é que sejam contempladas vagas de níveis fundamental, médio e superior, com funções que vão de técnico em Contabilidade a consultor jurídico, além de oportunidades para a Procuradoria e setores de atendimento. Embora ainda não haja edital publicado

nem banca contratada, acredita-se que o processo irá avançar em breve.

PB Saúde

Na área da Saúde, o cenário também aponta para novas oportunidades. O superintendente da Fundação Paraibana de Gestão em Saúde (PB Saúde), Jhony Bezerra, confirmou a previsão de um novo concurso para atender à demanda gerada pela ampliação da rede hospitalar no estado. Mesmo com cerca de quatro mil aprovados, entre vagas imediatas e cadastro reserva no edital de 2024, a avaliação é de que essa

quantidade não será suficiente diante dessa expansão. Para se ter ideia, um novo Hospital da Mulher foi recém-inaugurado em João Pessoa e outras unidades estão em construção em Campina Grande e Sousa, isso sem falar no Hospital de Trauma do Sertão. Com isso, a necessidade de profissionais nas áreas assistencial, técnica e administrativa deve aumentar significativamente nos próximos meses.

Realizado no ano passado, o último concurso da PB Saúde ofereceu um total de 4.338 vagas, sendo 1.410 imediatas e 2.928 para cadastro reserva.

O novo edital da EPC tem como objetivo complementar seu quadro de funcionários, com vagas em áreas técnicas e administrativas

Havia oportunidades para médicos em diferentes especialidades, técnico de Enfermagem, assistente social, farmacêutico, nutricionista, cirurgião-dentista e analista de recursos humanos, entre outras funções. Os salários variaram de R\$ 1,6 mil a R\$ 12 mil. Para o próximo certame, a expectativa é que o modelo se repita, mas ainda não há mais detalhes.

Edital mais próximo

Diferentemente dos concursos ainda em fase de estudos, o da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) está mais próximo de se concretizar. A banca organizadora já foi definida e oficializada no Diário Oficial do Estado, em 10 de dezembro do ano passado (2025): o Instituto de Educação e Desenvolvimento Social Nosso Rumo. O novo edital tem como objetivo complementar o quadro de funcionários da empresa, com oportunidades em áreas técnicas e administrativas. Entre as funções previstas estão as de auxiliar de serviços gráficos, cortador, operador de colabamento em máquina de cola e técnicos em impressão.

No concurso anterior, foram ofertadas 159 vagas para cargos de níveis médio, técnico e superior. Já o processo de avaliação foi composto por provas objetiva, prática e de títulos. Com a banca definida, a expectativa é de que o novo edital seja publicado em breve.

## Do interior a estados vizinhos, novos concursos entram no radar

Além dos concursos estaduais, as prefeituras do interior também começam a se movimentar. Em Itabaiana, no Agreste paraibano, por exemplo, a comissão responsável pela organização do concurso da Prefeitura da cidade foi formada em dezembro passado. O grupo ficará responsável por supervisionar os estudos técnicos, a contratação da banca organizadora — a próxima etapa do processo — e a condução até a publicação do edital. A última seleção em âmbito municipal ocorreu há mais de 15 anos.

O novo certame deve ofertar 126 vagas distribuídas entre as suas diversas secretarias, incluindo Educação, Saúde, Infraestrutura, Agricultura, Administração e Tecnologia. Entre as vagas a serem preenchidas estão oportunidades para professores de diversas áreas do conhecimento, médicos, enfermeiros, engenheiros e técnicos — de Enfermagem, administrativos e de

Tecnologia da Informação (TI).

Já a Câmara Municipal do município de Lagoa, no Sertão paraibano, acabou de escolher, oficialmente, a banca organizadora de seu mais novo concurso. A Ápice Consultoria e Capacitações ficará responsável pelo planejamento e execução do edital. Estima-se que sejam abertas quatro vagas para os cargos de recepcionista, agente administrativo, auxiliar de serviços gerais e agente de segurança. Embora ainda não tenham sido divulgados mais detalhes, a definição da banca costuma ser um dos últimos passos antes da publicação.

Para além da Paraíba

As previsões, porém, não se limitam apenas à Paraíba. Estados vizinhos também concentram movimentações importantes, com seleções já em fase avançada ou oficialmente autorizadas. No Rio Grande do Norte, o concurso da Polícia Militar é a principal novidade.

Com a banca organizadora já contratada, o certame encontra-se em fase final de preparação e deve ofertar 146 vagas, sendo 125 delas para a área de Saúde e 21 para o Curso de Formação de Praças Músicos. Os requisitos serão nível superior, com habilitação técnica na respectiva área, além de comprovação técnica no caso dos músicos. A banca responsável será o Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistência Nacional (Idecan).

Já no Ceará, a Assembleia Legislativa do estado prepara uma nova seleção, programada para este ano. A comissão organizadora já foi instituída e os preparativos estão em andamento. Estima-se que o concurso conte com mais de 200 vagas, com o objetivo de modernizar o quadro administrativo da Casa. No estado, os salários na área legislativa partem de R\$ 2,9 mil, para cargos de nível médio, e chegam a ultrapassar os R\$ 5,8 mil no nível superior.



Foto: Divulgação/Prefeitura de Itabaiana



Foto: Divulgação/PMRN

Prefeitura de Itabaiana e PM do RN têm editais já previstos

A última dica fica por conta de Alagoas, cuja Secretaria de Educação acabou de autorizar a realização de um novo concurso público, com mais de 1,4 mil vagas. A previsão é que o edital seja publicado até o fim de 2026. Ao todo, serão 1.042 vagas destinadas a professores de nível superior, além de 400 oportunidades para a carreira de analista educacional. A dis-

tribuição contempla vagas imediatas e formação de cadastro reserva. Já as remunerações variam conforme a carga horária,

podendo chegar a valores próximos de R\$ 5,7 mil para jornadas de 40 horas semanais, mais gratificações e benefícios.



REFORMA TRIBUTÁRIA

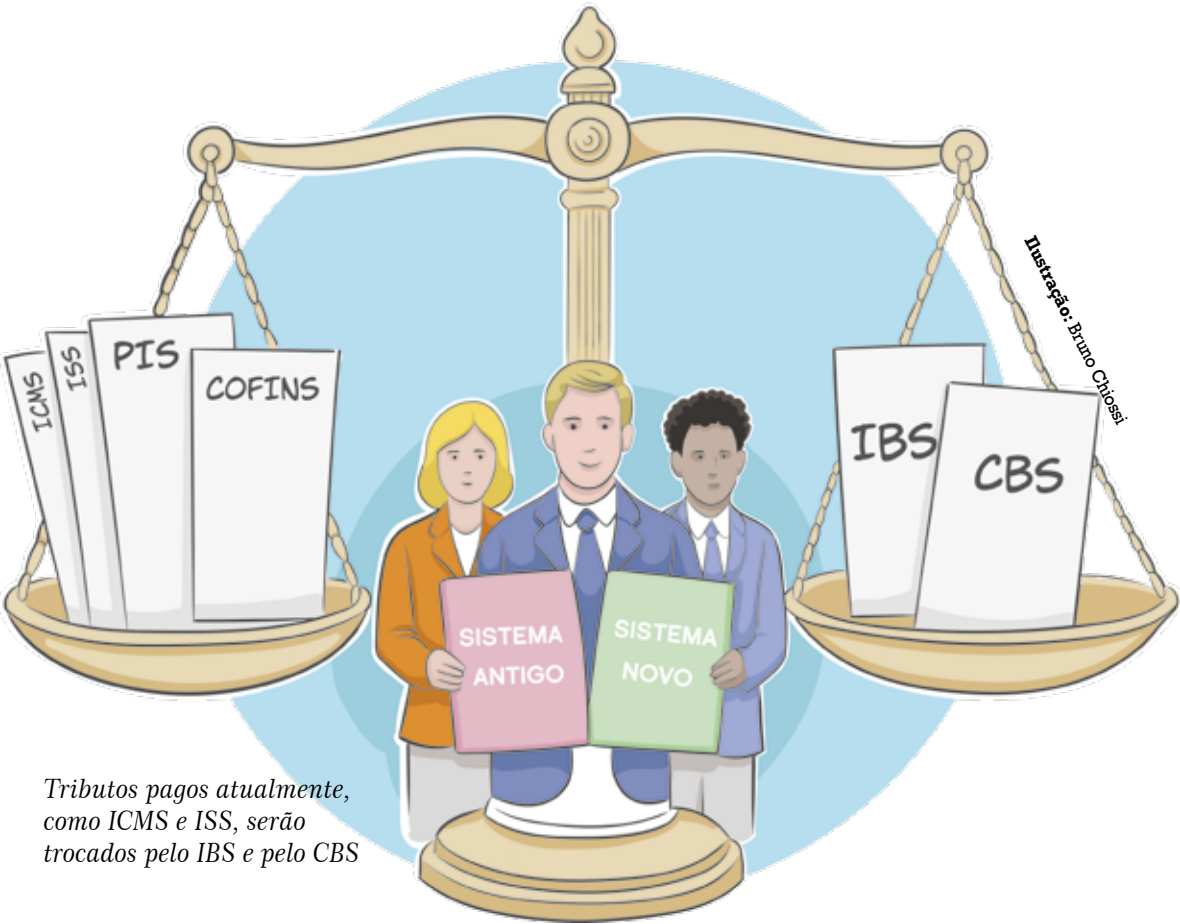
# Fase de transição para novo sistema desafia empresas

Até 2033, será necessário declarar impostos em duas modalidades diferentes

Nalim Tavares  
nalimtavaresrdo@gmail.com

Em 2026, começa a fase efetiva de transição da Reforma Tributária, uma ampla mudança nas leis brasileiras que reestrutura o sistema de tributos do país. O principal objetivo desse novo sistema é simplificar a estrutura tributária, reduzir burocracia e custos e alinhar o Brasil às práticas internacionais, por meio da adoção de um modelo de Imposto Sobre Valor Agregado (IVA) semelhante ao de cerca de 174 países. Apesar disso, especialistas em Contabilidade e em Direito Tributário preveem um período longo e complexo de adaptação, que exigirá esforço técnico e estratégico das empresas, até a extinção plena dos tributos antigos, marcada para 2033.

De acordo com Fábio Firmino, contador e sócio da Datacontábil Compliance, a mudança está sendo recebida com cautela e alguma insatisfação, especialmente no segmento de Imóveis e Prestação de Serviços. “Apesar de haver consenso quanto à necessidade de modernização e tratamento uniforme de tributos sobre o consumo, o receio recai sobre o aumento de carga para determinadas atividades”, conta ele. “No setor de Imóveis, por exemplo, a nova sistemática prevê a incidência dos novos tributos de consumo sobre aluguéis, cessões e arrendamentos próprios, o que, até então, não ocorria de modo tão amplo. No de Prestação de Serviços, a expectativa de simplificação convive com o temor de que a alíquota global fique elevada, exigindo readequações contratuais, precificação mais cuidadosa e controle de crédito fiscal novo”, explica. A visão de Fábio sobre a reforma é atestada pelo colega de profissão, Paulo Torquato, da Pretorian Contabilidade. Entretanto, para eles, os setores encaram a mudança por uma ótica mais positiva. “A proposta de unificar tribu-



Tributos pagos atualmente, como ICMS e ISS, serão trocados pelo IBS e pelo CBS

tos e simplificar regras é vista com bons olhos, principalmente por empresários e contadores que convivem com a burocracia diária. Por outro lado, há preocupação com a fase de transição e com a falta de clareza em alguns pontos da regulamentação. O sentimento predominante é de otimismo, mas com os pés no chão”, ele afirma.

O IVA, no Brasil, será dual, o que significa duas ramificações: o Imposto sobre Bens e Serviços (IBS), para os municípios e estados; e a Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS), para o Governo Federal. Esses dois tributos substituirão os atuais Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), Imposto sobre Serviços (ISS), Programa de Integração Social (PIS), Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) e Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), representando uma reorganização econômica. O Governo implementará o IBS e a CBS de forma gradual, com alíquotas reduzidas nos primeiros anos e aumento pro-

gressivo até a substituição total dos tributos. Durante a transição, as empresas precisarão declarar seus impostos nas duas modalidades, a antiga e a nova.

Segundo os contadores, os desafios são inúmeros, mas, principalmente, operacionais. “As empresas precisarão revisar seus sistemas de gestão, adequar o leiaute das notas fiscais e entender novas regras de apuração e crédito”, Paulo elucida. “Outro ponto será o treinamento das equipes contábeis e fiscais, que precisarão dominar tanto o sistema antigo quanto o novo durante o período de convivência. Além disso, a fase inicial exigirá planejamento financeiro, já que a migração pode impactar o fluxo de caixa e a precificação de produtos e serviços”, conclui.

#### Questões em aberto

Embora o texto-base da reforma tenha sido aprovado, alguns detalhes dependem de leis complementares. O contador Paulo Torquato diz que aspectos cruciais, como

a definição exata das alíquotas e o aproveitamento de saldos credores, só serão conhecidos nos próximos anos. Também há incertezas sobre como os estados e municípios vão se adequar à nova partilha do IBS e sobre o impacto real nas empresas do Simples Nacional, as quais reforçam a importância de acompanhar de perto as atualizações e participar de discussões setoriais.

A sociedade, como um todo, também precisará estar atenta aos impactos decorrentes da reforma: em médio prazo, espera-se que os preços se tornem mais transparentes e que o consumo seja beneficiado por um ambiente econômico mais estável, segundo Paulo. Por outro lado, pode haver ajuste de preços temporários em alguns setores durante a transição, como, por exemplo, os aluguéis. “O objetivo final é que a reforma traga maior competitividade, justiça fiscal e crescimento econômico sustentável, benefícios que, em longo prazo, se estenderão a toda a população”, ele prevê.

e margens com antecedência”, aponta o especialista.

Paulo Torquato recomenda a mesma estratégia e, ainda, reitera a importância de investir em consultorias tributárias especializadas, na atualização de sistemas e na capacitação da equipe. “A integração tecnológica e a automação dos processos contábeis serão fundamentais”, diz.

“Além disso, será importante revisar contratos com fornecedores, políticas de preços e de créditos e toda a cadeia de suprimentos. A reforma traz a promessa de um ambiente de negócios mais justo, mas só colherão os frutos aquelas que se estruturarem com antecedência”, finaliza.

## Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira  
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

### O que esperar do Brasil em 2026

O ano de 2026 projeta-se como um marco decisivo na história brasileira, caracterizado por uma “tempestade perfeita”: a convergência de eleições gerais, o início da Reforma Tributária, um calendário produtivo reduzido e a Copa do Mundo. Esse cenário exigirá resiliência e visão estratégica do Estado, das empresas e da sociedade.

#### O Cenário Político e Institucional

As eleições para presidência, governos estaduais e a renovação de grande parte do Congresso tendem a paralisar a agenda legislativa técnica no segundo semestre, dando lugar a pautas populistas. O risco do “ciclo político” eleva a pressão por gastos públicos, podendo tensionar regras fiscais e gerar volatilidade no câmbio e nos juros. O resultado das urnas será o termômetro para a governabilidade e as diretrizes econômicas do ciclo 2027–2030.

#### Economia e a Virada Tributária

Com previsão de crescimento moderado (1,8% a 2,4%), o destaque econômico é a implementação do IVA Dual (CBS e IBS). Em 2026, inicia-se a fase de teste com alíquota de 1%, exigindo que empresas operem sistemas paralelos. Isso traz desafios operacionais e riscos de insegurança jurídica.

Tecnologia: setor paradoxal; enfrentará maior carga futura, mas terá alta demanda imediata para atualizar sistemas (ERPs) e implementar o *split payment*.

Varejo: fim da guerra fiscal com a tributação no destino, forçando a reestruturação logística e tecnológica.

Indústria: principal beneficiada teórica pelo fim da cumulatividade de impostos, embora enfrente custos de adaptação e o novo Imposto Seletivo para setores específicos.

Comércio exterior: promessa de maior competitividade com a desoneração real das exportações e devolução rápida de créditos.

#### Impactos Sociais e Produtividade

O excesso de feriados em dias úteis e a Copa do Mundo devem comprimir as margens de lucro na Indústria e Serviços Administrativos em até 12%. Em contrapartida, os setores de turismo,

eventos e bares devem ser impulsionados pelo consumo sazonal e o clima eleitoral.

Recorte regional: Nordeste e Paraíba. O Nordeste tende a ser beneficiado pela transição da origem para o destino. A ampliação da isenção do Imposto de Renda (salários até R\$ 5 mil) deve injetar R\$ 1,7 bilhão na economia regional.

Paraíba: o estado deve ver um incremento mensal de R\$ 6,4 milhões na renda disponível. O

setor de energias renováveis ganha fôlego com a desoneração de bens de capital.

João Pessoa: enfrentará o desafio de ajustar preços no setor de Serviços (hotelaria/gastronomia) devido à nova carga, mas ganhará arrecadação como polo consumidor.

Campina Grande: fortalecida pelo ecossistema de TI (em alta pela reforma) e pelos setores de Saúde e Educação, que gozam de alíquotas reduzidas.

2026 não será um ano de espera, mas de ação. Para as empresas, o foco será planejamento e liquidez. Para o governo, a manutenção da estabilidade fiscal sob o ruído das urnas. Para o cidadão, será um momento de escolhas que moldarão a próxima década, talvez suavizado pelo desempenho da Seleção Brasileira na Copa, funcionando como um alento social diante de tantas transformações.

## Preparação antecipada é chave para sucesso



Fábio Firmino (acima) e Paulo Torquato indicam investir em capacitação sobre novo modelo



ECONOMIA DOMÉSTICA

# Comer saudável custa mais caro

*Projeção aponta que ultraprocessados podem ficar mais baratos que os alimentos saudáveis neste ano*

Idec

Em um cenário onde comer de forma saudável virou privilégio, entender por que os alimentos saudáveis têm ficado mais caros é o primeiro passo para garantir que a alimentação adequada e saudável volte a ser um direito e não um luxo.

Por isso, o Grupo de Estudos de Inquéritos Populacionais de Saúde (Geips) e o Grupo de Estudos, Pesquisas e Práticas em Ambiente Alimentar e Saúde (GEPPAAS) — ambos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) —, junto com o Instituto de Defesa de Consumidores (Idec), avaliaram, por meio de uma pesquisa, como os preços dos alimentos evoluíram no Brasil após a pandemia de Covid-19, e quais as tendências desses preços em 2026. O grupo também avaliou os impactos da Reforma Tributária nos custos dos alimentos da nova cesta básica após reformulação.

Os resultados do estudo mostram um cenário preocupante: enquanto os preços dos produtos alimentícios ultraprocessados apresentaram redução ao longo do tempo, os alimentos *in natura* ou minimamente processados e os ingredientes culinários pro-

cessados tornaram-se progressivamente mais caros.

Por exemplo, de 2018 a 2024 observou-se uma redução de aproximadamente 16% nos preços médios dos ultraprocessados, caindo de R\$ 22,20, em 2018, para R\$ 18,80, em 2024. Os alimentos processados também apresentaram importante queda, de R\$ 26,10, em 2018, para R\$ 22,60, em 2024. Em contraste, os alimentos *in natura* ou minimamente processados e os ingredientes culinários processados tiveram um aumento acentuado durante a pandemia de Covid-19, passando de R\$ 18,90, em 2018, e atingindo um pico de R\$ 21,30, em 2021, seguido por uma ligeira queda, atingindo R\$ 18,60, em 2024.

Embora, em 2018, os ultraprocessados ainda fossem mais caros do que os alimentos saudáveis, a partir de 2024, observa-se uma convergência nos preços médios entre os dois grupos.

Por exemplo, o arroz polido teve aumento de R\$ 4,50, em 2018, para R\$ 5,90, em 2024; o feijão subiu de R\$ 7,10 para R\$ 9,30, nesse mesmo período, mantendo-se acima de R\$ 9 desde 2020; a banana prata passou de R\$ 6,60 para R\$ 8,20, com alta constante desde 2021; já o azeite atingiu um va-



Enquanto o valor médio dos itens naturais subiram de 2018 a 2024, ingredientes processados ficaram mais em conta

lor alarmante de 63,70 reais/kg em 2024. Em relação aos ultraprocessados, o refrigerante sabor cola teve queda no preço médio, passando de 5,60 para 4,70 reais/litro de 2018 a 2024; a mortadela teve uma redução de R\$ 21,10 para R\$ 15,10, com redução contínua após 2020; a margarina terminou o ano de 2024 custando 13,90 reais/kg, valor inferior ao de 2018 (R\$

15,80); já para o iogurte com sabor, observou-se uma redução de 16 para 14,70 reais/kg de 2018 a 2024.

A tendência desses preços para o intervalo de 2025–2026 é que o preço dos ultraprocessados mantenha-se em queda, obtendo uma média de R\$ 18,40/kg em 2025 e R\$ 17,90/kg em 2026, enquanto alimentos *in natura* ou mini-

mamente processados e ingredientes culinários processados mantenham relativa estabilidade (média de R\$ 19,50, em 2025, e R\$ 19,60, em 2026).

Assim, como as projeções para 2026 indicam a continuidade dessa tendência, a pesquisa evidencia a necessidade urgente de políticas públicas que promovam o acesso físico e financeiro a alimentos sau-

dáveis, transformando concretamente os ambientes alimentares, hoje amplamente dominados por ultraprocessados. A tendência de que os ultraprocessados ficassem mais baratos que os alimentos *in natura* e minimamente processados estava prevista para 2026. No entanto, o estudo revela que essa mudança aconteceu antes do previsto.

## Mudança climática afeta produção e encarece produtos frescos

Outro ponto de atenção refere-se às mudanças climáticas, que impactam diretamente a produção agrícola, encarecendo alimentos frescos e comprometendo ainda mais a disponibilidade e o acesso da população a uma alimentação saudável. Eventos extremos como secas, enchentes e ondas de calor afetam a oferta de frutas, verduras, legumes e grãos, pressionando seus preços e ampliando desigualdades já existentes.

Nesse contexto, a pesquisa aponta como fundamental o avanço em políticas econômicas estruturantes, como a isenção fiscal para alimentos saudáveis e a implementação de tributos sobre ultraprocessados, com destinação socialmente justa desses recursos. Segundo as pesquisadoras, tais medidas seriam estratégicas para reequilibrar os preços relativos dos alimentos, tornando as escolhas saudáveis mais acessíveis à população.

Um exemplo importante para o controle dos custos da alimentação no Brasil aconteceu com a discussão da Reforma Tributária, que isentou de tributos os alimentos adequados e saudáveis. Um segundo estudo, desenvolvido pela UFMG em parceria com o Idec, mostrou que a Reforma Tributária

mudará o modo como os brasileiros se alimentam, mas seus efeitos dependem de como serão aplicados os impostos seletivos e a aplicação da isenção da nova cesta básica de alimentos.

Esse segundo estudo teve como objetivo modelar os impactos da Reforma Tributária sobre a demanda e o consumo de alimentos no Brasil, mostrando que os alimentos que compõem a nova cesta básica brasileira continuam sendo os mais importantes no orçamento das famílias e são menos sensíveis a variações de preço, ou seja, mesmo com aumento nos preços, seu consumo tende a mudar pouco. Por outro lado, produtos ultraprocessados e bebidas adoçadas destacam-se por sua maior sensibilidade à renda e ao preço: quando a renda familiar aumenta, o consumo desses produtos cresce de forma mais acelerada; e, quando há aumento no preço de frutas e verduras, as famílias tendem a substituí-las por produtos como pães, biscoitos e refrigerantes.

Além disso, a restrição do imposto seletivo apenas aos refrigerantes, mostra-se insuficiente para conter o avanço do consumo de ultraprocessados, embora tenha impactos positivos em relação à ampliar a aces-

sibilidade aos alimentos saudáveis da cesta básica. Reforçando a importância das medidas econômicas na formação dos hábitos alimentares. Esse é um padrão que indica risco de piora na qualidade da alimentação se políticas fiscais não forem bem desenhadas, um exemplo é o preço da renda sem nenhuma política para melhorar o custo dos alimentos, ampliando o consumo de alimentos menos saudáveis.

Os resultados indicam que, embora a Reforma Tributária cause pouca mudança no consumo total de alimentos, ela gera redistribuição entre categorias: pequenas reduções nos gastos com alimentos básicos e aumentos moderados nos ultraprocessados. Isso sugere que os efeitos da política são transmitidos de maneira não uniforme, influenciados por conveniência e preferências de consumo mais do que apenas por preços.

De forma geral, a pesquisa reforça que políticas fiscais abrangentes e coordenadas, que combinem subsídios para alimentos saudáveis e tributação mais ampla sobre ultraprocessados, são essenciais para promover uma alimentação mais equilibrada, acessível e sustentável no Brasil, e que cumpra com o direito humano à alimentação adequada.

### Metodologia

O primeiro estudo utilizou dados secundários da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017–2018, do Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor (SNIPC) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua).

Todos os preços foram deflacionados até dezembro de 2024, e os alimentos foram classificados segundo o sistema de classificação Nova. As tendências de preços foram analisadas no período de janeiro de 2018 a dezembro de 2024, e as projeções foram estendidas até dezembro de 2026, usando modelos de média móvel integrada autorregressiva (Arima).

O segundo estudo citado também fez uso dos dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF 2017-2018) do IBGE, reunindo informações detalhadas sobre mais de 57 mil domicílios, em todas as regiões do país. A POF registra tudo o que as famílias compram para comer e beber durante uma semana, incluindo a quantidade e o valor pago por cada alimento. A partir desses dados, foram calculados o preço médio e a participação de cada grupo alimentar no orçamento das famílias.

Em seguida, foram simulados dois modelos da Reforma Tributária para avaliar como essas mudanças poderiam impactar os preços e o padrão de consumo. No modelo 1, o imposto seletivo incide apenas sobre refrigerantes, com isenção total para os itens da nova cesta básica de alimentos, conforme a proposta atualmente em vigor. Já o modelo 2 prevê a aplicação do imposto seletivo a todos os produtos ultraprocessados, como biscoitos, embutidos e refrigerantes, além da isenção total para os itens da cesta básica, conforme proposta defendida pela sociedade civil.

Ao todo, foram analisados seis grandes grupos de alimentos:

- itens da cesta básica;
- frutas, verduras e oleaginosas;
- carnes e ovos;
- laticínios;
- ingredientes culinários (óleo, sal, açúcar);
- ultraprocessados.

Para estimar o impacto da reforma, foram utilizados modelos econométricos avançados: o Quaid (Quadratic Almost Ideal Demand System), amplamente usado pela OCDE e Banco Mundial, que permite medir como mudanças de preço e renda afetam o consumo de alimentos. Com base nesse modelo, foram estimadas elasticidades de demanda, isto é, o quanto o consumo varia quando o preço ou a renda muda e, em seguida, aplicadas simulações econométricas usando uma técnica de Diferenças-em-Diferenças (DiD), capaz de isolar o efeito causal da Reforma Tributária sobre o consumo alimentar.

As análises incluíram centenas de milhões de observações simuladas, e os resultados foram validados com técnicas estatísticas robustas, como *bootstrap* paramétrico e ajustes para múltiplas hipóteses, garantindo alta precisão e confiabilidade.



Aumento no preço das frutas impulsiona consumo de ultraprocessados, revela pesquisa



## INVESTIMENTO

# Editais e eventos marcam ano da ciência paraibana

Agenda estratégica de fomento ao conhecimento foi prioridade do Governo

Iluska Cavalcante  
Ascom Secties

A consolidação da Paraíba como referência em ciência, tecnologia e inovação em 2025 não se limitou aos grandes números e obras estruturantes. O ano foi marcado por uma agenda ampla e estratégica de fomento, tendo os editais públicos como principal instrumento de democratização de oportunidades. Da educação básica ao pós-doutorado, de empreendedores a pesquisadores de ponta, a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) construiu pontes que conectaram talentos locais a redes nacionais e internacionais, ao mesmo tempo que levou as políticas públicas paraibanas a eventos de destaque mundial.

A internacionalização foi um dos pilares centrais dessa política. Em 2025, o Programa Paraíba Sem Fronteiras (PBsF) ampliou significativamente as oportunidades de mobilidade acadêmica e científica, com editais voltados a graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado-sanduíche. Estudantes e pesquisadores paraibanos passaram a desenvolver parte de suas formações em instituições de excelência na Espanha, Itália, Reino Unido e em diversos outros países.

Ainda no âmbito do programa, o QualiExporta abriu novas oportunidades para empresas com potencial exportador, oferecendo capacitação, aconselhamento estratégico e apoio à inserção internacional. Já no setor



Estudantes puderam aprimorar o conhecimento no exterior por meio de incentivos estaduais

criativo, o Game Dev Quest chegou à sua segunda edição, estruturando um circuito de desenvolvimento de jogos digitais independentes que combinou formação técnica, mentorias, aportes financeiros e estímulo à criação de *startups*, fortalecendo o polo de *games* da Paraíba.

Paralelamente, a Secties avançou na ampliação do acesso ao Ensino Superior em áreas estratégicas. O Projeto Limite do Visível foi expandido ao longo do ano com novos editais que ofertaram centenas de vagas em cursos superiores gratuitos de Ciência de Dados e Análise e Desenvolvimento de Sistemas, nos *campi* da Universidade Estadual da Paraíba em João Pessoa, Campina Grande e Patos.

A formação científica também começou mais cedo. Com o lançamento do Desafio Celso Furtado 2025, estudantes da Educação Básica e da Educação de Jovens e Adultos passaram a ser estimulados a desenvolver

projetos inovadores e multidisciplinares, voltados a desafios sociais, ambientais, culturais e econômicos da Paraíba. A iniciativa garantiu bolsas, mentorias especializadas e oportunidades de apresentação em eventos científicos, fortalecendo a cultura da ciência e da inovação no ambiente escolar.

No campo da pós-graduação, os editais lançados em 2025 também tiveram impacto direto na qualificação profissional e na melhoria das políticas públicas. O Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em Modelos de Decisão e Saúde (Minter/Dinter) abriu vagas para mestrado e doutorado destinadas a servidores da saúde, integrando formação acadêmica de excelência à prática profissional no Sistema Único de Saúde.

Outro marco do ano foi o lançamento de um edital voltado exclusivamente ao protagonismo científico de mulheres e meninas, com investimento de R\$ 500 mil em projetos de pesquisa. A iniciativa reforçou o compromisso do Governo da Paraíba com políticas afirmativas, enfrentando desigualdades históricas na produção científica e ampliando a presença feminina nos espaços de pesquisa, inovação e tecnologia.

### Principais eventos

Ao longo de 2025, a Secties consolidou sua atuação como articuladora de grandes debates públicos, encontros estratégicos e fó-

runs científicos capazes de conectar conhecimento, políticas públicas e desenvolvimento social em diferentes territórios da Paraíba.

Um dos momentos mais importantes foi a realização do “Fórum Celso Furtado: Desenvolvimento, Justiça e Democracia: reflexões críticas para o século XXI”. Durante o evento, a Secties firmou um Acordo de Cooperação Técnica com o Tribunal de Justiça da Paraíba e a Secretaria de Administração Penitenciária, ampliando o alcance do Programa Celso Furtado ao sistema prisional.

A internacionalização do Ensino Superior também teve um espaço central com a realização do II Fórum Paraíba Sem Fronteiras, em João Pessoa. O encontro reuniu gestores acadêmicos, autoridades e representantes das instituições de Ensino Superior do estado para apresentar resultados do programa e celebrar o pré-embarque de estudantes selecionados para intercâmbios acadêmicos e científicos no exterior.

No Sertão paraibano, a ciência ganhou protagonismo com a realização do I Congresso Internacional de Paleontologia da Paraíba, sediado no município de Sousa. O evento reuniu pesquisadores brasileiros e estrangeiros, estudantes e gestores públicos em uma programação que combinou debates científicos, atividades formativas e valorização do patrimônio histórico-natural da região.

## Poeira Estelar

Claudio Furtado  
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

## Feliz ano velho? Um ano novo ainda melhor

A ciência e tecnologia na Paraíba vivem, nos últimos anos, uma grande escalada de investimentos que modificam e impactam o cenário científico do estado nacional e internacional. São investimentos globais de 2019 até o presente momento que somam mais de R\$ 700 milhões, destinados a bolsas, apoio à pesquisa e programas estruturantes, como o Projeto Bingo, a Cidade da Astronomia e todo o Complexo Científico do Sertão.

Além disso, o aporte maiúsculo em internacionalização, através do programa Paraíba Sem Fronteiras, faz com que a Paraíba caminhe a passos largos rumo ao futuro. Investir em ciência é investir no presente e no futuro. Vejamos o exemplo da China: investimentos contínuos e programados fizeram com que o país galgasse os mais altos níveis em diversas áreas tecnológicas.

Se olharmos para o recorte de 2025, na Paraíba, foi um ano de intensa movimentação e grandes investimentos nessa área. A participação em eventos nacionais e internacionais, como Web Summit, Imagineland e Expo Favela, demonstra a projeção da Paraíba no cenário global. Os investimentos na área de inovação, com o Parque Horizontes de Inovação apoiando empresas, e os editais da nossa Fundação de Apoio à Pesquisa, a Fapesq, abrangem diversas áreas: bolsas de mestrado, doutorado, pós-doutorado e iniciação científica.

Um olhar diferenciado foi dado à questão da permanência estudantil com o Programa Casa do Estudante. Os programas de inclusão, como o Edital e o Decreto de Políticas Afirmativas para mulheres na ciência, mostram os investimentos que o governo faz nessas áreas. O apoio a empreendimentos de favela, com a Expo Favela, demonstra a força dos nossos empreendedores. Tudo isso revela uma visão da ciência como pilar de desenvolvimento do estado, sob a liderança do governador João Azevêdo.

São investimentos jamais vistos na área de cooperação internacional: bolsas-sanduíche para mestrado, doutorado e pós-doutorado; qualificação de empresas para a cultura exportadora, com o QualiExporta, já apoiou mais de 30 empresas que hoje realizam negócios com mercados externos. No campo da cooperação internacional, destaca-se a forte parceria com a China através do Radiotelescópio Bingo.

E, por fim, a joia da coroa: o CIQUANTA — Centro Internacional de Computação e Tecnologias Quânticas —, que coloca a Paraíba e o Brasil em outro patamar na questão da soberania nacional em tecnologias quânticas. O processo de aquisição, numa parceria da Paraíba com o Ministério de Ciência e Tecnologia junto à CETC (China Electronics Technology Group Corporation), na China, de dois computadores quânticos — um de 100 qubits e outro de 20 qubits — transformará a Paraíba, em 2026, no epicentro das tecnologias quânticas.

Este será um marco para o desenvolvimento de novas tecnologias, para a transferência tecnológica e para a futura construção de novos computadores quânticos. O surgimento de empresas nessa área de tecnologia quântica no ecossistema da Paraíba, junto ao Parque Horizontes de Inovação, e a formação de pesquisadores e profissionais na área de criptografia quântica dão a visão de que 2026 será um ano ainda melhor para a ciência e tecnologia da Paraíba.

Com esses investimentos, o Complexo Científico do Sertão, o CIQUANTA, o Bingo, sonhos se transformam em realidade e o futuro se transforma em presente. Podemos viver a máxima do mestre Oogway em “Kung Fu Panda”: “O ontem é história, o amanhã é um mistério, mas o hoje é uma dádiva. É por isso que se chama presente”.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba e professor doutor em Física da UFPB

Columnista colaborador



Game Dev Quest fortaleceu o polo de games na Paraíba

## PB no mundo: da COP30 ao Web Summit

A Secties consolidou uma presença estratégica em alguns dos principais eventos nacionais e internacionais. No cenário internacional, a Paraíba marcou presença no Web Summit Lisboa 2025, um dos maiores eventos de tecnologia do mundo. Com apoio da Secties, em parceria com o Sebrae e a Fapesq, 23 *startups* paraibanas apresentaram soluções sustentáveis, firmaram parcerias e ampliaram conexões com investidores, universidades e empresas europeias.

A atuação da Secties também ganhou destaque na agenda global do clima com a participação inédita da Paraíba na COP30, em Belém do Pará. O Painel Paraibano de Mudanças Climáticas, desenvolvido desde 2019, foi apresentado em espaço de discussão promovido pelo Banco do Nordeste, evidenciando ações de mitigação e adaptação construídas a partir do diálogo com pesquisadores, gestores públicos e comunidades.

No campo da populariza-

ção da ciência, a Secties participou ativamente do Imagineland 2025, em Campina Grande, onde o estande interativo em formato de dinossauro, o “standsauro”, chamou a atenção do público ao unir tecnologia, *games* e ciência. Na Gamescom Latam 2025, em São Paulo, a Paraíba levou seis estúdios paraibanos à área *indie* do evento, garantindo estrutura, visibilidade e acesso a rodadas de negócios com investidores importantes da área *gamer* no Brasil e no mundo.

## Destaque

**Painel Paraibano de Mudanças Climáticas foi apresentado no Pará, estabelecendo troca de conhecimento com pesquisadores e gestores públicos**



COM 18 METROS

# Árvore secular é referência na Penha

Tronco e folhagem estão inseridos em um sítio ou área tombada pelo Iphaep, o que torna a planta protegida

Emerson da Cunha  
emerson.anniao@gmail.com

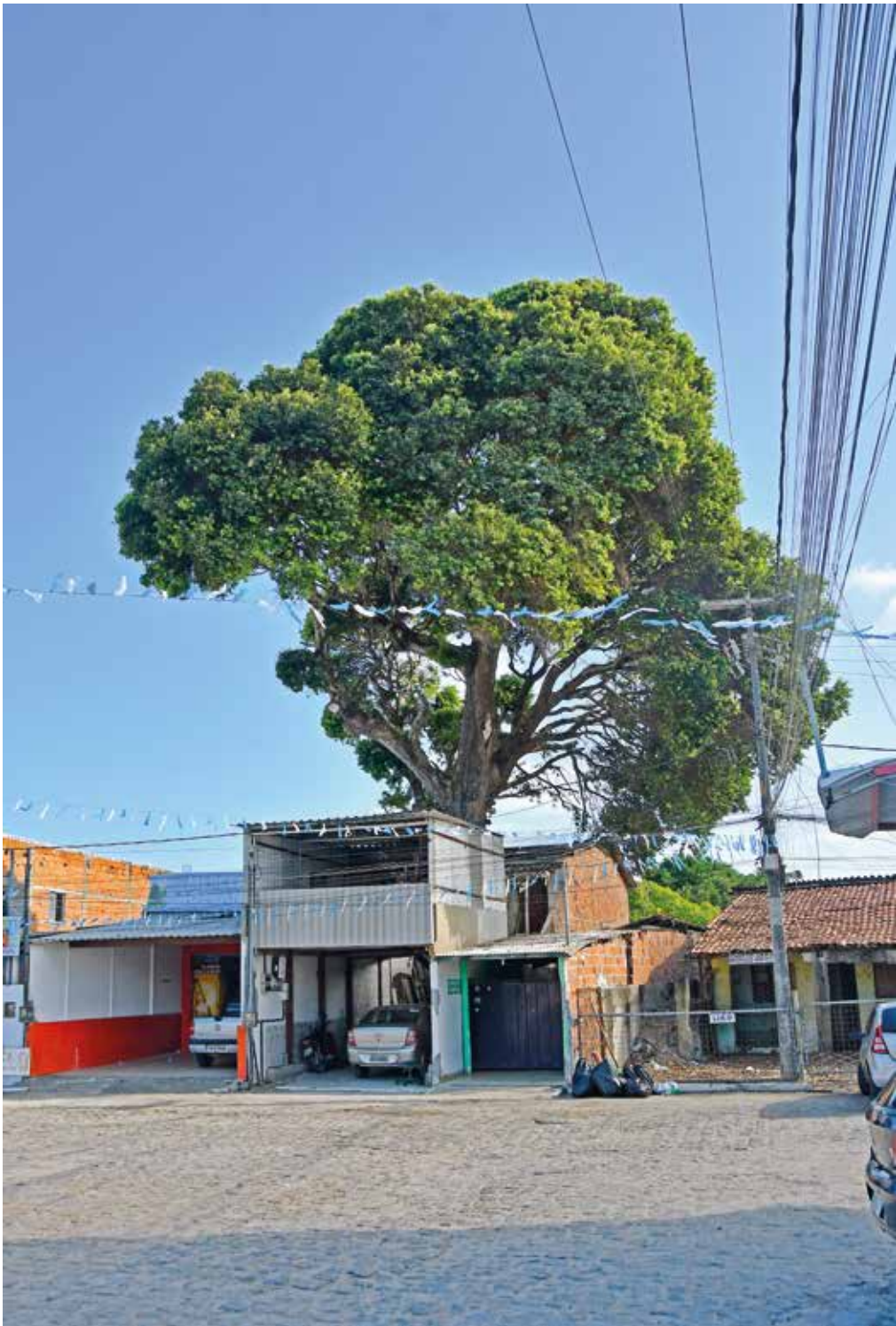
Quem chega pelo mar ou pela terra à Praia da Penha, o tem como referência. Com cerca de 18 m de altura e mais de cinco metros de diâmetro, um oiti ou oitizeiro secular tem visto as transformações da comunidade desde quando ali viviam apenas tantas outras árvores de sua estatura. Mas a atenção desse oitizeiro não veio só dos nossos tempos. Em 1979, o pesquisador Lauro Pires Xavier publicou, na revista Nordeste Biológico, o artigo “Levantamento Fitoterápico do Altiplano no Cabo Branco”, em que defendia o reflorestamento e recuperação de porções de Floresta Tropical na falésia estendida do Cabo Branco. No texto, fazia-se referência a áreas remanescentes da floresta, como a Mata da Penha e a Mata de Manga-beira, à época.

Entre plantas representantes da flora da Mata Atlântica, ele cita “um forte e eminente testemunho [...] o grande oitizeiro da Penha, *Moquilea tomentosa*”, espécie que, a seu ver, “deve ser [...] protegido pelo Iphaep com urgência e cuidado de seu tronco por meio de obtenção de cimento”. O oitizei-

ro é citado em meio a outras espécies da Mata Atlântica, como jatobás, cajueiros, mangabeiras e muricis. A publicação de 1979 traz, ainda, uma imagem em preto e branco na qual o oitizeiro se apresenta imponente, sendo chamado de “centenário”, já naquela época.

Um ano depois, a área elevada da Praia da Penha seria tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), a partir do Decreto nº 8.654, assinado pelo então governador Tarcísio de Miranda Burity, no dia 26 de agosto de 1980. “Fica considerada tombada a área de 7,56 ha, existente na parte superior da Praia da Penha, nesta Capital, constituída da Igreja de Nossa Senhora da Penha, o casario com 24 unidades, o Cemitério, o Posto de Saúde, a Escola e a Árvore Oiti (*Noquilea tomentosa*-*Chrysobalanaceae*), remanescente da Mata Atlântica”. Assim, embora não seja tombada *per si*, a planta faz parte de uma região tombada, o que demanda determinados cuidados. Segundo o decreto, o Iphaep não deverá permitir a adulteração da área, observando características populares, pertencentes à formação histórico-social.

Foto: Carlos Rodrigo



A árvore encontra-se em uma área residencial, numa casa onde uma família vive há 30 anos



“Acho que é uma das maiores árvores que a gente tem ali, na falésia do Cabo Branco como um todo

Ricardo Pontes



“Esta árvore constitui um testemunho vivo do que foi, outrora, a nossa Mata Atlântica

Bruno Xavier

## Oitizeiro é tema de vídeos e fotos nas redes sociais

Quarenta e cinco anos depois do tombamento da área elevada da Penha, o oitizeiro centenário passou dos papéis de uma revista às telas de *smartphones*. Foi tema de vídeo nas redes sociais produzido pelos biólogos e influenciadores digitais Ricardo Pontes e Bruno Xavier. “Ela tinha uns 10 m a mais, imagina isso sobre a falésia, você vendo do mar, é um verdadeiro farol no sentido de direcionar quem vinha do mar”, reflete Ricardo, no sentido de sua imponentia histórica. “É de suma importância a proteção dela. Acho que é uma das maiores árvores que a gente tem ali, na falésia do Cabo Branco como um todo”, atesta.

O oitizeiro da Penha é uma planta remanescente dos tempos das grandes florestas, por isso a importância da sua preservação. Além disso, carrega memórias afetivas. “Se a gente pensar que a Praia da Penha é um local de uma comunidade tradicional centenária de pescadores, quantas famílias estiveram sob a sombra daquela grande árvore, coletaram seus frutos, utilizaram aquela árvore como ponto de referência vindo do mar?”, questiona Ricardo. “Esta árvore constitui um testemunho vivo do que foi outrora a nossa Mata Atlântica. Além disso, este indivíduo pode servir de matriz para formação de mudas, com uma espécie de certificado de origem genética, para possíveis plantios urbanos, ou mesmo restaurações flo-

restais”, destaca Bruno. Este exemplar pode servir de matriz para formação de mudas para eventuais plantios urbanos, ou mesmo restaurações florestais

restais”, destaca Bruno.

A árvore, atualmente, encontra-se em uma área residencial. Lá, mora o comerciante José Cícero Neto, que já tinha comércio na Penha há cerca de 30 anos, e também a família, em especial sua filha, Maybeane Soares Neto, que mora no local há aproximadamente 15 anos. Enquanto o pai mora embaixo, ela construiu um conjugado na parte de cima. José Cícero chegou a morar em outra casa antes de comprar o terreno com o oitizeiro. “A gente foi se adaptando a ela [a árvore]. Porque a gente não pode mexer, não pode cortar. Ele [o pai] fez um canteiro ao redor dela. Quando as galhas estão muito grandes, tem que ligar para o órgão que eles vêm podar. É todo um processo de cuidado”, explica Maybeane. “Ela virou um ponto de referência. Porque muita gente diz: ‘Ah, eu tô na praça’, ‘eu estou aqui debaixo do pé de árvore’, ‘eu estou aqui perto da árvore’”.

## Botânicos observam fragilidades

Um dos principais objetivos do vídeo foi dar visibilidade à situação em que se encontra a árvore hoje. “Falta orientação aos moradores, que desconhecem o valor que esse ser biológico possui. Foram feitas várias podas, no meu entendimento, desastrosas. Uma delas, amputou a copa da árvore, que somaria à sua altura total, aproximadamente, mais uns seis ou 10 m. O tronco da árvore está cercado de entulhos, maior parte de madeira de construção, que são inflamáveis. Parte da árvore está apodrecendo e requer manutenção adequada para se evitar infestação de cupins e fungos”, aponta Xavier.

Pontes, por sua vez, indica que se trata de uma planta saudável e resistente, mas parte do tronco está comprometida. Segundo ele, seria necessária uma análise mais detalhada por um especialista em fitossanidade, ou seja, uma espécie de “médico das árvores”. “Utilizando não só a parte visual, mas a parte de exames laboratoriais para detectar possíveis fungos patogênicos. Também a utilização de ultrassons para árvores, para o tronco, para ver o comprometimento dessa árvore, um tratamento mais profundo”, observa.

### Fiscalização

Como explica o Iphaep, a árvore em si não é tom-

bada, mas está inserida em um sítio ou área tombada. Isso quer dizer que a planta é protegida por pertencer ao ambiente cultural, mesmo sem ser objeto direto do tombamento, contribuindo para o ambiente histórico. Nesse cenário, são proibidos cortes, podas drásticas ou supressão sem autorização do Iphaep. As raízes precisam ser protegidas, evitando revolvimento do solo, compactação, cimentação total, instalação de estruturas.

É responsabilidade do órgão analisar impactos paisagísticos e ambientais de intervenções, zelar pela manutenção da vegetação associada ao patrimônio, analisar projetos de urbanização e arquitetura, e fiscalizar e emitir pareceres técnicos. “Este oitizeiro, em particular, que pode ser encontrado no entorno da Igreja de Nossa Senhora da Penha — ela própria um patrimônio tombado —, transcende sua função biológica. Ele faz parte da paisagem afetiva e histórica que emoldurou um dos eventos religiosos mais importantes da Paraíba: a secular Procissão da Penha”, coloca a coordenadora do setor de Arquitetura do instituto.

Segundo o órgão, vistorias no oitizeiro foram feitas em 2023 e 2024, e uma visita téc-

nica foi realizada recentemente no local da árvore, na penúltima semana de novembro. Questões referentes ao caráter público do terreno devem ser levadas em consideração, já que atualmente se encontra em espaço “privado”. Por outro lado, tudo indica que a árvore esteja saudável. A ideia é que, a partir da visita, estruture-se um manejo mais adequado do oitizeiro e do espaço que o acolhe. Aconteça o que acontecer, é de se esperar que ele permaneça por mais uns 100 anos olhando para o mar.

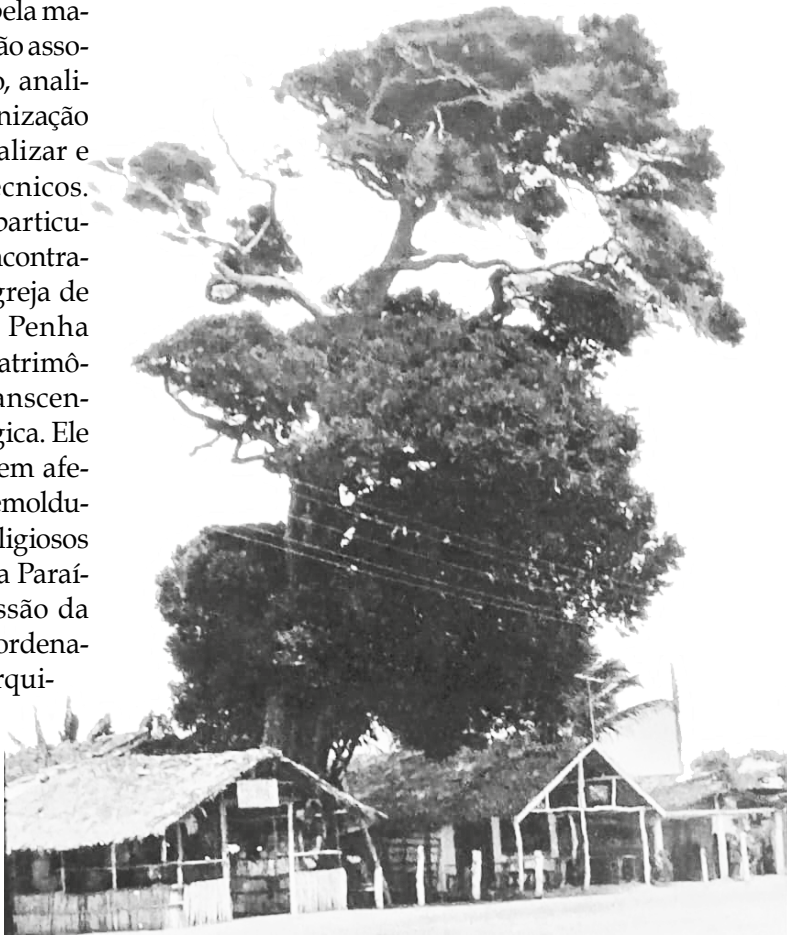


Foto: Lauro Xavier/Arquivo pessoal



Lindolfo Pires diz que o Paraíba World Beach Games foi um marco, com diversas competições nacionais e internacionais

LINDOLFO PIRES

## Paraíba seguirá no roteiro dos grandes eventos esportivos

*Secretário da Sejel destaca o trabalho de fomento e inclusão social por meio do esporte e prevê mais ações neste ano*

Danrley Pascoal  
danrleyp.c@gmail.com

Lindolfo Pires, secretário de Juventude, Esporte e Lazer (Sejel) do estado da Paraíba, conversou com o jornal **A União** sobre o ano de 2025 e sobre o trabalho realizado pela pasta no período. Ele destacou as conquistas dos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs), as disputas dos torneios de diversas modalidades no Paraíba World Beach Games e o trabalho de fomento e inclusão social por meio do esporte.

“Em 2025, vivemos o nosso melhor momento no esporte da Paraíba. Em todas as modalidades, nós tivemos um incremento, um aumento de desempenho da parte dos nossos atletas. A gente recebeu os maiores campeonatos de diversas modalidades a nível brasileiro, campeonatos a nível mundial, que foram realizados em João Pessoa. Então João Pessoa se transformou verdadeiramente num roteiro do esporte brasileiro e do esporte internacional. Tudo isso graças ao apoio que nós recebemos do governador João Azevêdo, que foi decisivo para as realizações desses eventos”, destacou Lindolfo.

Nos Jogos Escolares Brasileiros de 2025, em Uberlândia, Minas Gerais, a delegação paraibana alcançou um desempenho histórico, totalizando 45 medalhas e superando os números de 2024: foram sete conquistas a mais do que no ano anterior, na edição realizada em Recife, Pernambuco. A competição contou com 19 modalidades (futsal, ginástica rítmica, natação, tênis de mesa, vôlei de praia, vôlei, atletismo, atletismo adaptado, badminton, ciclismo, ciclismo virtual, judô, taekwondo, basquete, handebol, ginástica artística, caratê, wrestling e xadrez), divididas em três blocos.

O evento promovido pela Confederação Brasileira do Desporto Escolar (CBDE) reuniu mais de cinco mil estudantes-atletas, representando todos os estados brasileiros, além de cerca de dois mil técnicos, árbitros e equipes de apoio. Em 2025, ao todo, a Paraíba levou 10 medalhas de ouro, 11 de prata e 24 de bronze.

“A Paraíba foi a primeira colocada entre os estados do Norte e Nordeste, batendo recordes de medalhas. Mas cabe destacar que, depois do JEBs, nós levamos um grupo de atletas para Brasília, onde foram realizados os Jogos da Juventude.

Lá, também batemos o recorde de medalhas. No paradesporto, a delegação que levamos para as Parolimpíadas Escolares, realizadas em São Paulo, ficou na quinta posição geral, atrás apenas de São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Minas Gerais”, disse o secretário.

“Uma prova, mais do que nunca, de que a Sejel e o Governo da Paraíba têm interiorizado as suas ações, têm investido no esporte e têm tido o resultado e o êxito necessário para seguir esse trabalho. Além de tudo isso, paralelamente, o estado realizou os maiores eventos

esportivos do Brasil e do mundo”, acrescentou Lindolfo.

### Paraíba World Beach Games

Pelo segundo ano consecutivo, João Pessoa recebeu o Paraíba World Beach Games. A segunda edição do evento reuniu 10.500 atletas de 14 modalidades em uma grande arena montada na praia de Tambaú, de 1º de setembro a 9 de novembro de 2025. Foram realizados os circuitos Brasileiro e Mundial de Vôlei de Praia, Circuito Mundial de Handebol de Praia, Campeonato Nacional de Beach Soccer e Jogos

Universitários Brasileiro de Praia.

Para o ano de 2026, já há a intenção de fazer a terceira edição, segundo afirmou Lindolfo. “A partir de abril ou maio, o futuro governador Lucas Ribeiro vai dar continuidade a todas essas ações. Vai dar continuidade a tudo aquilo que foi executado no esporte local durante o ano de 2025. Temos certeza que a Paraíba vai continuar em boas mãos. Até porque o vice-governador Lucas tem uma participação ativa em todas essas decisões do atual governo João Azevêdo”, disse.

O Paraíba World Beach Games

ganhou importância porque tem gerado grande impacto esportivo, econômico e social. As transmissões ao vivo pela *internet* e televisão alcançaram mais de 28 milhões de visualizações nas redes sociais e 190 mil espectadores na Praia de Tambaú, durante os mais de 70 dias de competições.

### Bolsa Esporte

O maior programa de fomento do esporte da Paraíba investiu em 2025 mais de R\$ 7 milhões, alcançando 808 pessoas, entre atletas, paratletas e técnicos. “Esse benefício é fundamental para a formação dos atletas, para que eles mantenham o foco no alto desempenho. Nós confiamos muito que, devido ao crescimento dos resultados, aumentaremos ainda mais o número de atletas que serão contemplados na edição de 2026”, destacou Lindolfo Pires.

O Bolsa Esporte tem o objetivo de incentivar a prática de esportes, sendo destinado aos atletas e técnicos de alto rendimento das modalidades olímpicas e paraolímpicas, reconhecidas pelo Comitê Olímpico do Brasil e Comitê Paralímpico Brasileiro, podendo também ser admitidos aos atletas, paratletas e aos técnicos de rendimento de modalidades esportivas vinculadas ao Comitê Olímpico Internacional e ao Comitê Paralímpico Internacional.

### Melhorias nos estádios

Em 2025, o Almeidão e o Amigão receberam iluminação em LED. No ano em que as praças completaram cinco décadas, foram investidos R\$ 2,5 milhões nos dois equipamentos. A nova iluminação opera de forma computadorizada, dispensando o uso de reatores. Os dois estádios tiveram sua capacidade ampliada pelo Corpo de Bombeiros e devem ganhar catracas com reconhecimento facial, medida obrigatória para locais com capacidade acima de 20 mil pessoas, conforme lei federal.

“Em João Pessoa, o Botafogo vai contratar uma empresa, como também em Campina Grande, o Treze, o Campinense e o Serra Branca irão contratar serviço especializado para que todos os torcedores só tenham acesso aos estádios com a identificação facial”, explicou Lindolfo. “Apenas o Almeidão e o Amigão terão acesso facial, isso já a partir do Campeonato Paraibano do próximo ano”, completou.



Os Jogos Universitários de Praia foram destaques dentro do Paraíba World Beach Games

Foto: Lucas Rodrigues/TUBs

Foto: Leonardo Ariel



FUTEBOL PARAIBANO

# Clubes miram competições nacionais

*Botafogo, Sousa, Treze e Serra Branca serão os protagonistas da Paraíba nos certames da CBF*

Danrley Pascoal  
danrleypc@gmail.com

Em 2025, Belo, Treze e Sousa foram as equipes paraibanas que estiveram envolvidas nos torneios organizados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Sem sucesso no Campeonato Brasileiro, o desempenho dos clubes decepcionou seus torcedores. O Botafogo ainda chegou à terceira fase da Copa do Brasil, mas, ao término da temporada, o saldo final foi negativo. Para 2026, esses times, junto do Serra Branca, também são os protagonistas da Paraíba nos certames da entidade máxima do futebol do Brasil.

Neste ano, o Botafogo disputará a fase de grupos da Copa do Nordeste, a Copa do Brasil e fará a sua 13ª participação seguida na Série C do Campeonato Brasileiro. O Sousa também jogará a fase de grupos do Nordestão e a Copa do Brasil, além da Série D do Campeonato Brasileiro.

O Galo está confirmando na Quarta Divisão após mudanças no calendário nacional e alteração do formato do certame. O Serra Branca, novidade da Paraíba nos torneios da CBF em 2026, estará na Copa do Brasil e na Série D. Estar nessas competições garante calendário e um alto valor em dinheiro, devido às cotas de participação e TV.

### Copa do Brasil

O Botafogo fez boa campanha e garantiu R\$ 4,14 milhões na edição de 2025, referentes a cotas de TV e premiação, depois de avançar duas fases da competição. No ano passado, o time da capital, participando da Copa do Brasil pela 19ª vez, derrotou a Portuguesa-SP e o Concórdia-SC. Na terceira fase, pegou o Flamengo e acabou eliminado. Em 2026, disputará o torneio porque foi finalista do Campeonato Paraibano da temporada passada. Em 2016, quando chegou às oitavas de final, o clube alcançou seu melhor resultado no torneio.

Bicampeão paraibano, o Sousa participará da Copa do Brasil pelo terceiro ano consecutivo. Em 2024, fez uma campanha histórica, quando alcançou a terceira fase do torneio. Ao todo, a equipe arrecadou R\$ 3,9 milhões após eliminar o Cruzeiro, maior campeão da competição, e o Petrolina-PE. Em 2025, o Dino foi eliminado na primeira fase pelo Red Bull Bragantino, que já havia derrotado o time do Sertão da Paraíba na edição anterior, mas na fase prévia às oitavas.

### Brasileiro Série C

Em 2026, o Botafogo fará a sua 13ª participação consecutiva na Série C. Em 2025, o clube fez uma campanha decepcionante no certame. Até as duas últimas rodadas da fase classificatória para o quadrangular do acesso, o Alvinegro brigou contra o rebaixa-

mento. No duelo derradeiro da temporada, contra o Anápolis-GO, entrou com chances de classificação à segunda fase, mas foi derrotado por 2 a 0. Nos 19 jogos da competição nacional, a equipe venceu seis, empatou cinco e perdeu oito. Foram 23 pontos so-

mados, terminando na 13ª posição. A promessa de seus dirigentes é que neste ano o Belo não cometerá os erros da temporada passada, buscando ser assertivo desde o Campeonato Paraibano.

Frustrada com as recorrentes campanhas

ruins, a torcida alvinegrava vive a expectativa de finalmente deixar a Terceira Divisão, ascendendo para a Série B. Cabe lembrar que a Série C repetirá o formato dos últimos anos (fase classificatória em turno único e quadrangular do acesso) em 2026, mas com uma al-

teração significativa: apenas dois clubes serão rebaixados para a Série D.

### Brasileiro Série D

A Paraíba terá três representantes na Quarta Divisão de 2026. Sousa, Treze e Serra Branca estarão na competição, que terá novo

modelo de disputa nesta temporada. O torneio deixa de ter 64 clubes e passa a ter 96. A primeira fase terá 16 grupos de seis clubes, com quatro de cada chave avançando para a segunda fase, em que duelos de mata-mata definem 32 times que seguem para a terceira fase. Essas agremiações estarão garantidas na Série D do ano seguinte (excluídos os que ascendem à Série C). Na sequência, vêm as fases 16 avos, oitavas de final e, assim, sucessivamente. Os quatro eliminados nas quartas de final jogam *play-offs* por duas vagas na Série C. As novidades são os fatos de que seis equipes garantem acesso à Série C e que o campeão conquista vaga na terceira fase da Copa do Brasil do ano seguinte.

### Copa do Nordeste

Em 2026, o torneio regional terá Sousa e Botafogo como representantes da Paraíba. As equipes são, respectivamente, campeão e vice do Estadual de 2025. A Copa do Nordeste terá novo formato. Ao todo, 20 clubes estarão no certame. Eles serão divididos em quatro chaves de cinco. Em turno único, o Grupo A enfrenta o B, e o Grupo C enfrenta o D. Os dois melhores de cada um avançam às quartas, que ocorrem em jogo único. Semifinais e final possuem ida e volta.

Conforme divulgado pela CBF, os clubes que jogarem competições continentais (Copa Libertadores ou Copa Sul-Americana) não poderão jogar no Nordeste. Classificado para a Libertadores, o atual campeão Bahia está fora do torneio deste ano. Ceará, Fortaleza, Ferroviário, Vitória, Jacuipense, Juazeirense, Sport, Retrô, CRB, ASA, América-RN, ABC, Maranhão, Imperatriz, Confiança, Itabaiana, Piauí e Fluminense, além de Sousa e Botafogo, são os demais integrantes da edição de 2026.



Foto: João Neto/Botafogo



Foto: Agatha Luelma/Sousa

O atacante Henrique Dourado é um dos trunfos do Botafogo para evitar que o Sousa chegue ao seu terceiro título consecutivo no Campeonato Paraibano



Foto: Divulgação/Treze

Depois de conquistar a vaga na Série D do Brasileiro, o Treze tem como meta, neste ano, recuperar a hegemonia no Estadual



Foto: Divulgação/Serra Branca

Serra Branca tornou-se a terceira força do Estadual e terá um calendário cheio, com Paraibano, Série D e Copa do Brasil



ESPORTE OLÍMPICO

# COB prevê ano de muitas realizações

*Presidente Marco La Porta faz balanço de seu primeiro mandato e projeta sucesso em Los Angeles*

Agência Estado

Marco La Porta fez uma avaliação positiva sobre seu primeiro ano na presidência do Comitê Olímpico do Brasil (COB), definindo 2025 como um ano de muito trabalho e de “arrumação da casa”. Satisfeito com seus primeiros 12 meses na função, previu uma nova temporada de grande sucesso para o esporte brasileiro.

Desde que assumiu, em janeiro, La Porta definiu as principais metas para sua jornada: desenvolvimento de novos talentos, gestão próxima a atletas e confederações e uma robusta articulação com clubes, comitês e outros setores do ecossistema esportivo em Brasília para defender assuntos importantes para o setor. Em seu balanço, mostrou-se satisfeito, sobretudo com a aprovação da Lei do Incentivo ao Esporte, e esperançoso.

Em 2026, o Time Brasil estará envolvido em Jogos Olímpicos de Inverno, Jogos Sul-Americanos adulto e júnior e Jogos Olímpicos da Juventude. Além disso, segue a preparação para o ciclo olímpico visando às Olimpíadas de Los Angeles 2028.

“Um primeiro ano de gestão sempre será marcado por conhecer melhor todos os processos, colaboradores, quem faz o dia a dia realmente. Acredito que passamos por um grande desafio logo no início, quando não tivemos uma transição e precisamos nos inteirar de tudo, de todos os processos do COB já depois de termos assumido”, disse, admitindo que teve dificuldades nessa chegada. “Isso demandou um esforço enorme de toda diretoria e gestores, mas temos um time incrível e o trabalho saiu impecável”.

Ele se gabou de, em pouco tempo, ter “ajustado” o COB. “Em um tempo recorde, conseguimos colocar a casa em ordem, equacionar



Foto: Alexandre Loureiro/COB

La Porta acredita que o Brasil vai estar bem mais forte neste novo ciclo olímpico, com ainda maiores chances de brilhar nos Jogos Olímpicos de 2028

um déficit de mais de R\$ 70 milhões e direcionar nossas equipes para os objetivos que acreditamos serem o melhor para o Movimento Olímpico brasileiro. Em um ano, tivemos tantos avanços e aprendizados que nos dão a certeza de estarmos no caminho certo”, frisou, antes de prever um 2026 vitorioso.

“Como tivemos um primeiro ano de gestão de arrumação de casa, acho que chegamos em 2026 muito bem preparados. Como já disse, nosso time foi incrível em direcionar as equipes para s e u s

objetivos de curto, médio e longo prazo. Temos, logo de cara, uma edição de Jogos Olímpicos de Inverno que pode ser histórica. E vamos seguir firmes em nosso trabalho para que seja mesmo. Além dos nossos atletas, teremos pela primeira vez uma Casa Brasil, um marco do nosso marketing, que levará nossa cultura para mais gente”, afirmou La Porta.

Na visão do dirigente, antecipar a preparação e dar condições boas de trabalho vão fazer toda a diferença. “Para conseguir proporcionar o melhor para nossos atletas, é preciso sempre antecedência e planejamento, e nosso time é campeão nisso. Tanto que já estamos plane-

jando Brisbane 2032. As primeiras visitas já foram feitas, já estamos mapeando tudo para ter os melhores lugares para nossas bases, nossos centros de treinamento. Para as missões desse ano, tenho certeza de que estará tudo pronto para que possamos ter a melhor performance possível”.

La Porta celebrou a aprovação da Lei do Incentivo ao Esporte e falou sobre o ciclo olímpico para Los Angeles 2028 com entusiasmo. “Eu diria que a sanção da Lei de Incentivo ao Esporte [LIE] como política permanente de Estado foi a

maior vitória do esporte brasileiro em muitos e muitos anos, se não for a maior. E o COB não pode ficar alheio à formação, ao esporte como ferramenta de transformação social”, destacou.

“O fato de sermos tidos como ‘responsáveis’ pelo alto rendimento não pode nos afastar da base da pirâmide. Queremos, sim, ter mais campeões, mais medalhas, mais ídolos, mais recordes e mais títulos. Só que isso acontecerá de maneira orgânica se tivermos mais praticantes de esporte em nosso país”, seguiu.

Ele vê o país bem

forte para 2028. “Sabemos do potencial de nossos atletas. Temos grandes expoentes em várias modalidades, que confirmaram sua grande fase em 2025, como Caio Bonfim [marcha atlética] e Hugo Calderano [tênis de mesa]. Tivemos também grandes resultados, como a prata no Mundial da ginástica rítmica, os dois ouros no Mundial de taekwondo, com Maria Clara e Henrique, o título mundial do Yago Dora no surfe, entre muitos outros. Ter um primeiro ano de ciclo assim nos deixa ainda mais empolgados para seguir trabalhando firme pela nossa meta, que é proporcionar as melhores condições possíveis para nossos atletas performarem”.



Yago Dora, no surfe, e Hugo Calderano, no tênis de mesa, foram destaques na temporada passada e devem continuar brilhando em busca de novas conquistas

Foto: Reprodução/Instagram @yagodora

Foto: Reprodução/Instagram @hugocalderano



ORNAMENTAIS

# Atletas dão um salto de qualidade

*Edmundo Vergara tem um trabalho dos mais relevantes na modalidade: descobrir novos talentos*

Danrley Pascoal  
danrleyp.c@gmail.com

Edmundo Vergara comanda a única equipe de saltos ornamentais da Paraíba. Nas piscinas da Vila Olímpica Parahyba, o treinador trabalha descobrindo grandes talentos para o esporte. O jornal **A União** conversou com o técnico sobre sua carreira e sobre o seu desejo de oportunizar a realização de sonhos de crianças e jovens por meio da modalidade, com a qual ele tem envolvimento desde os 10 anos de idade.

Nas duas principais competições de 2025, o time da Vila, treinado por Vergara, teve grandes resultados. Na edição de inverno da Copinha Brasil, realizada em maio, foram conquistadas 38 medalhas, sendo 21 de ouro, nas 24 provas disputadas. Na edição de verão do torneio, em novembro, foram 25 medalhas. O time paraibano disputou 15 provas e ganhou 11 ouros.

Segundo Edmundo Vergara, essas são as principais competições do calendário anual da Confederação Brasileira de Saltos Ornamentais (CBSO), para as quais ele treina sua equipe desde o início de cada ano. No time da Vila Olímpica Parahyba, o técnico conta com a ajuda de sua ex-atleta Bruna Brunet Vasconcelos.



*Edmundo Vergara tem uma história rica nos saltos ornamentais como atleta e agora como técnico*

Fotos: Reprodução/Instagram @bolaosalto

## Entrevista

■ *Podemos começar com o básico: como e quando iniciou sua relação com os saltos ornamentais?*

Eu trabalhei a minha vida toda com esporte. Fui atleta de natação, de saltos ornamentais e de polo aquático. Tive a oportunidade de participar da Seleção Brasileira de polo aquático em 1993. Sou nadador desde os três, quatro anos de idade. Descobri os saltos ornamentais aos 10 anos. Com esta idade, na minha primeira competição, fui vice-campeão brasileiro. Daí tomei gosto pela modalidade. E continuei também praticando tanto o polo aquático como a natação, mas me identificava bastante com os saltos ornamentais. Passei um bom tempo afastado, pois estava trabalhando em outro esporte, em escola privada. Até que surgiu a oportunidade de trabalhar na Vila Olímpica Parahyba com saltos ornamentais. Desde julho de 2012, eu estou na Vila.

■ *São quase 14 anos trabalhando na Vila Olímpica. Como que o senhor avalia sua trajetória até o atual momento?*

Quando eu assumi, houve bastante desconfiança das pessoas, porque, apesar de conhecerem e saberem quem eu era, tinham muita dúvida se eu poderia assumir uma turma. Em 2012, existiu um técnico aqui, mexicano, que tinha uma equipe de alto nível. Só que, por dificuldades do próprio treinador, ele teve que retornar para o México, não podendo mais voltar. Então surgiu justamente esse convite. Coincidiu com o momento em que eu voltava da Itália como vice-campeão mundial máster. Então eu trabalhei bastante com relação a isso, me preparei, tinha meus conhecimentos, mas estava um pouquinho desatualizado. Eu estudei um pouco, pude observar o cenário nacional, e daí o meu trabalho foi progredindo, ao ponto de, no segundo mês que eu estava trabalhando na Vila, consegui classificar uma atleta nossa para o Campeonato Mundial Juvenil. Ela é a Luana Lira, que esteve nas Olimpíadas aqui no Brasil. Também alcançamos bons resultados com a Bruna Brunet, que hoje trabalha comigo. A cada ano, eu fui evoluindo, trazendo mais atletas para o cenário local, formando novas equipes, revelando talentos para os saltos ornamentais. O objetivo é ter êxito na revelação de talentos. E, graças a Deus, isso tem acontecido.

■ *Antes de dar continuidade à conversa sobre o trabalho realizado na Vila Olímpica Parahyba, pode contar como foi a experiência de participar como atleta máster do Mundial de Saltos Ornamentais, tendo alcançado um resultado muito expressivo, que foi o vice-campeonato?*

O Campeonato Mundial Máster foi em 2012, na Itália, na cidade de Riccione. Mas, um ano antes, recebi um convite de um amigo para participar de um Campeonato Pan-Americano Máster, no Rio de Janeiro. Nesse torneio, fui campeão Pan-Americano. Então houve o convite para participar do Mundial. Passamos uma semana inteira em Riccione, fui sem pretensão nenhuma. Era a primeira competição internacional que eu estava participando, apesar de ser máster, mas era a minha primeira competição internacional. Então, para mim, na minha cabeça, eu queria ficar entre os 20 melhores do mundo. Quando eu estava competindo, que eu olhei no placar, estava liderando até o último salto. No último salto, eu me perdi um pouco, porque eu não estava acostumado, nem estava esperando, né? Então o sistema nervoso abalou no último salto. Não tive um bom desempenho, mas, mesmo assim, fui vice-campeão mundial. Foi um resultado muito bom. Eu já tinha sido vice-campeão brasileiro, mas internacionalmente não tinha nenhum resultado. Então aquilo ali, para mim, foi uma coisa que repercutiu bastante na época, ao ponto de eu ser convidado para assumir a modalidade na Vila Olímpica Parahyba.

■ *Você falou de atletas que marcaram sua vida. E qual foi a conquista que um atleta seu alcançou que sempre lembra com carinho?*

Por incrível que pareça, apesar de ter tido grandes resultados com a Luana, todos os resultados que ela tem são fruto do trabalho que foi feito em conjunto, tanto o meu quanto o dela, que era atleta muito focada. Mas eu vou dizer uma coisa: o ano de 2025 foi muito especial para mim e para algumas atletas. Há quatro anos, nós iniciamos um projeto aqui na Paraíba, em que a gente conseguiu captar algumas crianças muito novas, com uns sete ou oito anos. O esporte da gente é um esporte muito difícil, requer muito tempo, é uma luta diária para a questão da perfeição, existem muitos elementos



“

**A Maria Emília é uma promessa, é uma atleta que a gente espera e conta que futuramente vai dar muitas alegrias para a Paraíba**

Edmundo Vergara

que não se adquirem do dia para a noite. Então, assim, esse grupo de atletas que há quatro anos nós começamos a montar, hoje, está dando frutos. Os resultados mais marcantes, para mim, foram em 2025. A nossa atleta Maria Emília Vaz se tornou campeã sul-americana, com apenas 11 anos. Ela é uma promessa, é uma atleta que a gente espera e conta que futuramente vai dar muitas alegrias para a Paraíba. Esse resultado dela, agora em setembro, foi fantástico, de uma importância muito grande, não só para a atleta, mas para mim, como técnico.

■ *Como falou no início, são algumas décadas de envolvimento com saltos ornamentais. De que forma enxerga o esporte, atualmente, dentro da Paraíba, bem como do Brasil? Quais as perspectivas para os próximos anos?*

Com relação ao salto ornamental no Brasil, nós temos uma carência muito grande de clubes e atletas. Há dificuldades, devido às questões das piscinas. A caixa de saltos é específica, ela tem que ter no mínimo 4,5 m de profundidade. Tem que ter as plataformas de 10, sete e cinco metros. Então não é uma estrutura que todo mundo tenha, é muito complicado. Mesmo assim, nós temos várias e várias caixas de salto pelo Brasil. Porém, tem outro problema: falta interesse de alguns clubes, de algumas instituições em dar apoio para que os profissionais possam trabalhar e formar equipes. Por exemplo, aqui na Paraíba, nós temos uma estrutura maravilhosa, temos o apoio do Governo do Estado, nossas viagens e a nossa preparação são excelentes, mas nós somos o único estado do Norte e Nordeste que hoje trabalha com uma grande estrutura para saltos ornamentais. O Ceará começou, agora, um trabalho. Com esse apoio que nós temos e com o trabalho realizado dentro da Vila Olímpica, a gente espera que, neste ano, tenhamos muitas vitórias. Eu estou trabalhando com as atletas mais experientes, que são a Maria Peregrino, Maria Emília Vaz e outras, para que elas consigam índice em 2026 para ir ao Pan-Americano e ao Sul-Americano de 2027.

*Edmundo com a grande revelação Maria Emília Vaz, de 11 anos, campeã sul-americana de saltos ornamentais*



## Em um lugar embaralhado entre a memória e a invenção

Obra é uma tríade de poemas longos com narrativas inventadas, mas que lança luz ao que é profundamente verdadeiro para quem cresceu no interior da Paraíba: a alma sertaneja

Foto: Arquivo pessoal

Reunindo causos, rimas e lembranças sertanejas, *Bebé de Natércio* mostra em seu mais novo livro, “*Verdades que eu inventei*”, como a ficção pode iluminar o que a vida, às vezes, deixa de dizer

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

N a era das *fake news*, tem gente que vive iludida por histórias tão bem fabricadas que a verdade chega a parecer mentira. São inverdades criadas para “engabelar” o ouvinte, bem diferentes dos causos que o paraibano Ariano Suassuna defendia, a tal da “mentira boa”, aquela nascida da vontade de dizer o que não aconteceu, mas deveria. É dessa linhagem que vem *Bebé de Natércio*, que nasceu Francisco Barbosa Sobrinho, em Itaporanga, no Vale do Piancó, e, hoje, aos 70 anos, além de músico, professor e poeta, é autor de *Verdades que eu inventei*, livro de poesias publicado pela Editora A União no qual entrega histórias tão sinceras que a gente até esquece que são ficção. “Eu misturo realidade e mentira. Metade é verdade, metade não”, brinca o autor.

Em um momento no qual a realidade disputa espaço com versões cada vez mais polidas dela mesma, o lançamento da obra não poderia ser mais oportuno. Nas três narrativas rimadas que compõem o livro, *Bebé* toma para si o direito de exagerar, rir e imaginar, devolvendo ao público o que a mentira boa sempre teve de mais honesto: a capacidade de revelar o que a vida, hoje tão cheia de filtros, deixou de mostrar. São histórias inventadas, sim — e ele não esconde isso —, mas que acabam iluminando aquilo que é profundamente verdadeiro para quem cresceu no interior da Paraíba: a alma sertaneja. “Mentira que prejudica é crime. Já a mentirinha é

algo bucólico, quase um carinho. O mentiroso que não faz mal às pessoas é uma figura sacrossanta”, esclarece.

### Um contador de histórias

A ideia do livro nasceu muito antes da escrita. Vem das tardes em que seu pai lia cordéis para os vizinhos na calçada de casa, transformando o fim do dia em espetáculo. “No sábado, ele sempre comprava cinco cordéis na feira. Aí, todo dia, ele lia um cordel antigo e outro mais novo. E a gente acompanhava como se fosse um filme no cinema”, conta.

Foi nessa mesma calçada que *Bebé de Natércio* aprendeu que a imaginação era ferramenta para interpretar o cotidiano. Ele mesmo lembra que, quando criança, decorava trechos inteiros dos poemas. “Eu venho desse mundo aí”, aponta o autor, que reconhece que o livro não estava em seus planos, assim como não planejou tornar-se maestro, compositor, músico, ator de teatro e professor, mas surge como um desdobramento natural de quem sempre se entendeu como “um contador de histórias”.

Nas palavras de Emanuel Barros, músico, professor e poeta cordelista, que assina a orelha do livro, *Bebé* “é um desses inventores que toda roda boêmia decente precisa ter”, um narrador popular que fala à plateia como quem conta causos, sempre com um violão a tiracolo.

*Verdades que eu inventei* nasce de um ímpeto que o acompanhou por toda a vida: o de anotar as “besteiras” que cruzavam seu caminho, desde cenas e jeitos de falar até personagens anônimos que fariam Ariano sorrir pela espontaneidade. Cada poema longo do livro — três, ao todo — vem desse lugar embaralhado entre a memória e a invenção, onde temas como paixão, tragédia, comichidade, cotidiano, moralidade e bondade ganham destaque, ao lado de todas as suas contradições.

O poeta e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho, responsável pelo pre-

fácio da obra, resume essa miscelânea como “as fábulas da vida, onde o autor finca suas mais fortes raízes no veio inesgotável da cultura oral e popular”. Segundo *Bebé de Natércio*, as histórias que cria são exageradas na medida certa, sentimentais quando precisam e, sobretudo, honestas no que importa. “A gente é um pouco do que viveu e um pouco do que inventa. A nossa vida é um livro”, diz.

### Remontar o Sertão

A *grande mentira*, o primeiro da tríade de poemas, traz à tona um universo mais burlesco, que mistura cabaré, exagero e personagens pitorescos para remontar um Sertão que só poderia ter sido poetizado por quem o conhece tão bem. *Bebé* admite que muitas das figuras que aparecem ali eram conhecidas da juventude. “Eu botei o nome de todas as prostitutas do meu tempo”, confidencia, reafirmando o quanto sua escrita bebe da oralidade.

Já *A noite do amor sem fim* segue outro caminho, mais lírico, nascido de um pensamento solto que ganhou corpo no papel: “Eu sou um cara que pensa muito. Se eu achar interessante a história, vira poema”, analisa Natércio.

E, por fim, o poema *Duas amigas* fecha o livro com delicadeza e tragédia, em uma narrativa que costura amizade, destino e os dramas sertanejos.

Mas por que a poesia e não a prosa? As rimas que costuram as três narrativas dizem mais sobre *Bebé de Natércio* do que qualquer explicação teórica. Para quem passou a vida entre partituras e compassos, a poesia funciona quase como uma segunda língua. Música tem estrutura e método, assim como os versos que alinhou ao longo das 138 páginas de *Verdades que eu inventei*. “Nesse formato, eu tenho facilidade. Tem ritmo e forma de melodia”, explica.

Essa métrica sustenta o que ele chama de “coisa liquidifi-

cada”, a fusão entre música, teatro, docência e literatura, que marca a sua trajetória. O resultado é uma escrita que soa falada e preserva a espontaneidade dos “causos”, mas com uma construção precisa.

Para quem quiser desbravar esse Sertão inventado e, ainda assim, tão verdadeiro, haverá um lançamento do livro neste mês, durante o Salão do Artesanato Paraibano. No fim das contas, *Bebé de Natércio* confirma algo que Ariano Suassuna sempre soube: às vezes, a história mais inventada é, justamente, a que melhor revela quem somos.

Como Antonio Sales bem pontua no posfácio da obra, o autor se mostra como “um inato cronista do cotidiano”, disposto a contar suas verdades com a naturalidade de quem convida o leitor a puxar uma cadeira e escutar.

### Trecho de *A grande mentira:*

Qualquer fato que aconteça  
Seja de fracasso ou glória  
De tristeza ou alegria  
De derrota ou de vitória  
Eu falo para a plateia  
“Sou um contador  
de história”

Olho tudo que acontece  
Tento não ser leviano  
Onde tiver sucedido  
Meu verso vai se amolando  
Fica pronto pra cortar  
Fatos do cotidiano





Ilustração: Tênio

Professora exigente, religiosa e profundamente humana, Nicinha ajudou a formar gerações inteiras de futuros doutores

# Nicinha Holanda

## Paraibana compromissada com a Educação

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Há quem não venha ao mundo a passeio e permaneça na memória coletiva, mesmo depois da ausência. Na terra de padre Rolim, onde educar sempre foi um projeto maior, a professora Nicinha Holanda transformou sua vocação em compromisso de vida, em sintonia com a tradição que moldou Cajazeiras, no Sertão da Paraíba.

Nascida na década de 1920, chegou ainda jovem à cidade sertaneja e ali construiu uma trajetória que atravessou o ensino básico, a gestão escolar e a universidade. Professora exigente, religiosa e profundamente humana, ajudou a formar gerações inteiras de futuros doutores. Não teve filhos, mas seu legado permanece nos alunos, colegas e familiares que aprenderam com ela que a Educação, como dizia o padre Rolim, é o que salva o homem.

Batizada como Cleonice Rodrigues Holanda, ela nasceu em 12 de abril, no Sítio Maxixe, em Conceição, como registra o livro *Uma Família Holanda*, escrito por seu irmão, Diógenes. O momento, porém, foi “agridoce”, ao ser atravessado pela dor da perda: o pai havia falecido dois dias antes e fora sepultado na véspera de seu nascimento. Fragilizada pelo luto, a mãe de Nicinha enfrentou a situação em condições igualmente difíceis. “Chovia constantemente e, de tanto chorar e pouco dormir, ela adoeceu. Mas, apesar de todo o sofrimento, o parto foi normal”, narrou o irmão.

Ainda assim, a criança nasceu forte o suficiente para enfrentar uma infância descrita pela família como “frágil na saúde”. Nas palavras de Diógenes Holanda, embora fosse muito magri-

nha, a menina era bastante ativa, inquiete e observadora.

### Magistério como vocação

Em Conceição, Nicinha fez o ensino primário e, logo depois, mudou-se para Cajazeiras, onde ingressou no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, voltado à educação de meninas sob a orientação da Congregação das Irmãs Doroteias. Formou-se ali mesmo e nunca mais afastou-se da escola.

O professor e escritor Francelino Soares, membro da Academia Cajazeirense de Artes e Letras (Acal) e ex-aluno de Nicinha, resume com simplicidade aquilo que muitos repetem até hoje: “Ela só falava em estudo”. Era, a seu ver, o único caminho legítimo para quem queria seguir adiante. Um de seus sobrinhos, Sabino Holanda — filho de Diógenes — confirma essa insistência virtuosa. “Parece que ela já adivinhava como o mundo iria ficar. Hoje, com tanta competição, só segue quem tem alguma coisa. Sem estudo, não vamos a lugar nenhum”, reflete.

Não por acaso, o magistério veio cedo. Ainda jovem, Nicinha passou a lecionar como professora primária no Grupo Escolar Pedro Américo, instituição à qual ficaria profundamente ligada. Em 1948, assumiu a direção e assim permaneceu por 26 anos, chegando a aposentar-se por tempo de função. Foi ali que construiu sua imagem mais conhecida: a da diretora firme, disciplinada, respeitada e querida. Também chegou a atuar como docente nos colégios Nossa Senhora de Lourdes e Diocesano Padre Rolim.

Francelino Soares, que foi aluno na infância e voltou a conviver com ela já adulto, lembra que nunca a viu humi-

lhar um estudante. Havia rigor, sim, mas sobrava cuidado. “Guardo dela exatamente essa lembrança do zelo com que ela travava os alunos. Ela era muito carinhosa e estendia esse cuidado às famílias. Gostava de visitá-las, inclusive”, recorda.

### “Estude, meu filho”

Nem em casa Nicinha deixava de professorar. Sabino conta que ela acompanhava os estudos dos sobrinhos de perto e cobrava disciplina. “Ela enfatizava muito Redação e Matemática. Tia Nicinha tomava tabuada comigo, chamava de ‘tabuada na ponta da língua’”, relembra. O verbo pregado por ela era sempre o mesmo: estudar.

Sobrinha-neta criada sob sua influência direta, Cláudia Holanda foi outra “cria de Nicinha” que cresceu ouvindo esse mesmo recado. Hoje, também no papel de professora — atuando no Departamento de Fisioterapia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) —, ela reconhece na tia uma referência de vida, tanto profissional quanto pessoal. Foi Nicinha quem assumiu, por muitos anos, os cuidados com sua mãe, sobrinha que criou como filha, acompanhando de perto o adocimento pelo câncer e a perda. Ao não ter filhos, ela acabou exercendo a maternidade por outras vias — foi tia, mãe e avó. “E ela tinha muito orgulho porque a gente sempre gostou de estudar”, completa Cláudia Holanda.

### Religiosidade

Além do magistério, Nicinha tinha na fé sua maior expressão, algo que para ela era indissociável do ato de lecionar. Quem a conheceu sabe que foi catequista, benfeitora da Igreja e apoiadora cons-

tante de seminaristas. Segundo Francelino Soares, ela era uma figura muito ativa na sociedade cajazeirense. “Participava muito de eventos que envolviam religiosidade, como quermesses e festas da padroeira. Quando os alunos iam à igreja, era sempre sob o comando dela”, conta.

Não à toa, uma das histórias que divertem a sobrinha-neta até hoje tem como cenário a igreja da cidade. Na adolescência, Cláudia foi convidada pela tia para ajudar em um São João organizado para os seminaristas. Nicinha levou uma radiola portátil, colocou um disco de Luiz Gonzaga e a festa começou animada, até que as sobrinhas, embaladas pela música, começaram a chamar os seminaristas para dançar. A reação de Nicinha foi imediata: desligou o rádio e deu uma bronca homérica. “Eu trouxe vocês para ajudar, e não para desviar os seminaristas do caminho de Jesus”, disse. O momento foi tão curioso que a música que tocava na festa ficou marcada na memória de Cláudia Holanda — “Devagar, que o santo é de barro”.

Essa alegria também fazia parte de sua personalidade. Nicinha gostava de música, e “Cabecinha no Ombro”, imortalizada na voz de Almir Sater, era uma de suas prediletas. A sobrinha-neta lembra que a casa da professora nunca estava vazia: familiares, amigos, padres, seminaristas e vizinhos sempre estavam por lá. “Ela era uma pessoa muito alegre e divertida. Onde ela estava sempre havia alegria. Gostava disso nela”, pontua. Segundo Cláudia, Nicinha também era uma mulher independente, que viajava e mantinha sua autonomia. Vivia a vida sem pedir licença, algo pouco comum para mulheres da sua geração.

### Ancstralidade

Nos anos seguintes, já aposentada da gestão escolar, a professora ampliou sua atuação. Formou-se em História, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras (Facic), e passou a lecionar a disciplina no Centro de Formação de Professores da cidade, que fazia parte da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ali, ajudou a formar novos docentes, fechando um ciclo que ia da Alfabetização ao Ensino Superior.

Os últimos anos, entretanto, foram atravessados por perdas familiares profundas, entre elas a morte daquela que Nicinha criou como filha. Embora a dor tenha sido grande, o episódio não roubou-lhe a lucidez nem o senso de propósito. Pouco antes de morrer, voltou-se a Cláudia, em um gesto carregado de simbolismo, para reafirmar um legado construído ao longo de gerações: a Educação como escolha de vida. Era um lembrete de que esse caminho deveria seguir adiante na família Holanda, atravessando o tempo e chegando a quem viesse depois, inclusive a filha pequena de Cláudia Holanda — à época ainda bebê. “Ela dizia que eu seguia uma ancestralidade por também ser professora”, lembra a sobrinha-neta, que hoje segue representando a tia no compromisso com o conhecimento.

Nicinha Holanda morreu no dia 1º de maio de 2014, aos 90 anos de idade, mas permanece no imaginário de Cajazeiras até hoje. Segue como lembrança viva, celebrada a cada vez que um jovem escolhe o caminho dos estudos. Na cidade do padre Rolim, seu nome continua ligado à certeza de que a Educação transforma vidas, assim como transformou a dela.

## Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

## Anotações para um 2026 de boas práticas na comunicação

Mal piscamos e 2026 já entrou com os dois pés no calendário. Foi tão rápido, que nem sequer deu para ver se estava descalço ou de chinelos... Tão acelerado quanto “o novo tempo”, está o noticiário. Entre o Natal e a virada de ano, já vimos, ouvimos e quisemos “desver” (como se diz por aí) de tudo um pouco.

Em tempos de excesso de informação, em ano de Copa do Mundo e de eleições para presidente e governador, boas práticas na comunicação não são opcionais. São parte essencial da cidadania.

Por isso, não custa nada refletirmos sobre nosso modo de produzir e compartilhar informação. Em um cenário marcado pela velocidade, pela fragmentação, pelas notícias falsas e pelo excesso de estímulos, comunicar-se bem deixou de ser apenas uma habilidade técnica para se tornar um compromisso público.

Que em 2026 saibamos ler além das manchetes. Que sejamos capazes de identificar interesses e omissões que, muitas vezes, se escondem nas entrelinhas de títulos chamativos, nem sempre comprometidos com a informação de qualidade.

Que aprendamos a pausar antes de reagir a publicações carregadas de raiva e polarização nas redes sociais. O impulso pode gerar engajamento, mas raramente produz compreensão.

Que passemos a entender melhor o funcionamento dos algoritmos e, sempre que possível, a influenciar suas entregas. Buscar conteúdos diversos, confiáveis e construtivos é uma forma de resistir à lógica que privilegia o conflito e a desinformação.

Que o letramento midiático avance como prática social e educativa. O indivíduo capaz de interpretar criticamente o noticiário é menos vulnerável a discursos manipuladores, venham eles de pessoas comuns, agentes políticos, partidos ou interesses econômicos.

Que pais e mães assumam seu papel na educação digital de crianças e adolescentes, orientando-os sobre os riscos de um ambiente em que influenciadores nem sempre têm compromisso com valores coletivos, mas com métricas, publicidade e lucro, símbolos do “capitalismo” de plataforma.

Que jornalistas, profissionais de mídias sociais e comunicadores em geral incorporem de forma ética as ferramentas de inteligência artificial (IA) generativa, sem abdicarem da autoria, da criatividade e da escuta atenta da própria aldeia.

E que a escolha de pautas e personagens valorize, cada vez mais, a cultura brasileira, as histórias cotidianas e a diversidade do país: nossa casa e nossa gente!



Foto: Leonardo Jrêla

Que jornalistas e outros profissionais incorporem de forma ética as ferramentas de inteligência artificial generativa, sem abdicar da autoria, da criatividade e da escuta atenta da própria aldeia

## Tocando em Frente

## Folia de Reis

Alado das cognominadas músicas circunstanciais — natalinas, carnavalescas e juninas — uma certamente é pouco lembrada entre nós, sobretudo por ter o seu uso vinculado ao interior do centro-sul do país e, portanto, sem ser muito vinculada e/ou executada, por exemplo, em nossa região nordestina.

As criações musicais referentes aos festejos da Folia de Reis centralizam-se e são mais executadas durante o mês de fevereiro, com concentração nos festejos celebrados na próxima terça-feira (6), que, para religiosos e profanos, fazem referência ao sexto dia do ano, conforme determina o calendário cristão, o calendário gregoriano, padrão internacional usado, mais frequentemente, nos países latinos e europeus, e instituído pelo papa Gregório XIII, em 1582, em substituição ao antigo calendário juliano.

Em princípio, a Folia de Reis tratava-se de uma manifestação de natureza católica, cultural e festiva, hoje quase folclórica, e, evidentemente, tem como referência a festa religiosa da Epifania do Senhor, também conhecida como “Teofania”, que se caracteriza por celebrar a adoração ao menino Jesus, dos três Reis Magos — Gaspar (da Índia, trazia ouro), [M]Belchior (da antiga Pérsia ou Caldéia, trazia incenso) e Baltazar (da Arábia ou Golfo Pérsico, trazia mirra).

Os festejos espalharam-se pelo mundo e adentraram o Brasil, tendo como origem a tradição cristã europeia, mais especificamente a portuguesa e a espanhola,



Professor Francelino Soares  
francelino-soares@bol.com.br



Imagem: Reprodução/CBS

Álbum “O Canto das Lavadeiras”, de Martinho da Vila, que, no seu todo, é um louvor ao nosso folclore

trazida pelos colonizadores, mais com o propósito de catequizar os povos indígenas. O passar dos tempos fez com que a festa assumisse um caráter folclórico, com uma diversidade de nomes, fixando-se, sobretudo, no interior dos estados de Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e, mais recentemente, no Ceará. Outros nomes lhe foram dados: Reisado, Festa dos Santos Reis.

A tradição incorporou e cultiva certos hábitos com características camavalecas, sem desprezar a autenticidade impressa pelos cristãos, como vestimentas, visitas de cortejos às casas dos festeiros e, o que

mais nos interessa, a criação de músicas autênticas e outras mais tradicionais.

Os grupos de reisado, em seus desfiles, incorporam danças e músicas típicas e o pedido de bênçãos, sobretudo, para as famílias visitadas, quando percorrem não apenas cidades, mas as zonas rurais.

Enfim, é uma festa com todas as características populares, com a adoção, inclusive, de um hino oficial e uma bandeira adremente adotada e consagrada.

Como dito, o tempo já incorporou até um hino oficial, o “Hino de Reis”, cuja autoria é atribuída à tradição e faz alusão aos festejos, como na estrofe de visitação:

“Deus lhe salve a santa casa / onde é sua moradia / e aqui mora o Deus Menino / e a hósta consagrada...”.

Outra música que foi incorporada ao repertório, também de natureza tradicional, é a “Folia do Divino”, que, em certa passagem, diz: “Senhor dono da casa / vai chegando a folia / vem beijar a nossa bandeira / e escutar a cantoria...”.

Em tempos mais recentes, duas criações musicais nos trazem, de forma quase didática, ilustrações básicas daquilo que os festejos representam:

■ Tim Maia, o rei do soul brasileiro, gravou, em 1971, “A Festa do Santo Reis” (Márcio Leonardo), cuja letra diz a que veio: “Hoje é o dia de Santo Reis / Anda meio esquecido / mas é o dia da festa de Santo Reis / (...) Eles chegam tocando / sanfona e violão / Os pandeiros de fita / carregam sempre na mão...”.

A utilização instrumental, para quem conhece a música, traz a lembrança nostálgica da tradicional música nordestina (ainda, bem!).

■ Martinho da Vila também nos deixou um exemplo de bom gosto, com a gravação de “Folia de Reis” (autoral, de 1989): “A vinte e cinco de dezembro / se reúnem os foliões / e vão pra rua / bater caixa nos portões / Lá vão pandeiro, sanfoneiro, violões. / Ô de casa, ô de fora! / Quem de dentro deve estar / Os de fora Santos Reis / que lhes vieram visitar...”.

Quanta beleza, sonoridade, harmonia instrumental, que, infelizmente nem todos conhecem.



SUSTENTABILIDADE

# Inteligência artificial tem implicações na natureza

Impacto no meio ambiente ocorre devido ao alto consumo de água e energia

Agência Estado

A Ecolab, líder global em sustentabilidade, com soluções e serviços voltados à gestão da água, higiene e prevenção de infecções, lança a terceira edição do Ecolab Watermark(TM) Study, levantamento global que analisa a percepção dos consumidores sobre os desafios hídricos, a sustentabilidade e o papel das empresas em um mundo impactado pela tecnologia e pelas mudanças climáticas. Ao analisar o Brasil, a pesquisa identificou que as pessoas demonstram alto nível de consciência ambiental e engajamento com a preservação da água, mas ainda têm pouco conhecimento sobre o impacto hídrico de tecnologias emergentes, como a inteligência artificial (IA) e a operação de *data centers*.

A inteligência artificial tem um impacto ambiental crescente devido ao alto consumo de energia e água necessário para operar e resfriar *data centers*. O avanço dessas tecnologias aumenta a pegada de carbono digital, reforçando a importância de soluções mais eficientes e sustentáveis para reduzir o uso de recursos naturais. A pesquisa deste ano destaca a percepção sobre a conexão da água com tendências globais, como as novas tecnologias. Apenas 50% dos brasileiros reconhecem que ferramentas de IA consomem água em suas operações, evidenciando uma lacuna de informação sobre a relação entre inovação e sustentabilidade. Entre as pessoas que sabem sobre o uso de água pela IA, 40% acreditam que as novas tecnologias desviam recursos e

contribuem para a escassez hídrica.

Quando o tema é consumo de energia, o conhecimento é maior: mais de 60% dos brasileiros afirmam estar cientes do uso energético dessas tecnologias. Nos Estados Unidos, a percepção é mais limitada, apenas 46% reconhecem que operações de IA consomem água e 55% percebem o consumo de energia. Na América Latina, o padrão se repete: 68% dos consumidores identificam o uso de energia em sistemas de IA, mas somente 51% reconhecem o uso de água, reforçando a necessidade de ampliar o debate sobre o custo hídrico da digitalização e o papel das empresas na gestão responsável desse recurso essencial.

“Embora uma parte dos brasileiros reconheça o papel vital da água, há a ausência de informações sobre o uso do recurso pela IA. O consumo varia conforme a localização, tamanho da instalação, tecnologias de resfriamento e o *mix* de energia elétrica usados, mas um centro de dados de um *megawatt* de potência elétrica pode usar cerca de 25,5 milhões de litros de água por ano apenas para resfriamento, segundo o Fórum Econômico Mundial. O volume é o equivalente a 10 piscinas olímpicas”, destaca Alfredo de Matos, vice-presidente e gerente-geral da Ecolab para o Brasil.

### Consciência

Entre os brasileiros, a preocupação com a água é expressiva: 73% dos consumidores já utilizam menos água no seu dia a dia e 81% afirmam estar dispostos a utilizar água reutilizada e reci-



Uso de tecnologias emergentes reflete-se no carbono digital

clada. Outro dado importante sobre a consciência hídrica no país: 80% dos consumidores brasileiros acreditam que as mudanças climáticas e o aumento dos desastres naturais levam ao aumento do estresse hídrico, impactando a disponibilidade e a qualidade da água. Cerca de 50% das pessoas acreditam que há escassez deste recurso no Brasil.

Nos EUA, por exemplo, 39% dos entrevistados afirmam que a água é escassa no país. Para 87% dos brasileiros entrevistados, os incêndios florestais serão os principais desastres relacionados à água que impactarão suas vidas nos próximos cinco anos, enquanto 83% acreditam que as inundações serão mais frequentes.

## Charada

**Resposta da semana anterior:** Peça circular da máquina (2) = roda + membro inferior (1) = pé. **Solução:** proteção inferior do piso (3) = rodapé.

**Charada de hoje:** Eu giro (2) por esta estrada (2), pois ela achava graça (2) com meu jeito de andar, procurando onde ficava o terminal dos ônibus (6).



Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Ilustração: Bruno Chiossi



Foto: Divulgação/Freeptik

## Eita!!!!

### # Novo ciclo

As imagens da festa de Ano Novo ainda estão recentes na memória. Os *shows* pirotécnicos repletos de cores; a preferência pela vestimenta branca, o hábito de evitar consumir determinados alimentos, a contagem regressiva para a virada do ano, enfim, todo um contexto especial marca a chegada de mais um ciclo da vida. Cada situação vivenciada no Réveillon tem um significado, uma história que a originou e algumas são completamente inusitadas. Confira abaixo algumas curiosidades sobre a virada do ano.

### # Fogos para afastar maus espíritos

Quem costuma admirar a beleza do *show* pirotécnico na virada do ano, não imagina que esse momento poético só é possível graças à pura engenhosidade química que remonta há mais de dois mil anos. Os chineses, criadores dos fogos de artifícios, costumavam usar o chamado “fogo químico” na ponta de bambus para afastar os espíritos malignos na passagem do ano. Com o passar do tempo, a pólvora foi levada para a Europa e o Oriente Médio e, com o avanço da Química, foi possível aperfeiçoar os fogos de artifícios. No Brasil, o produto chegou há mais de um século pelas mãos dos italianos e portugueses e passou a ser usado nos mais variados tipos de festividades.

### # Roupas brancas faz referência à Iemanjá

O costume de usar roupas brancas na passagem de um ano para o outro tem relação com o culto à mãe do orixás, Iemanjá. Pesquisadores contam que tudo começou quando um grupo pertencente a religiões africanas realizou, na década de 50, a festa dedicada à Iemanjá no litoral de São Paulo, com todos vestidos de branco. No decorrer dos anos, a comemoração ganhou grandes proporções, sendo adotada também pelo Rio de Janeiro e arrastou multidões, instituindo assim o branco com a cor do Réveillon no Brasil.

### # Como foi instituído o último dia do ano?

Por que o último dia do ano é 31 de dezembro? A instituição da data tem influência da igreja católica, com a adoção do calendário gregoriano, também chamado cristão. Algumas civilizações da antiguidade celebravam a virada do ano no mês de março porque tinham como referência a despedida do inverno e a chegada da primavera. Para os romanos, esse dia era dedicado a Jano, deus das mudanças e transições. Em 46 a.C., o imperador Júlio César associou a data ao ano-novo, seguindo o calendário juliano. Somente no fim do século 16, a Igreja católica oficializou o calendário gregoriano que considerou 1º de janeiro como o início de um novo calendário anual, ou seja, o início de um novo ciclo. A data é seguida por vários países ocidentais.

## 9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)

## Tiras

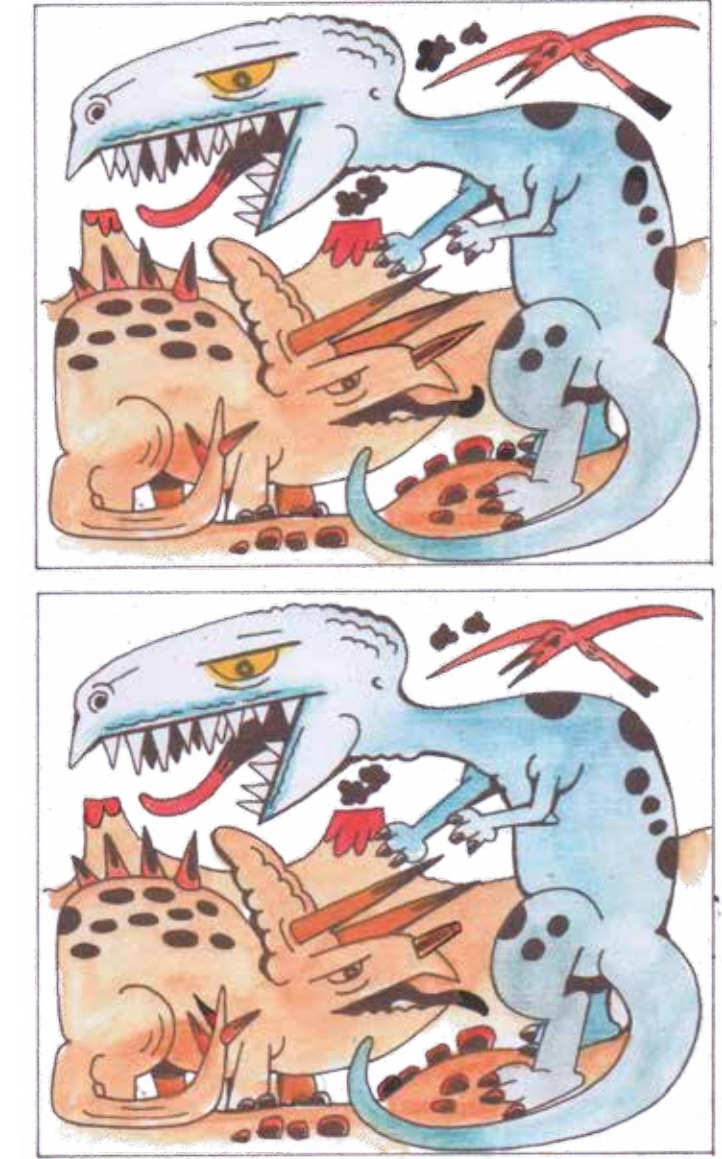
### O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



### Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



### Solução

1 – dente do Rex; 2 – fumaça; 3 – lava; 4 – chifre do Thicetops; 5 – cauda do Perodactilo; 6 – pintas do Rex; 7 – língua do Thicetops; 8 – cauda do Thicetops; 9 – pedras.